EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

131 Anos
Patrimônio da Paraíba

Ano CXXXI Número 075 | R$ 3,50



João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 28 de abril de 2024
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EM JOÃO PESSOA

Obras inacabadas oferecem risco e prejudicam o mercado

Moradores de áreas com construções paradas reclamam de insetos, invasões e desvalorização imobiliária. *Página 7*

Foto: Evandro Pereira



Empreendimentos interrompidos causam transtornos diversos à vizinhança; algumas obras estão paradas há cerca de 10 anos e servem de abrigos a desocupados

Privação do sono afeta saúde de jovens e preocupa pais

Relacionada ao uso da tecnologia, condição pode comprometer o desenvolvimento físico e mental.

Página 6

"Guarda-roupa compartilhado" atrai novos consumidores

Mercado de aluguel de roupas e acessórios cresce tendo como meta economia e sustentabilidade.

Página 17

Foto: Edson Matos/Arquivo



Memórias

*Dedicação e esforço marcam trajetória em **A União***

João Pereira chegou ao jornal há quatro décadas para trabalhar na vigilância. Com o tempo, passou por várias funções, melhorou habilidades e, atualmente, trabalha no Arquivo.

Páginas 14 e 15

Especialistas advertem sobre o uso precoce da maquiagem

Além dos cuidados com a pele, a utilização de produtos cosméticos por crianças também demanda atenção para a saúde mental. O alerta de médicos e psicólogos refere-se ao hábito excessivo, que pode estar relacionado à imagem formada sobre o próprio corpo.

Página 5



Foto: Ortilo Antônio

Correio das Artes

A edição deste mês do suplemento cultural traz reportagens sobre os dois homenageados do 7º Festival de Música da Paraíba: José Marcolino e Cátia de França. O autor de "Numa sala de reboco" morreu em 1987, e Cátia se reinventa com novo disco. O *Correio das Artes* sai encartado no jornal para os assinantes, mas também é vendido nas bancas, separadamente.



■ "Quando existiam aqui três jornais impressos, gastava a manhã inteira a saber dos outros, sobretudo da cidade, mais para conferir suas andanças, seus reparos, que para saber novidades. Lia por nós todos e para todos nós".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Os seus dotes vocais diferenciados foram notados desde quando costumava cantar o repertório da época em serestas e festinhas populares. Desfeito o grupo vocálico, para ele tudo voltou à estaca zero".

Professor Francelino Soares

Página 27

Editorial

Em praça pública

A preocupação com a segurança e o uso intensivo de dispositivos eletrônicos, principalmente os que dão suporte às redes sociais, a exemplo dos aparelhos celulares, ao que tudo indica, são alguns dos fatores que estão impedindo uma associação maior e mais ativa de moradores, nos bairros das cidades brasileiras, no sentido de definir as necessidades coletivas mais prementes e reivindicar soluções para elas ao poder público.

A confraria de residentes é um valioso instrumento democrático, posto que aproxima os moradores das cidades e potencializa um melhor entendimento da realidade social na qual estão inseridos, favorecendo assim a defesa dos interesses coletivos nos núcleos basilares de cidadania, que são os bairros. A articulação política, por meio de conselhos, é um engenho poderoso para obtenção de conquistas sociais.

O contato presencial e permanente entre os habitantes de qualquer cidade, para um debate franco acerca de problemas comuns, registrados nos bairros, é uma das alternativas para se lançar as luzes do bom senso em áreas delicadas, como religião, gênero, raça, ideologia etc. Sim, porque questões como essas segregam, contribuindo para a formação de grupos antagônicos, prato cheio para a elevação dos índices de violência.

A mobilização popular, quando manifestação espontânea de pessoas que moram em uma mesma área, no caso, os bairros das cidades, pode evoluir para uma frente política de muita força, pelo alto nível de representatividade, podendo, por isso mesmo, obter respostas mais rápidas para suas demandas perante os poderes constituídos. O objetivo final seria contribuir para o desenvolvimento do país.

O debate nos espaços virtuais tem sua importância para o fortalecimento dos movimentos populares. Não há como negar as redes sociais. Ocorre que há muitos exemplos de moradores que só se relacionam pela tela do computador, principalmente de aparelhos celulares, o que deixa as ruas vazias, sem vida, como se tudo pudesse se transformar sem a necessidade de viver, de fato e de direito, as cidades.

Imagine uma multidão discutindo em praça pública ou centros comunitários os projetos em debate nas casas legislativas (a reforma tributária, por exemplo); a qualidade e a extensão dos bens e serviços ofertados pelos executivos, e o que faltou ser realizado, de tudo o que foi prometido durante as campanhas eleitorais. Isso para dizer o mínimo. A evolução e a segurança da democracia dependem muito disso, também.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Os 22 votos que faltaram

Tudo começou em 1983, com a apresentação de uma Emenda Constitucional propondo o fim do Colégio Eleitoral para Presidente da República (na verdade, o ditador de plantão), recuperando o direito do povo de escolher o primeiro mandatário da Nação pelo voto direto. Quem a apresentou foi o jovem deputado do PMDB do Mato Grosso, Dante de Oliveira, até então uma figura parlamentar pouco conhecida no cenário político nacional.

Em princípio a ideia não foi levada muito a sério, poucos acreditavam que pudesse ser acolhida majoritariamente pelo Congresso, ainda que as eleições para governador, realizadas um ano antes, tivessem dado uma demonstração de que havia um desejo popular de enfrentar o regime de força a que estávamos sendo submetidos. Pelo voto direto, a oposição conseguiu sair vitoriosa em vários estados importantes da Federação. Isso, de alguma forma, estimulava tentar fazer com que a eleição presidencial também pudesse ser realizada pelo voto direto.

Dante de Oliveira ganhou um apoio importante para dar força ao movimento político que planejara. O então presidente do PMDB, o deputado Ulysses Guimarães, decidiu caminhar junto nessa proposta. Foi o suficiente para que os parlamentares que formavam a ala progressista do partido se inserissem na campanha, que passou a ser conhecida como "Diretas Já".

A partir de um debate realizado em Goiânia, em maio daquele ano, o movimento ganhou repercussão nacional e serviu como exemplo para que comícios fossem realizados nas principais capitais do país. Leonel Brizola, eleito governador do Rio de Janeiro, se integrou à campanha. O Partido dos Trabalhadores igualmente se manifestou oficialmente em favor da PEC, sob a liderança de Lula. O palanque desses atos públicos deu espaço para celebridades artísticas, culturais e esportivas, como a cantora Fafá de Belém, a atriz Cristiane Torloni, o jogador de futebol Sócrates, o radialista e escritor Mário Lago e o jurista Sobral Pinto, só para citar alguns. "Diretas Já" se tornou um movimento de grande apoio popular.

No dia da votação, 25 de abril de 1984, o presidente João Batista de Figueiredo decretou "Medidas Emergenciais" e designou o General Newton Cruz para comandar a repressão às manifestações populares. O Brasil inteiro amanheceu com a esperança de que voltaríamos a eleger nosso presidente da República. O clima era de tensão. Uma multidão ocupou a Esplanada dos Ministérios, gritando as palavras de ordem "1,2,3, quatro, cinco, mil! Queremos eleger o presidente do Brasil", e enfrentou o forte aparato policial montado pelo Governo Federal. Enquanto no plenário da Câmara as articulações políticas se intensificavam, com as galerias ocupadas por muita gente, nas ruas o ambiente era de terror, em razão das explosões de bombas e prisões produzidas pela polícia.

A expectativa era muito grande. Porém, quando o painel que apontava o resultado da votação foi aberto, para frustração de todos, faltaram 22 votos para que a Emenda pudesse ser enviada ao Senado. Foram 298 votos a favor, 65 contra, três abstenções e 113 ausências. A pressão do governo funcionou. A galeria reagiu com vaias. Muita gente chorava lamentando a derrota. Cinco anos depois é que pudemos voltar a eleger o presidente da República pelo voto direto, mas, com certeza, a Emenda Dante de Oliveira contribuiu decisivamente para que a redemocratização se efetivasse com a vitória da chapa Tancredo Neves-Sarney no dia 15 de janeiro do ano seguinte, pelo Colégio Eleitoral. Valeu a luta. Os saudosos da Ditadura Militar tentaram recentemente promover o retrocesso, planejando um golpe que foi abafado pela brava ação das instituições republicanas. Ditadura nunca mais.

> **"Dante de Oliveira ganhou um apoio importante para dar força ao movimento político que planejara**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio



A natureza e suas estratégias pela vida

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Amor-próprio e ao dos outros

Hildeberto Barbosa Filho ressalta numa *Letra Lúdica* dos meus guardados a falta que vem fazendo a crônica assinada por Martinho Moreira Franco, em sua maioria fadada a se manter viva em livro. Quantas delas nos revisitam por si mesmas, associadas a alguma emoção do instante presente. Foram muitos os momentos bem-sucedidos de sua especial subjetividade.

"Como tantos outros, não coligiu seu texto publicado nos jornais num volume que permitisse relê-los, ao sabor do critério da vontade e da estesia que a arrumação de suas palavras na frase despertava no leitor,"lamenta, às custas de seu exemplo, estendendo aos outros o amor que nutre pelo labor literário.

Martinho ironizava-se se dizendo cronista de variedades, carona que pegou na qualificação de intenção elogiosa como uma confrade amiga o tratara num registro qualquer.

E que variedades! Lembrei-me, já agora, por ser final do abril de Augusto e pela insistência como o telefone forçou-me a sair da rede só para ouvir um "desculpe, foi engano" - lembrei-me de crônica fora do estilo de Moreira a tirar partido da "ultrajante invenção do telefone", nevrose que ele não deixou exclusiva do poeta do EU. Pena que essa crônica tenha se ido com ele.

Também Crispim se queixava da intervenção do telefone nos momentos mais inoportunos, cortando frases ou ideias em formação, como se escrever para ele fosse um prazer de portas bem fechadas. Andava de caderneta e lápis para o surto das ideias.

Quanto a Martinho, devo lembrar que foi sempre comedido em sua própria avaliação. Até mesmo em vazar seus autores e leituras, salvo as de cinema ou autores que migraram do jornal antes do livro e que fizeram o que ele não fez, buscar homizio mais seguro. Mas ninguém se deixasse levar por essa parcimônia. Percorrera o melhor da literatura brasileira e muita coisa estrangeira quase sempre atraído pela versão cinematográfica como Hemingway, só para citar o de sua maior nota, *O velho e o mar*.

Quando existiam aqui três jornais impressos, gastava a manhã inteira a saber dos outros, sobretudo da cidade, mais para conferir suas andanças, seus reparos, que para saber novidades. Lia por nós todos e como sabia que muitos não liam ou liam por cima, era ele que fazia o telefone nos acordar para a notícia que suscitasse solidariedade ou nos deixasse numa boa. Lia por nós todos e para todos nós. Nas suas mãos, o telefone deixava para trás a má fama de invenção ultrajante.

Nesse amor firme e justo pelas letras dos outros, Hildeberto não esquece seu antigo colega de colégio, Arlindo Almeida, "de quem li, no dia a dia dos jornais impressos páginas de indiscutível valor a transbordar da fugacidade do tempo e da circunstância, detentora daquele olhar especial que só o autêntico jornalista possui", conclui depois de ressaltar o pendor de Arlindo para as temáticas literária e filosófica, revelado desde o aluno do Colégio da Prata, em Campina Grande. Não cuidou de si, como reclama seu fiel colega de classe escolar, mas deve-se à dedicação de Arlindo, morto precocemente, a coleta possível das crônicas de outro que se consagra como belo exemplar humano, Nathanael Alves, mas que subestimou o belo acervo de páginas escritas em tom de apólogo dirigido a um mundo muito mais carente de amor que a do autor do seu livro de cabeceira, o jesuíta Teilhard de Chardin.

> **"Foram muitos os momentos bem-sucedidos de sua especial subjetividade**
>
> Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

FAMÍLIA ACOLHEDORA

Programa beneficia crianças e adolescentes

Serviço, executado pela Sedh, atende menores em situação de risco na PB

Samantha Pimentel
samanthapimentel.jornalista@gmail.com

Na Paraíba, crianças e adolescentes em situação de risco podem contar com o Serviço Regionalizado de Família Acolhedora, que existe desde 2021, atendendo os menores que foram afastados de suas famílias de origem por decisão judicial. O Serviço segue as determinações do Estatuto da Criança e do Adolescente (Eca) e é executado por meio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), conforme prevê a Lei Estadual nº 11.038/2017.

Atualmente, o Serviço conta com sete pólos regionais, localizados em João Pessoa, Guarabira, Esperança, Patos, Princesa Isabel, Itabaiana e Pombal, atendendo 121 municípios do Estado. Por meio dele, as crianças e adolescentes são recebidos, de forma temporária, em lares previamente habilitados e credenciados. Hoje, são 53 famílias cadastradas, e sete delas estão no processo de acolhimento, nos municípios de Conde, Alagoinha, Borborema, Logradouro, São Mamede e Barra de Santana.

Segundo a secretária da Sedh, Pollyanna Dutra, esse serviço é importante para oferecer às crianças e aos adolescentes, que tiveram seus direitos violados, uma nova referência familiar. "Esse programa vem para desinstitucionalizar, vem pra reparar os vínculos afetivos. Quando você referencia esse público-alvo a uma família, a uma unidade do lar, com regramento familiar, com ordenamento familiar, com respeito, introduzindo elementos intrínsecos como amor, compaixão, solidariedade, é o retorno da criança ao lar e isso é importante porque vai refletir por sua vida inteira", destacou.

A diretora do Sistema Único de Assistência Social da Sedh, Francisca Vieira, destaca que o acolhimento familiar, mesmo previsto há muitos anos no Eca e no Sistema Único de Assistência Social (Suas), é ainda pouco executado no Brasil, e a Paraíba é pioneira nesse sentido, trazendo benefícios às crianças e aos adolescentes. "Estudos demonstram que crianças que são acolhidas em domicílios familiares, elas têm mais facilidade de aprendizado, de socialização, de estabelecer relações de amizade, de vínculos, também têm maior facilidade de definir-se numa carreira profissional. Então, a Paraíba ela se coloca de forma pioneira por ser um dos primeiros estados do Brasil que implementa esse Serviço no âmbito da gestão pública", afirmou.

O serviço acontece de forma regionalizada, seguindo a estratégia prevista no Suas, onde os polos implantados também dão suporte aos municípios da região que sejam de portes I (até 20 mil habitantes) e II (de 20.001 até 50 mil habitantes), e que não possuem a oferta de serviços de Proteção Social Especial (PSE). A partir de pactuação com esses municípios, deve haver a designação de um profissional que seja referência para a articulação com o Polo Sede, além da realização de trabalho social com a família de origem, repasse dos subsídios à família acolhedora, divulgação do serviço junto a população local, e outras ações que acontecem em conjunto com o Estado. As famílias cadastradas, durante o processo de acolhimento, são subsidiadas mensalmente, para custear as despesas da pessoa acolhida. No ano passado, o valor do investimento foi de R$ 103.992,00, e o serviço já beneficiou 17 crianças e adolescentes do Estado.

Processo de acolhimento no município de Conde


Foto: Evandro Pereira
Adolescente de 13 anos está sendo acolhida pela família de Ezequiel e Maria das Dores

No município de Conde, há cerca de um ano e meio, a família do motorista Ezequiel Araújo de Santana está em processo de acolhimento de uma adolescente de 13 anos, e ele conta que a experiência de participar do Família Acolhedora tem sido muito positiva. "Está sendo ótimo, a gente já conhecia ela, que vinha aqui brincar com minha filha, já tinha um vínculo", destacou.

A esposa de Ezequiel, a dona de casa Maria das Dores Costa de Santana, fala que no começo o processo de adaptação foi mais difícil, porque a adolescente estava acostumada com outras regras e hábitos. "Era uma criação diferente, e aqui tinha outras regras, mas o pessoal foi ajudando a gente, o pessoal do Governo acompanhando todo mês. Então fomos orientando, dando conselhos, ajeitando… na escola deu trabalho também, mas ela foi melhorando muito, agora já se acostumou, já se sente em casa", afirmou. Maria das Dores também comenta que não faz diferenciação entre a adolescente que está em acolhimento e suas filhas biológicas, e que a rotina de cuidados é a mesma com todas elas.

A família conheceu o Serviço por meio do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) da região, onde Ezequiel trabalhou como motorista. Então, por já ter um vínculo com a adolescente, que era amiga de uma das filhas do casal, eles foram apresentados ao Serviço e resolveram se inscrever para acolhê-la. "O coordenador perguntou se a gente tinha interesse em se inscrever no Família Acolhedora. Eu disse: temos. Aí foi seguir todos os trâmites, porque ele preferiu nos dar prioridade porque já tínhamos um vínculo", afirmou.

Ezequiel também relata que, antes de iniciar o acolhimento, ele e a esposa passaram por um curso de formação: "A gente faz o cadastro aí vão verificar se a gente está apto, aí a gente faz um curso. Também tem o contato com o pessoal do Creas, eles vêm aqui, vem assistente social, vem psicóloga, vem o responsável pelo Creas, vem o pessoal do Família Acolhedora, e faz um montante de entrevista. Porque também a gente não pode entrar assim de bolo, tem que ter todo um trâmite legal", afirmou. Mesmo após o cadastro e início do acolhimento, a família segue sendo acompanhada e orientada periodicamente pela equipe do serviço.

Como se Cadastrar

A seleção das famílias que desejam integrar o Família Acolhedora acontece por meio de edital de chamamento público, e é preciso atender a alguns critérios, como: disponibilidade afetiva, estabilidade emocional, padrão saudável das relações, rotina familiar estável, entre outras características.

As inscrições podem ser feitas pelo site do Governo da Paraíba, no endereço: www.paraiba.pb.gov.br/, na página da Secretaria de Desenvolvimento Humano, aba "Editais", ou ainda nos Polos Regionais do Serviço:

- **João Pessoa:** Rua Abdias Gomes de Almeida, 800 - Tambauzinho
- **Guarabira:** Rua Desembargador Pedro Bandeira, 251 - Rodagem
- **Esperança:** Rua General Osório, 359 - Centro
- **Patos:** Praça Edvaldo Mota, 100
- **Itabaiana:** Rua do Jacuri, s/n - Bairro do Jacuri
- **Princesa Isabel:** Rua Coronel Marçal Florentino, 035 A - Centro
- **Pombal:** Rua Jerônimo Rosário, 356 - Centro

Saiba Mais
O Serviço Regionalizado de Família Acolhedora foi apresentado como referência para o Brasil no 14º Encontro Operacional dos Promotores de Justiça da Área da Infância, Juventude e Educação, realizado pelo Ministério Público do Tocantins (MPTO), no município de Palmas.

UN Informe
Da Redação

PRÉ-CAMPANHA EM CAJAZEIRAS PEGA FOGO COM TROCA DE ACUSAÇÕES

O discreto sub-procurador jurídico da Assembleia Legislativa da Paraíba e ex-deputado estadual, Jeová Campos (foto), andou concedendo entrevistas no Sertão em defesa do líder do governo, deputado Chico Mendes, e com ataques à gestão municipal em Cajazeiras, mais especificamente à secretária de Educação e pré-candidata a prefeita, Corrinha Delfino. Já sobre as fortes críticas de Júnior Araújo, da tribuna da Assembleia, contra Mendes, que é pré-candidato a prefeito do município, Jeová o comparou a um "bebê chorão" e disse que, na eleição passada, Júnior era quem perseguia servidores contrários à então candidata Denise Oliveira. Já em relação a Corrinha, o ex-deputado afirmou, em entrevista à rádio Difusora AM do município, que a pré-candidata estaria recebendo indevidamente salários de outra prefeitura – a de Cachoeira dos Índios – e que iria fazer uma denúncia formal à Câmara Municipal e ao Ministério Público da Paraíba. A reação veio em forma de nota oficial da atual secretária, que considerou "infundada, politiqueira e desregrada" a denúncia de que seria servidora "fantasma". Segundo a nota, Corrinha é servidora efetiva do município de Cachoeira dos Índios, estando permutada com a servidora Ana Maria Maracajá, que agora atua como secretária de Educação daquele município. "A permuta entre servidores é ato legal, fundamentado nas leis municipais, tanto de Cajazeiras quanto de Cachoeira dos Índios", diz a nota, que ainda informa que medidas judiciais serão adotadas contra Jeová. Pense numa pré-campanha quente!


Foto: Divulgação

PEGOU MAL

Pegou mal o comentário do presidente da Assembleia Legislativa do Estado, deputado Adriano Galdino, sobre os direitos das mulheres. Ao anunciar a visita da ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, à Assembleia Legislativa para lançar a campanha "Brasil sem misoginia", ao mesmo tempo em que fazia, a pedido da deputada Dra. Paula, a convocação a todos os parlamentares para participarem do evento, Galdino saiu-se com essa: "Os homens estão convidados, e as mulheres, convocadas". E tentou explicar o comentário: "É interessante que, para as coisas boas, as mulheres querem ser diferenciadas, querem vaga no TJ, nos concursos públicos...". Como se fosse algo penoso para as mulheres participar do evento. O lançamento da campanha, então, não seria "coisa boa"?

SEGREDO DA MINISTRA

A ministra da Mulher, Cida Gonçalves, disse, durante a entrevista coletiva concedida à imprensa paraibana, que retornará ao estado no mês de junho para um anúncio a ser feito em conjunto com o Governo do Estado. O que será anunciado foi mantido em segredo entre o governador João Azevêdo, a ministra e a secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura.

O PRINCÍPIO DE UM PROJETO

Durante a apuração da consulta prévia para a reitoria da UFPB deste ano, um nome foi bastante lembrado pelos presentes. Foi o do professor Luiz Sousa Junior (*in memorian*), que concorreu à reitoria em 2016, tendo Terezinha como candidata a vice-reitora. Não lograram êxito, naquela ocasião, mas foi o início do projeto que levou Terezinha e Mônica a serem escolhidas reitora e vice-reitora pela comunidade acadêmica da UFPB em 2020 e, novamente, neste ano.

FESTA EM SANTA RITA

O prefeito de Santa Rita, Emerson Panta, faz suspense sobre a programação do São João deste ano, que, segundo garante, será "uma festa inesquecível". O lançamento oficial da festa será no próximo dia 2, a partir das 18h, no Ginásio O Renatão, quando o prefeito revelará as atrações. Panta diz que, além de proporcionar momentos de lazer ao povo de Santa Rita e cidades vizinhas, a festa é uma oportunidade para fortalecer a economia local.

COM NOVAS VAGAS NO TJPB, COMEÇAM ARTICULAÇÕES PARA LISTA SÊXTUPLA

Começa, nos bastidores, a articulação para as consultas que resultarão nas listas sêxtuplas da OAB-PB e Ministério Público da Paraíba para as vagas de desembargador que surgirão no Tribunal de Justiça. É que o número de membros do TJPB deverá passar de 19 para 26, de acordo com proposta encaminhada pelo Judiciário à Assembleia Legislativa. Pela regra do quinto constitucional, uma das vagas será preenchida por um advogado ou advogada, e outra por um promotor ou promotora.



Foto: Leonardo Ariel

Caio Maia Figueiredo

Superintendente regional do INSS no Nordeste

"Estamos fazendo mutirões para zerar fila de espera"

No início do ano, lista de pessoas que aguardavam por benefícios no Nordeste ultrapassava a faixa de 522 mil

Samantha Pimentel
samanthapimentel.jornalista@gmail.com

Com a missão de reduzir a fila de espera para análise e concessão de benefícios previdenciários, o novo superintendente regional do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Caio Maia Figueiredo, foi nomeado para o cargo em fevereiro deste ano. Ele vem buscando realizar ações de descentralização dos atendimentos, além de buscar diálogos e parcerias que possam contribuir com a redução do tempo de espera nas agências do INSS em todo o Nordeste. O desafio a vencer é a grande fila. Em janeiro deste ano, cerca de 522 mil pessoas aguardavam por serviços do INSS na região. Apesar do cenário crítico, o gestor acredita que, unindo forças, é possível oferecer um serviço cada vez melhor para a população.

Caio Maia Figueiredo é natural de Fortaleza e iniciou sua trajetória no INSS em 2008, na Agência da Previdência Social Redenção, no Ceará. Antes de assumir a coordenação dos trabalhos na região Nordeste, desempenhou diversas funções junto ao instituto. Foi gerente substituto de agência, chefe de benefícios e gerente-executivo. Ele também foi responsável por diversas iniciativas do órgão, como o Programa de Educação Previdenciária (PEP), o Monitoramento Operacional de Benefícios (MOB) e a Divisão de Segurado Especial. Além disso, foi superintendente regional Sudeste III, e mais recentemente, ocupou a função de coordenador-geral no Departamento de Perícia Médica Federal, ligado ao Ministério da Previdência Social.

Em entrevista exclusiva ao Jornal **A União**, Caio falou sobre os desafios e avanços nesses primeiros meses à frente do cargo e, sobretudo, acerca dos mutirões que vêm sendo realizados para suprir as demandas acumuladas e reduzir o tempo de espera na fila do INSS aqui no Nordeste. Além disso, o superintendente também citou as parcerias que vêm sendo construídas com o Governo do Estado da Paraíba e que irão promover a execução de um projeto-piloto do instituto. A nova ação pretende reduzir ainda mais o tempo de espera da população paraibana pela concessão do Benefício de Prestação Continuada (BPC).

A entrevista

Como estão as demandas reprimidas, sobretudo a fila de espera pelo benefício do INSS, e o que está sendo feito para tentar vencer esses gargalos?

Em nível de Ministério da Previdência e de INSS, estamos tendo um grande programa de enfrentamento da fila de espera. Os servidores estão recebendo bônus por tarefas extraordinárias que fazem. Nós estamos fazendo mutirões pelo Brasil inteiro, mas, falando aqui do Nordeste, a gente está com a fila controlada no que diz respeito a grande parte dos benefícios. Então, atualmente, quem pede um salário maternidade, uma aposentadoria, uma pensão, está esperando entre 30 e 40 dias. Ou seja, conseguimos ficar abaixo do número de 45 dias, que era o que a gente buscava inicialmente. Só que a gente tem um gargalo aqui ainda, que é o Benefício de Prestação Continuada (BPC) à pessoa com deficiência. É o gargalo hoje aqui, é o que a gente está priorizando para tentar trazer para o quantitativo aceitável de espera, como já estão os outros benefícios.

Estão acontecendo alguns mutirões. Quanto à realização de perícia médica e avaliação social, como eles têm funcionado?

Então, é exatamente para reduzir a fila do BPC que esses mutirões estão acontecendo. Praticamente em todos os estados do Nordeste, em vários municípios estão acontecendo os mutirões, porque a gente não consegue sanar essa espera grande do BPC hoje, só com o administrativo, só com servidor do INSS. São três fases distintas do BPC: a fase administrativa, a que exige perícia médica e a que prevê uma avaliação social. Então a gente está focando na avaliação social e na perícia médica, aumentando o número de vagas. Para se ter uma ideia, a gente até começou a trabalhar agora com perícia por telemedicina. Cento e seis municípios do Nordeste participam de um grande mutirão com telemedicina, que já se iniciou no início da semana. A ideia é disponibilizar em torno de 15 mil vagas adicionais no Nordeste. Aqui na Paraíba, a gente tem 10 agências que já estão iniciando gradativamente os atendimentos por telemedicina. Elas estão localizadas nos municípios de Itaporanga, Pombal, Serra Branca, Santa Luzia, Cuité, Sapé, Queimadas, Princesa Isabel, Bananeiras e Alagoa Grande. A gente tem um número alto ainda de pessoas em fila de espera no Nordeste. Em outros locais do país, existe uma mão de obra maior de médicos e assistentes sociais, então esse pessoal está nos ajudando remotamente. Além disso, temos os mutirões presenciais, com pessoas convocadas que vêm "dar um gás" aqui. Esses mutirões acontecem normalmente no fim de semana. O segurado que vai nessas agências e marcam normalmente a perícia médica encontram toda a estrutura que a gente montou, com câmera, som, tudo que é necessário para a perícia ser feita remotamente por um servidor em outro local do país.

Com os mutirões e a telemedicina, essa perícia também passa a acontecer em municípios onde antes não havia o serviço?

Sim, os segurados que marcaram a perícia e teriam que se deslocar para outro lugar, agora podem ligar na central 135 e remarcar o atendimento. Assim, ao invés deles terem que se deslocar, a perícia vai acontecer no município deles ou em algum município mais próximo que o que eles iriam inicialmente. Às vezes, o segurado tinha que se deslocar por centenas de quilômetros. Agora, como a gente tem 522 agências no Nordeste e 37 na Paraíba, a capilaridade é boa. Mas, infelizmente, não é suficiente ainda para abarcar todos os municípios.

Esses mutirões que visam acelerar os atendimentos e vencer a demanda reprimida devem acontecer até quando?

Até a fila estar sanada. A nossa missão, dada pelo ministro Carlos Lupi e pelo nosso presidente Stefanutto, era de, primeiramente, bater os 45 dias de tempo médio de espera pela concessão. Já conseguimos. Agora em março, em nível nacional, a média ficou em 43 dias. Aqui no Nordeste, a gente conseguiu reduzir para 30 dias. Estamos aproveitando que o governo está com essa missão de enfrentamento à fila e nos dando ferramentas e orçamento para fazermos essas ações. Assim, os mutirões e essas ações extraordinárias vão ficar acontecendo de forma perene, até que a fila esteja saudável, como podemos dizer.

Em seu tempo à frente da superintendência, quais os principais desafios enfrentados e quais avanços já podem ser percebidos?

O principal desafio é o da demanda do BPC, previsto na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Mas também tem outro desafio muito grande, que é a gente conseguir fornecer uma estrutura melhor nas agências. Tanto de questões logísticas quanto de mão de obra. Queremos que o segurado que busca o serviço presencial possa ser atendido de forma mais confortável, esperando menos. Então, nós temos essas duas frentes de trabalho. Com o mutirão de telemedicina, a gente já conseguiu avançar bem na questão do enfrentamento à fila do BPC. A gente até conseguiu estruturar todas as 106 agências com câmera, computadores. Olha a melhoria disso. Além de esperar menos, aquele segurado tinha que se virar já doente, já com deficiência, para se deslocar dezenas de quilômetros e agora vai poder fazer no seu município, num lugar onde nunca teve perícia médica, ou teve, mas há anos. Então eu acho que esse é um avanço que vai ficar de forma perene. Quando a fila estiver resolvida, a gente reduz a quantidade de vagas, mas o atendimento vai continuar acontecendo nesses locais de forma perene.

E para além da telemedicina, quanto à melhoria de estrutura para o atendimento, tiveram outros avanços?

Um avanço também muito grande, que a gente já conseguiu implementar, está sendo essas melhorias nas unidades. A gente conseguiu uma grande compra de aparelhos de ar-condicionado, que são essenciais no Nordeste também. Também conseguiremos, em breve, um quantitativo maior de servidores. Recentemente chegaram 45 servidores para o Nordeste, que estão sendo direcionados para a gestão da fila e análise de benefícios. Quando as coisas estiverem melhores, eles vão poder ir também, de forma híbrida, para uma agência atender o segurado. Temos avanços bem relevantes já. Eu espero que, até antes do fim do ano, a gente já esteja com um cenário bem melhor, tanto nessa questão de enfrentamento da fila, quanto na questão da estrutura nas nossas agências.

Pela dimensão do território nordestino, esse atendimento à demanda reprimida acaba se tornando mais difícil?

Somos a maior superintendência, o Nordeste tem a maior capilaridade do Brasil. Então, é uma missão muito importante que o ministro deu para gente e a gente está fazendo de tudo. A superintendência é lá em Recife, mas a gente está aqui na Paraíba agora e já passamos pelo Rio Grande do Norte antes de vir para cá. Eu acho que gestão a gente faz *in loco*, indo pessoalmente para ver de perto os problemas, ver como que a gente consegue ajudar. Se a gente estiver à distância, a gente não consegue fazer da melhor forma. Então, essa coisa da superintendência estar presente nas agências, nas gerências-executivas, é também uma marca da nossa gestão.

Recentemente, houve uma reunião com o governador da Paraíba para buscar parcerias entre o Estado e o INSS. Que encaminhamentos surgiram a partir disso?

Eu entendo que quanto mais órgãos estiverem trabalhando juntos, melhor é o serviço prestado à população. Então, em todos os estados e municípios que vou, busco me reunir com o governo, com a prefeitura, para tentar buscar parcerias e avanços. Aqui na Paraíba, o Governo do Estado e o governador João Azevêdo nos apoiaram bastante. Levamos o serviço da previdência para dentro das Casas da Cidadania do estado. São 40 locais. Então, a gente vai mais do que dobrar a nossa capilaridade de aqui na Paraíba, com atendimento do INSS também dentro das Casas da Cidadania.

E como vai funcionar esse atendimento do INSS por meio das Casas da Cidadania?

A gente vai dar capacitação para os funcionários de lá. Vamos instalar os sistemas da previdência nas unidades e os colaboradores das Casas da Cidadania vão atender também os segurados que precisam de algum benefício previdenciário ou alguma informação previdenciária. Além disso, a gente vai fazer também um projeto-piloto que não tem em canto nenhum do Brasil, que é colocar a previdência dentro dos hospitais. O Governo do Estado, pelo o que o governador nos falou, ele está fazendo um grande trabalho de melhoria na questão da saúde pública. Com relação a doenças cardíacas, ele já melhorou muitas coisas, e agora ele vai começar uma ação de enfrentamento ao câncer. Em 21 hospitais do estado, serão implantados centros de tratamento do câncer e outras doenças, claro. E aí qual é o nosso pensamento? A gente coloca dentro desses hospitais também os serviços do INSS para que aquele assegurado que adoeceu, se hospitalizou, se internou, já tenha um requerimento feito, seja de auxílio por incapacidade temporária, seja do BPC.

Essa ação de atendimento dentro das unidades hospitalares vai agilizar ainda mais a concessão dos benefícios, sobretudo quanto ao BPC?

A gente espera que o segurado comece a receber o benefício dele ainda internado no hospital. Claro que a gente não espera que ele fique muito tempo internado. Na realidade, a ideia é reduzir o tempo de espera da previdência. Então, vão ter casos que o segurado não vai precisar nem ir a uma agência. Quando ele estiver chegando em casa, ele já vai estar recebendo o benefício dele. Essa é a nossa ideia. Não precisar ligar para o 135, nem procurar o aplicativo "Meu INSS". O indivíduo já está doente. Muitas vezes, estará incapacitado de fazer qualquer coisa e precisaria buscar alguém da família para ajudar, para ser nomeado procurador. Esse segurado com certeza não vai estar num momento bom para fazer isso tudo. Então, a ideia é a gente dar essa facilidade para as pessoas ainda nos hospitais, quando estiverem internadas. Vamos fazer um atendimento da previdência lá. O Governo do Estado da Paraíba recebeu essa proposta de forma extremamente positiva. Esperamos que nos próximos dias a gente já inicie esse projeto.

E quem precisa procurar hoje o INSS para ter acesso a algum serviço tem que agendar o atendimento? Como funciona?

Sim, a grande maioria dos nossos atendimentos são agendados. A busca por eles ocorre nos canais remotos, a central de atendimento (telefone 135), o aplicativo "Meu INSS" e o site meu.inss.gov.br/. Nesses canais, o nosso segurado consegue ter acesso a todos os agendamentos, todos os requerimentos de benefício e outros serviços que a gente disponibiliza.


Foto: Ortilo Antônio

Com a agenda dividida entre a escola, os afazeres de blogueira, miss e atriz, Júlia Ferreira, 10 anos, não dispensa a maquiagem, até para assistir às aulas no colégio

MAQUIAGEM

Uso precoce pode trazer prejuízos

Idade mínima para a criança poder se maquiar é três anos, mas só de forma pontual. Ideal é protelar esse hábito

João Pedro Ramalho
joaopramalhom@gmail.com

Primeiro, ela passa o protetor solar. Depois, começa a se maquiar: com batom, brilho, sombra e rímel, todos de linhas infantis. A menina de 10 anos está pronta para ir à escola, em Bayeux. Essa é a rotina de Júlia Ferreira, modelo, atriz e blogueira, moradora de Santa Rita e atual Miss Sulamérica Paraíba. Segundo sua mãe, a trabalhadora autônoma Josenilda Ferreira, a filha sempre foi vaidosa, tendo iniciado a prática da automaquiagem no ano passado.

No dia a dia, é ela quem decide o que vai usar no rosto, inclusive as cores. "Eu gosto de dourado. E, às vezes, eu boto rosa ou outras cores que combinam com a roupa", explica Julinha, como é conhecida profissionalmente.

A prática cotidiana da maquiagem em crianças, contudo, não é recomendada por especialistas. De acordo com a dermatologista Esther Bastos Palitot, a aplicação constante desses produtos pode colocar em risco a saúde da pele infantil, com uma chance maior do desenvolvimento de processos alérgicos. "Um problema que pode ocorrer é a dermatite, que é bem individual e específica de cada pessoa. Crianças, de um modo geral, não devem usar maquiagem diariamente, especialmente as meninas que têm sensibilidade ou um problema de alergia. E, mesmo as que não têm agora, o produto pode causar sensibilidade até na vida adulta", alerta.

A dermatite é caracterizada pela inflamação da pele, com sintomas como bolhas, descamação e coceira. Esther Palitot explica que o uso diário da maquiagem pode tanto provocar a dermatite de contato, após a aplicação de um produto específico para o qual a pessoa tenha maior sensibilidade, como agravar um quadro pré-existente de dermatite atópica, uma forma crônica da doença.

Para a dermatologista, três anos é a idade mínima com que a criança pode ser maquiada, mas de forma pontual. Apesar desse limite etário, Esther recomenda retardar a introdução ao hábito. Ela também relata que a procura em seu consultório, por pais interessados em dicas sobre cuidados com a maquiagem, se intensifica com a aproximação de eventos comemorativos, como Carnaval e festas escolares.

Diferentemente do que recomendam a especialista e os cursos preparatórios para modelos infantis, entretanto, JosenildaFerreira ainda não levou sua filha a um dermatologista. Na busca por evitar futuros problemas com a pele saudável de Julinha, a trabalhadora autônoma tem restringido o uso de produtos mais pesados, como base e corretivo, apenas em trabalhos para as redes sociais e concursos de beleza. Nessas ocasiões, os responsáveis pelo manuseio dos produtos que enfeitam seu rosto são os maquiadores profissionais. Em eventos assim, aliás, a menina já tem outras conquistas: em 2023, venceu o concurso de Miss Bayeux Infantil, Princesa Fashion Day Paraíba e o Miss Continente Nordeste Infantil.

A rotina de cuidados de Julinha inclui ainda a limpeza da pele com demaquilante e sabonete. E, apesar dos compromissos profissionais, muitas vezes exigentes como os de um adulto, a família busca preservar a imagem da filha como a menina que ela é. "No Instagram, a gente procura fazer tudo como criança, por mais que ela seja *miss*. Ela é o nosso bem mais precioso, o nosso xodó. Então, a gente tem todo cuidado, para não terminar metendo os pés pelas mãos e ela não perder a infância dela", explica Josenilda.


Foto: Arquivo Pessoal



Sempre digo aos pais: é preciso monitorar e conversar, para que a gente descubra o que está por trás desses hábitos

Mércia Silveira


Foto: Arquivo Pessoal



Crianças, de um modo geral, não devem usar maquiagem diariamente, especialmente as meninas que têm sensibilidade ou um problema de alergia

Esther Palitot

Pais devem atentar caso haja busca por um "padrão de beleza"

Além da atenção com a saúde da pele, o uso de maquiagem também demanda o cuidado com a mente. Isso porque tal hábito pode estar, muitas vezes, relacionado à maneira como a criança forma a imagem de seu próprio corpo. A psicóloga Mércia Silveira esclarece que muitas meninas, especialmente na pré-adolescência, começam a se maquiar em busca da adequação a um padrão de beleza socialmente aceito.

"O que acontece, entre as garotas de 10 a 12 anos, é que a sociedade tem espelhado para elas que ser bonita é estar maquiada. E não é a maquiagem pela maquiagem, mas a busca da perfeição. As meninas, nessa faixa de idade, já começam a ter a transformação do corpo, as espinhas, e, nessa era das mídias sociais, elas não querem que isso fique nas postagens. Elas não querem ficar vulneráveis, apresentando o rosto imperfeito", afirma.

Em meio à procura por um ideal de beleza, afirma Mércia Silveira, o uso desses cosméticos pode ser positivo, desde que a criança não adoeça nem tenha seu desenvolvimento prejudicado. Nesse sentido, a especialista em saúde mental alerta para a necessidade do acompanhamento constante pelos familiares. "Sempre digo aos pais: é preciso monitorar e conversar, para que a gente descubra o que está por trás desses hábitos.A conquista da confiança, para entender o momento da vida que a criança está passando, sempre vai ser uma alternativa para que ela possa usar a maquiagem de uma forma segura, sem que tenha futuros problemas dermatológicos e, consequentemente, de autoconfiança", adverte.

Para meninas ainda mais novas, entretanto, a psicóloga defende a busca por hábitos que não envolvam o uso dos cosméticos de beleza. "A criança de três a cinco anos não tem percepção de escolha. Nesse caso, o caminho é a proibição. A estratégia é ocupar a mente dela com outras coisas e explicar que a mãe se maquia porque faz parte da vida adulta, mas que o momento da menina não é de maquiagem", orienta Mércia.

Skincare

Outro hábito relacionado à pele que tem se tornado mais comum entre o público infantil é o *skincare*. A prática consiste no uso rotineiro de dermocosméticos, como cremes, géis e máscaras, com funções de limpeza, esfoliantes, hidratantes, entre outros. Para a dermatologista Esther Palitot, porém, as crianças não necessitam de um ritual tão extenso de cuidados, sendo o protetor solar e o sabonete infantil neutro os únicos produtos recomendados.

Segundo Esther, apesar dessa orientação, há a possibilidade de que outros itens sejam necessários para o tratamento da pele, contanto que haja recomendação de um profissional. "O uso de diversos produtos, além do protetor e do sabonete, pode ser individualizado após a consulta com dermatologista. O que se deve evitar é uma rotina de muitos produtos, sem orientação adequada", alerta Esther.

A precaução com a saúde da pele deve seguir na adolescência, especialmente porque a puberdade interfere no funcionamento do maior órgão do corpo. Esther também considera arriscado o uso constante, tanto da maquiagem como dos produtos de *skincare*, nessa fase da vida. "Na adolescência, orienta-se procurar o dermatologista. E alguns tipos de maquiagem podem contribuir para a obstrução dos poros e até para uma piora da acne. Então, se começar a aparecer a acne, o dermatologista vai examinar e, de acordo com o perfil do paciente, passar os produtos necessários para o controle do problema".

Saiba Mais

Durante a compra dos produtos de maquiagem, especialistas alertam que é necessário conferir a data de validade e se eles fazem parte de uma linha desenvolvida para o público infantil. "Outra recomendação é olhar se a maquiagem tem a aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e, de preferência, deve-se escolher um produto que seja facilmente removido com água e sabonete. Não recomendamos o uso de maquiagem com longa fixação, maquiagens de adultos nem de brinquedo", aconselha a dermatologista Esther Palitot.

DESAFIO DIÁRIO

Por que eles não querem dormir?

Vidrados nas telas, adolescentes passam privação de sono. Hábito traz irritabilidade e outros males

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Quando o bebê nasce, os pais contam os minutos para que ele cresça um pouquinho e durma a noite toda. Aí chega a adolescência. E os pais se dão conta de que o início era só um treino para a fase do "chefão" que acaba de chegar, assim, "do nada", como os adolescentes gostam tanto de falar. Que o diga a servidora pública Graziela Carvalho, mãe de Luíz Vinícius e João Carvalho, com 13 e 14 anos de idade, que são inimigos do fim, ou, neste caso, inimigos do sono.

"A cena daqui é: eles chegam do colégio, apagam, dormem à tarde. Um sono pesadíssimo. Acordam no final da tarde e, quando dá 22h30, 23h, eles costumam dormir de vez. Claro que preciso sempre lembrar que precisam dormir, porque tem aula no dia seguinte, aviso para deixar o celular e apagar a luz. Faço a primeira chamada, a segunda chamada... Na terceira, já com aquela voz de mãe... aí eles vão dormir", detalha Graziela, em tom de brincadeira, mas com o olhar assertivo para os dois.

Luíz Vinícius diz que adora dormir, mas, na hora de escolher, sempre prefere ficar um pouco mais no celular do que se render ao cansaço. "Fico olhando umas coisas no celular e, quando me dou conta, já passou muito tempo. Mas, adoro dormir", defende-se Vini, como gosta de ser chamado. E João segue o mesmo ritmo. Embora relate que dorme o suficiente, não consegue acordar com facilidade. "Durmo por volta das 23h e acordo às 6h25, com o despertador", relata, enquanto é complementado pela mãe: "depois de apertar muitas sonecas no alarme".

A situação vivenciada por Graziela, João e Vini é mais comum do que se imagina, de acordo com um estudo publicado pelo periódico científico Nature Human Behavior, em 2023. O estudo mostra que 93,5% dos jovens não chegam a dormir nem sete horas por noite. A condição vem preocupando especialistas na área da saúde, já que a privação do sono pode comprometer o desenvolvimento físico e mental. Com isso, são acometidos por diversos problemas, entre eles, a falta de concentração e irritabilidade.

> **Esse sono nunca será recuperado. Consequentemente, ficarão mais irritados e mais dispersos**
>
> Carla Minervino

Para a psicóloga infantojuvenil, Carla Moita Minervino, o tempo de tela é o principal vilão que impede uma higiene do sono adequada. "Durante o dia, eles estão muito sonolentos. E isso está acontecendo porque, durante a noite, que é o tempo que eles deveriam dormir, estão ocupando espaço fazendo outras coisas, em geral usando um mecanismo eletrônico à noite, um celular, um *tablet*. E, naquele mundo digital, tão mais atrativo, eles acabam dormindo mais tarde", explica a profissional.

Como precisam acordar cedo para ir à escola, não terão tempo necessário para o descanso. E, justamente no momento em que precisam estar mais atentos, ficam dispersos. É uma conta que não fecha. "Esse sono nunca será recuperado, mesmo que eles durmam a tarde toda. Consequentemente, ficarão mais irritados e menos interessados nas aulas, mais dispersos", reforça Carla Minervino.



Foto: Carlos Rodrigo

Servidora pública Graziela Carvalho, com os filhos João (E) e Vini (D). Ela não proíbe o uso de dispositivos eletrônicos, mas supervisiona o processo de higiene do sono dos meninos

Alteração no relógio biológico influencia na vigília da noite

Antes de sair em "desabalada carreira" para brigar com seu filho ou filha que passou a dormir mais tarde, acalme-se. Segundo o médico pneumologista e especialista em medicina do sono, Rodolfo Bacelar, os adolescentes não fazem isso por comodidade ou para irritar os pais. É uma situação multifatorial, segundo o profissional. "Naturalmente, na adolescência, existe um fenômeno que é um atraso de fase do ritmo circadiano. O que significa isso? Que o sono chega mais tarde para os adolescentes e que eles tendem a acordar mais tarde", explica o médico.

Nessa situação, três fatores impactam no contexto de privação de sono nos adolescentes: o horário de início das aulas nas escolas, que não levam em consideração essa mudança do ritmo circadiano (o famoso relógio biológico); o contexto social, com interações humanas cada vez mais digitais do que presenciais; e os *streamings*.

"A gente tem, ainda hoje, as escolas tendo as aulas muito cedo. Eles sofrem por uma pressão para ter que acordar cedo, para ir para as escolas, para que comecem as atividades. E nessa fase relacionada às escolas também, a gente tem a pressão pela escolha das profissões, pelas provas de vestibular, provas de Enem. Isso de fato aumenta a sobrecarrega dos adolescentes e faz com que eles tenham uma alteração do sono", alerta o médico.

O tempo de tela, claro, atrapalha o progredir natural do sono. Mas, o médico reforça ainda que a ansiedade para dar conta da demanda cultural dos *streamings* tem intensificado a privação do sono. "Quando eles não conseguem suprir essa demanda, podem sofrer de uma coisa chamada Fear of Missing Out, que é uma ansiedade relacionada a ficar fora desse grupo social por não conseguir acompanhar esse ritmo dos *streamings*, das plataformas, dessas coisas relacionadas", resume o profissional.

Saiba mais

Algumas escolas pelo mundo passaram a iniciar as aulas dos adolescentes mais tarde por conta das constatações citadas acima. De forma geral, nesses locais, a ausência na sala de aula caiu, a capacidade de memorização aumentou, e os alunos apresentaram menos mau humor e sonolência. Aqui no Brasil, uma escola na cidade de Palotina, no Paraná, realizou um experimento parecido, iniciando as aulas às 8h30 no período de uma semana.



Foto: Arquivo pessoal

> **Eles sofrem por uma pressão para ter que acordar cedo**
>
> Rodolfo Bacelar

Professor deve ser um garçom, com um cardápio de metodologias

Em sala de aula há dez anos, a professora de história Carolyne Do Monte sente os adolescentes cada vez mais sonolentos, especialmente nas primeiras aulas da manhã. Mas, também não credita essa sonolência, apenas, ao uso excessivo do celular. Para ela, a transição nas fases escolares e a mudança de interesses e desejos dos adolescentes impactam mais intensamente no rendimento escolar. "Hoje, é mais difícil mantê-los concentrados na aula, porque o acesso à informação é muito mais fácil e rápido. Sem falar que a tecnologia avança muito rápido e isso acaba tornando o trabalho docente ainda mais desafiador. O adolescente não é mais aquela criança que aceita o conteúdo de forma lúdica. Ele quer ser desafiado, ele quer saber mais e, acima de tudo, ele quer ser ouvido", complementa.

Por isso, a professora defende uma mudança não só na metodologia, mas na postura da escola e dos docentes. Ela, por exemplo, investe em jogos para garantir a atenção dos alunos, enquanto fortalece a relação com eles. Como resultado, Carolyne sente os estudantes mais à vontade para expor suas opiniões e aproveita para aguçar o pensamento crítico de todos.

"Acredito muito que a melhor metodologia é aquela que chamo da pedagogia dos desejos, que é quando o professor se abre para escutar aquilo que os alunos desejam, que chama a atenção do aluno e que o interessa. É muito mais uma ética norteadora, princípios pedagógicos do que metodologia. Eu costumo dizer que o professor deve ser um garçom. Ele tem que ter um cardápio de metodologias, para que saiba servir o prato certo, o mais saboroso para cada turma".

Horário

Algumas pessoas também defendem a ideia de que o rendimento do adolescente está atrelado a um horário específico para dormir. O médico Rodolfo Bacelar, vai contra essa teoria (geralmente, imposta pelos pais). Para ele, o horário de ir para a cama é individual e o que deve ser respeitado é a faixa de normalidade em relação ao tempo de sono, que varia entre cinco e nove horas.

O profissional ressalta, ainda, que a necessidade do tempo de sono também varia entre as pessoas. "Algumas pessoas dormem seis horas e se sentem renovadas. Outras, precisam dormir sete horas e outras, oito. Então, isso é muito individual. O importante é que a pessoa vá para cama, durma as horas adequadas e tenha a sensação de despertar renovada", explica.

A servidora pública Graziela Carvalho tenta, justamente, fazer isso com os filhos Vini e João. Ela não proíbe o uso de dispositivos eletrônicos, mas supervisiona todo o processo de higiene do sono deles. "Eles sabem que precisam dormir bem para render na escola. Então, fico de olho, indico algumas coisas – como apagar a luz, por exemplo - mas eles mesmos respeitam o processo, que é diferente entre eles. Enquanto Luíz Vinícius dorme rápido e vai até o dia seguinte, João acorda em algumas madrugadas e já se prepara para retomar o sono", explica Graziele. Ela ainda estimula a prática de atividades físicas e garante que eles dormem muito mais rápido com a regularidade dos exercícios.

RUÍNAS A CÉU ABERTO

Obras inacabadas “sujam” a capital

Empreendimentos abandonados oferecem riscos sanitários e à segurança e prejudicam mercado imobiliário

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Em contraponto com as belezas naturais de João Pessoa, “esqueletos” de prédios e obras abandonadas ou inacabadas chamam a atenção de quem vive e se desloca na cidade. Além do dinheiro jogado fora, tanto das próprias construtoras como de compradores, as ruínas a céu aberto colocam em risco a vida das pessoas por causa da iminência de queda, pela falta de segurança e pelos focos de animais e insetos.

Gibran Lobo tem uma casa e um empreendimento comercial localizados em frente a uma obra abandonada na Rua Enfermeira Ednalva dos Santos Oliveira, entre os bairros de Mangabeira e Jardim Cidade Universitária, na zona sul da cidade. Além das paredes em risco de queda, com infiltrações e lodo, há um guincho pendurado na parte de cima da construção e ainda um buraco em torno de 10 metros, uma área de subsolo em que seria construída a garagem.

“Tem muito rato, metralha e, com certeza, muito escorpião e dengue também. Quando chove, dá muita água parada. Temos insegurança também devido à falta de manutenção. Uma obra inacabada na rua, quer queira, quer não, prejudica. Fica algo feio, há muitos anos parado. Se isso aqui estivesse pronto, deixaria a área mais movimentada, chamaria atenção para o local. Nessa situação, fica ruim para a gente também”, reclama.

No bairro dos Bancários, próximo à região conhecida como “Três Ruas”, mora Emanuel Brasil, que tem residência ao lado de outro prédio abandonado. O empreendimento tem cerca de quatro andares construídos, mas não finalizados.

Fotos: Evandro Pereira



Obras em prédio no bairro da Torre pararam há cerca de 10 anos



Estrutura está bastante enferrujada; construção já teria sido abrigo para criminosos

■ Corretor de imóveis aponta que obras abandonadas afetam o potencial de vendas e aluguéis no entorno

Há mais de 10 anos, moradores da área convivem com os riscos de desabamento, invasões e questões de saúde pública. “Já teve invasão no prédio. Quanto à questão de saúde, tem rolado muito caso de dengue. Lá em cima do prédio, tinham duas piscinas que eu tive que mandar vazar, fazendo buraco em todas as lajes. Isso aqui era nuvem de mosquito da dengue. Eu nunca vi uma autoridade aqui, seja quem for, tomar providência. Eu que mando capinar o terreno todo. Acho que tem que haver uma legislação, passou o tempo de haver uma decisão. Ou coloca a bola pra frente ou promove a demolição”, sugere Emanuel Brasil.

Outra obra que não avança é a de um prédio na esquina da Rua Clemente Rosas com a Quintino Bocaiúvas, no bairro da Torre. Uma das moradoras do entorno, que preferiu não se identificar, relatou que a construção do imóvel está parada há cerca de 10 anos.

> **Tem muito rato, metralha e, com certeza, escorpião e dengue também. Fica ruim para a gente**
>
> Gibran Lobo

“Eu acho que o prédio corre o risco de arriar. Se você der uma volta por ali, você vê que a armação está toda arrebentada, toda enferrujada. É o risco que tem. Nós nunca tivemos problema com relação a animais, insetos, mas com ladrões, sim, várias vezes. Até cercaram, colocaram uma placa de alumínio, porque estavam roubando o material de ferro que fica em cima”, relata a moradora.

Riscos iminentes

O arquiteto, urbanista e representante da Paraíba no Conselho Federal de Arquitetos e Urbanistas do Brasil, Giovanni Alencar, explica que as obras de prédios abandonadas trazem risco à população porque estão com estrutura vulnerável a temporais, podendo causar acidentes. O problema é mais grave quando se trata de edifícios com maior altura. Isso porque objetos e materiais da obra podem vir a cair por meio da força do vento, atingindo, por exemplos, casas vizinhas, carros e pedestres.

Ele atenta também para outros perigos. “Com o aumento das desigualdades sociais e consumo de drogas, esses prédios servem de refúgio para a prática de ilícitos, esconderijo para criminosos e até prática de homicídios. No que diz respeito à questão estética, essas edificações enfeiam a cidade e geram efetivamente o ar de abandono não somente da própria edificação, como também do entorno, causando mais insegurança nesses locais. A falta de uso afasta a possibilidade da covigilância desses lugares por parte da população”, alerta Giovanni Alencar.

Já o corretor de imóveis Wagner Travassos explica que a presença de obras abandonadas no entorno pode afetar a potencialidade de venda e de aluguel dos imóveis no arredor ou no bairro.

“Essa obra passa uma imagem de desconfiança para clientes, investidores e para quem está visitando, levanta a orelha de quem está comprando. Não chega a influenciar muito mais o valor do imóvel, como antigamente, porque hoje João Pessoa deixou de ser um patinho feio e está na ‘crista da onda’. Mas ainda interfere na confiança e no interesse das pessoas”, avalia o profissional.

Entidades apuram causas do problema e tentam evitar danos

A assessoria da Secretaria de Planejamento de João Pessoa (Seplan) explicou que é possível, dentre esses casos, que as obras estejam paradas por terem sofrido algum tipo de embargo da prefeitura. Nesses casos, a atuação de fiscalização da secretaria pode ocorrer por demanda, a partir de denúncias, ou de forma proativa, em casos com mais visibilidade e repercussão na cidade, em que o órgão pode agir por conta própria.

Embargos não respeitados pelas construtoras tornam-se processos de interdição, que, se desprezados, deixam de ser um ato administrativo e seguem para o trâmite judicial, por meio da Defensoria Pública do Município.

A Seplan elabora uma listagem de obras embargadas pela prefeitura para posterior publicização no Portal da Transparência, seguindo recomendação do Ministério Público de Contas do Estado. Até o fechamento da reportagem, o setor de fiscalização da pasta não informou quais os critérios que podem levar uma obra a ser embargada.



Edifício, no bairro dos Bancários, foi alvo de invasões e moradores da região reclamam de infestação de Aedes aegypti

Como denunciar

Caso haja algum risco iminente ou perigo para moradores de áreas próximas a uma obra inacaba, a Defesa Civil pode ser acionada. Assim como a Seplan, o órgão também pode atuar por iniciativa própria, caso verifique riscos de desabamento ou queda de materiais.

A Defesa Civil é responsável por vistoriar o local. Quando algum perigo é encontrado, a Seplan é acionada, e os responsáveis — normalmente, construtores ou donos dos terrenos — são notificados para mitigar os riscos.

Em caso de focos de mosquitos ou mato crescido, pode-se acionar a Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur). Já diante da suspeita de atuação de criminosos, a recomendação é acionar a Polícia Militar.

CURIMATAÚ

Cacimba de Dentro quer saciar sede de cultura e turismo

Conhecido por seu povo acolhedor, município ostenta belezas naturais, riquezas históricas e festas tradicionais

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

Localizado no Curimataú paraibano, a 170 km de João Pessoa, o município de Cacimba de Dentro é conhecido pelo acolhimento de seu povo, mas também pela geografia diversificada: por estar situada nas imediações do Planalto da Borborema, a cidade conta com belezas naturais do bioma Caatinga, tanto na fauna como na flora, além de possuir riquezas arqueológicas.

Com 64 anos de emancipação política, o município tem cerca de 16 mil habitantes, em uma área territorial de 165.072 km², conforme o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cacimba de Dentro é circunvizinha aos municípios paraibanos de Araruna, Solânea, Damião, Casserengue e Cuité, além de fazer fronteira com o Rio Grande do Norte.

Segundo a secretária da Câmara de Vereadores de Cacimba de Dentro, Palmira de Andrade Januário, que é também historiadora, a região rural onde se situa a cidade era conhecida como Nova Aurora e servia de descanso para os tropeiros. O nome definitivo do município foi inspirado na existência de duas cacimbas naquela área. "Segundo a história oral, os tropeiros que percorriam o Agreste e o Sertão paraibano iam em direção à cacimba que ficava mais adentro da mata, por possuir melhor água para consumo, comparada à cacimba situada fora da mata", explica Palmira.

O funcionalismo público é destaque entre a população empregada do município, que também prospera economicamente pela força do comércio local, majoritariamente varejista. Já na zona rural de Cacimba de Dentro, de acordo com a secretária da Câmara de Vereadores, a atividade predominante é a agricultura de subsistência, que responde por 30% da economia da cidade, sobressaindo-se o cultivo de milho e feijão, além de mandioca e maracujá.

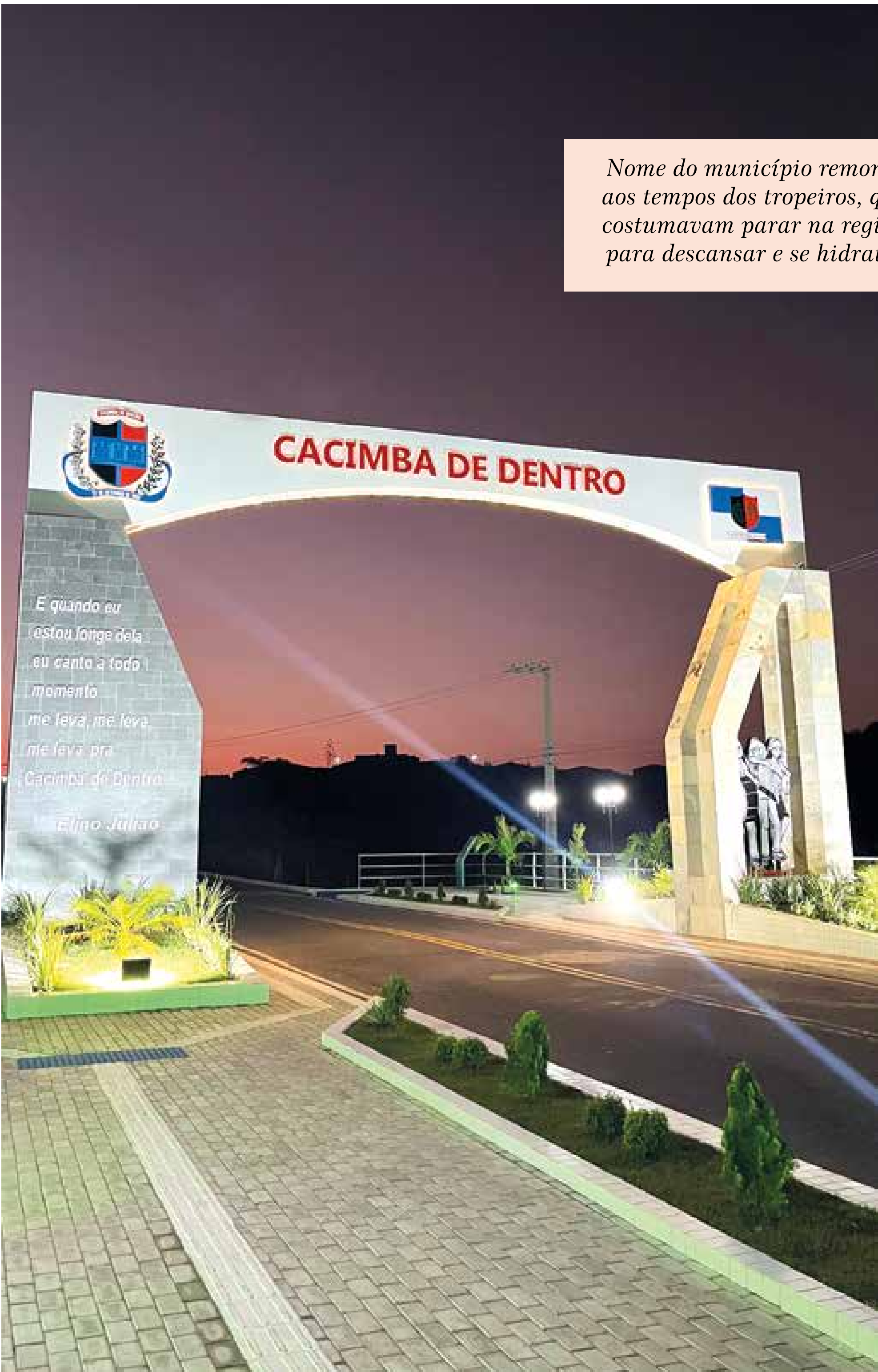


Foto: Palmira Januário

Nome do município remonta aos tempos dos tropeiros, que costumavam parar na região para descansar e se hidratar

Atrativos combinam música, aventura, conhecimento e devoção

> Gestão municipal tem se articulado com a iniciativa privada e o Sebrae para impulsionar o turismo local

No calendário cultural e religioso de Cacimba de Dentro, o município se destaca pelas festividades juninas, especialmente a Festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade. O tradicional evento se estende do dia 1º a 13 de junho, com uma programação que inclui procissões e missas, seguidas de quermesses e apresentações de artistas regionais.

Outro programa popular é ir à Casa de Farinha, que recebe atrações culturais durante o período junino, mas também atrai visitantes por preservar uma réplica alusiva às manufaturas da produção de farinha antigamente utilizadas na cidade, reconhecendo-as como elemento de importância histórico-cultural do município.

Já a diversidade geográfica de Cacimba de Dentro, valorizada por suas belezas naturais, também a torna um local atrativo para o turismo de aventura. Um de seus pontos mais conhecidos é a Pedra do Letreiro, no Sítio Conceição, onde, além de encontrar pinturas rupestres de povos indígenas, os visitantes podem praticar rapel. Outro lugar de interesse turístico é a Pedra do Mium, tradicional local de oração onde, segundo uma lenda da cidade, existiria uma cacimba que nunca secou, considerada milagrosa.

E, para além das celebrações de Santo Antônio, Cacimba de Dentro costuma reunir devotos de outro santo. Acontece em 20 de janeiro, dia de São Sebastião, uma romaria ao Cruzeiro de São Sebastião, localizado no topo de uma rocha, na zona rural do município, e erguido por um fazendeiro local, em gratidão a um pedido alcançado.

Anualmente, de acordo com Palmira Januário, centenas de romeiros partem em peregrinação, às 5h da manhã, da Igreja Matriz de Santo Antônio até o Cruzeiro de São Sebastião, percorrendo uma distância total de 5,5 km. "Após a caminhada, há um momento de oração, seguido de um café da manhã. À tarde, é celebrada uma missa na capela da comunidade Lagoa D'Água", conta.

Para explorar todo esse potencial cultural e turístico de forma mais efetiva e consistente, segundo a secretária da Câmara de Vereadores da cidade, a gestão municipal tem se articulado com empresários e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) para inserir Cacimba de Dentro no Mapa do Turismo Brasileiro. "A iniciativa privada, em parceria com o poder público e o Sebrae, tem lutado para conseguir impulsionar o desenvolvimento da cidade nesses aspectos", ressalta Palmira.

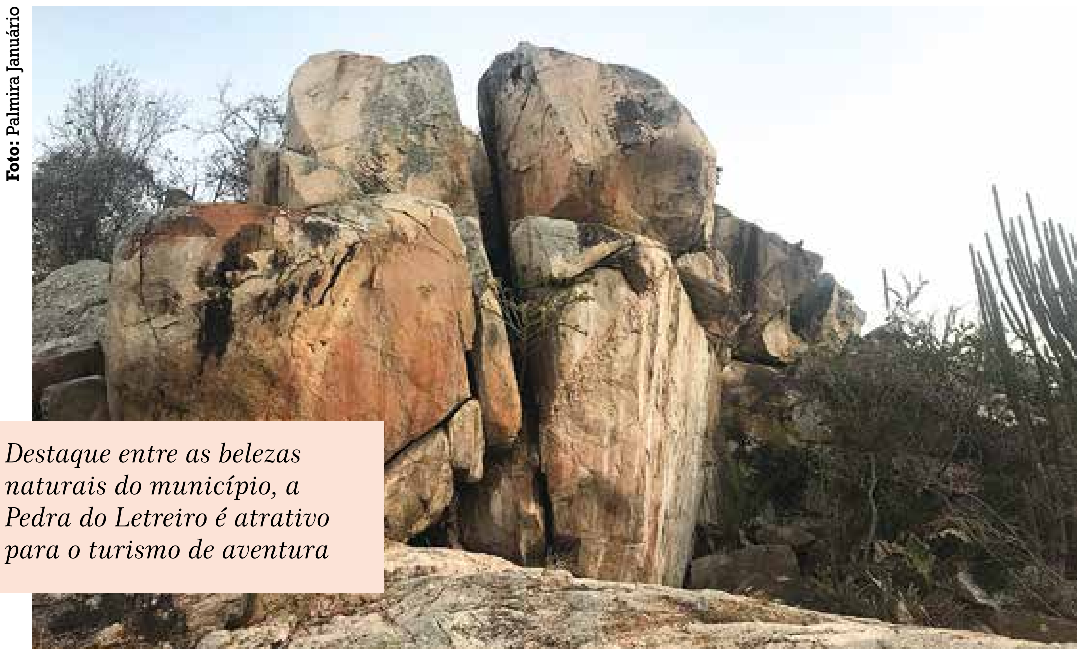


Foto: Palmira Januário

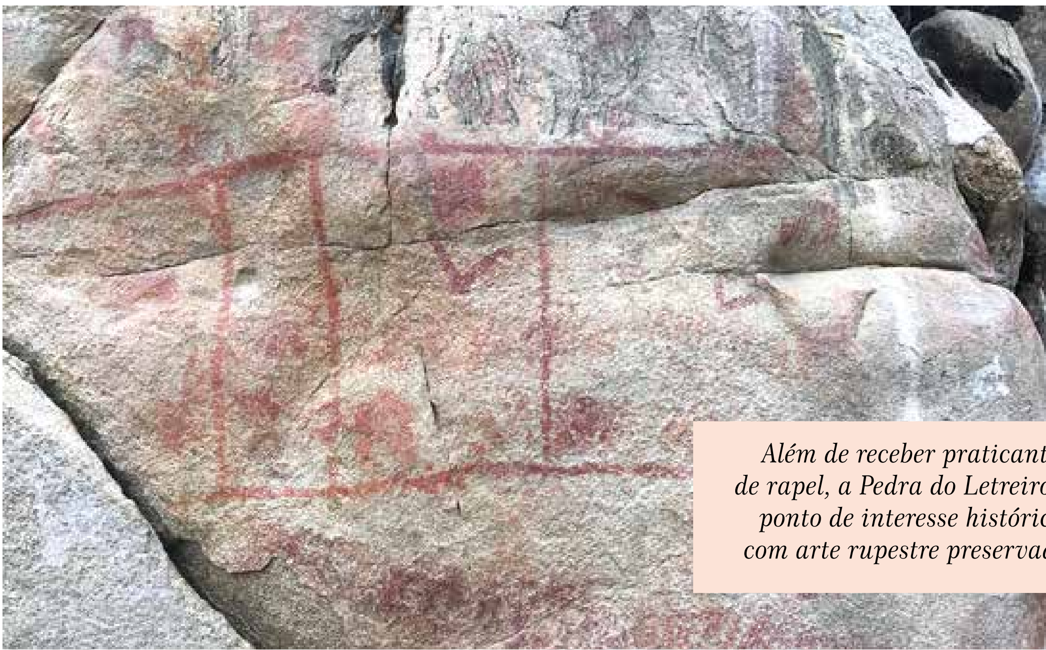
O Cruzeiro de São Sebastião foi construído por um fazendeiro no topo de uma rocha na zona rural da cidade


Foto: Pascom

Centenas de fiéis se reúnem no Dia de São Sebastião, em janeiro, para uma romaria em direção ao Cruzeiro


Foto: Palmira Januário

Destaque entre as belezas naturais do município, a Pedra do Letreiro é atrativo para o turismo de aventura


Foto: Palmira Januário

Além de receber praticantes de rapel, a Pedra do Letreiro é ponto de interesse histórico, com arte rupestre preservada

Fotos: Edson Matos (1, 3 e 5); e Roberto Guedes (2, 4 e 6)



Gisa Veiga, atual gerente executiva de mídia impressa, Frutuoso Chaves, Wellington Farias, Rubens Nóbrega, Rui Leitão e Gonzaga Rodrigues, entre outros, dividem suas memórias do jornal

PASSADO E PRESENTE DA IMPRENSA PARAIBANA

Jornal de histórias

Projeto 'Memórias A União' ganha seu primeiro livro, que será lançado na próxima terça-feira reunindo depoimentos de 32 profissionais

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

No que consiste a memória de um jornal? Poderíamos falar do maquinário ou da hemeroteca que compõe o arquivo do jornal, que, no caso de **A União**, dispõe de cerca de 30 mil exemplares. Mas parte fundamental da memória desse jornal não é feita de metal ou de celulose, mas de organismos vivos – os repórteres, colunistas, editores, fotógrafos, secretários de redação e outros profissionais do ofício da comunicação. O projeto Memórias **A União** traz semanalmente para o canal do jornal no YouTube entrevistas com esses personagens. E uma versão em livro será lançada na próxima terça, às 18h, na Livraria A União, no Espaço Cultural, junto com a *Coleção Paraíba na Literatura V*, no evento Noite da Literatura Paraibana.

O livro *Memórias A União* reúne, em texto resumido, parte das histórias que passamos a conhecer através das postagens no canal *TV A União* a cada domingo. O material do livro também utiliza como base a versão impressa dessas entrevistas, publicadas na edição dominical do jornal. A organização dos textos é de responsabilidade de Luiz Carlos Sousa, apresentador do segmento no YouTube.

O jornalista, que também é editor do caderno Políticas do jornal, optou por reunir as entrevistas que compõem a primeira etapa do programa. O projeto estreou em 2 de fevereiro de 2023, trazendo neste início uma conversa histórica com o jornalista Gonzaga Rodrigues, decano na redação de **A União**, ainda colunista. Mais de 60 vídeos do projeto já foram postados.

Quem encerrou a primeira fase do Memórias foi o próprio Luiz Carlos, em entrevista para o colega Jorge Rezende. Ao todo, 32 das figuras importantes para o jornal foram sabatinadas: além de Luiz Carlos e Gonzaga, Carlos Vieira, Etiênio Campos de Araújo, Deoclécio Moura Filho, Zélio Marques, Baby Neves, Ramalho Leite, Gilvan de Brito, Alarico Correia Neto, Fernando Melo, Werneck Barreto, Valderez Barbosa, Rubens Nóbrega, Frutuoso Chaves, Cleane Costa, Rui Leitão, Chico Pinto, Tião Lucena, Sérgio de Castro Pinto, Wellington Farias, José Euflávio, Geraldo Varela, Geovaldo Carvalho, Agnaldo Almeida, Antônio Costa, José Juvêncio, Josinaldo Malaquias, Paulo Sérgio, Maria do Socorro, Alexandre Luna Freire e Gisa Veiga.

Entrevistas emocionantes

Luiz Carlos Sousa – Lula, para os amigos e colegas –, relembra que o Memórias foi concebido em construção coletiva pela equipe do jornal, com consultoria inicial de Alarico Correia Neto. Mas, o convite para apresentar o segmento do YouTube partiu do então gerente executivo de mídia impressa, André Cananéa. "Ele me informou do que se tratava e lhe disse que não era um profissional de vídeo. Tive receio. Mas ele contou que Naná Garcez (*presidente da EPC*) havia sugerido meu nome. Topei e o projeto deu certo", relata.

O próprio Luiz Carlos também tem histórias para contar. Tendo estado em uma das primeiras turmas do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lula foi pioneiro a exercer a profissão enquanto diplomado na redação de **A União** – somando hoje 44 anos de profissão, com passagens por diversos veículos locais e uma colaboração internacional no jornal *Real News*. "Eu não pensava em ser jornalista. Estudava música, que ainda é uma paixão em minha vida. Amigos me levaram para **A União** por causa do gosto pelo português. Foi aqui onde vivi as primeiras e algumas das mais importantes experiências com a informação", evoca o editor.

O leitor de Memórias poderá conhecer ou relembrar "causos" engraçados, como o fato de o ex-repórter Frutuoso Chaves ser chamado de "catador de milho", pelo jeito sem pressa com que digitava a máquina de escrever, e histórias emocionantes, como quando Gonzaga Rodrigues foi nomeado secretário de redação de **A União**, na década de 1950, aplaudido naquele instante pelos colegas de redação Malaquias Batista, Dorgival Terceiro Neto, Wilson Madruga e Wellington Aguiar. Segundo o próprio Gonzaga, este foi um momento mais emocionante do que aquele em que recebeu o título de doutor honoris causa (pela UFPB, em 2009).

Agnaldo Almeida citou fatos históricos locais retratados pela **A União**, como a tragédia do assassinato de João Pessoa. Outra curiosidade relembrada pelo jornalista foi a repercussão da manchete "Botafogo vence o Maracanã", após a vitória do time paraibano contra o Flamengo, em 1980, no Rio. "Houve o seguinte comentário. 'Essa **A União** é engraçada. O Botafogo jogou contra o Flamengo, não contra o Maracanã'", rememora Agnaldo em Memórias.

Se depender das histórias que **A União** tem para contar, não faltarão postagens no perfil do jornal no YouTube, nem em possíveis próximas edições da série impressa. O subtítulo do livro – *Volume 1* – indica que uma segunda parte do Memórias pode vir em breve. "Ainda não comecei a preparar um segundo volume, mas acredito que ele será editado. Todo o material está pronto para mais uma edição", projeta Luiz Carlos Sousa.

MEMÓRIAS A UNIÃO – VOLUME 1

PARAÍBA NA LITERATURA V

Preços: R$ 80 e R$ 90 (respectivamente).

Lançamento terça, às 18h

Na Livraria A União (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho, João Pessoa)

Entrada franca

Precisamos conhecer

Para William Costa, gerente de Mídia Impressa da EPC, o projeto Memórias nasceu de um sintoma importante dentro do campo do jornalismo e das comunicações: ainda que **A União** permaneça sendo impresso e distribuído em formato físico, a notícia que circula neste e em outros veículos está universalmente em meio digital. "Para levar essas histórias a um público maior – por serem tão importantes não só para o jornal, como para a história do jornalismo paraibano – impossível não lançar mãos de outros suportes, como o livro e as redes sociais", justifica.

O Memórias, segundo William, guarda outro tipo de importância vital para o veículo da EPC: a possibilidade de os profissionais prestarem tributo a si mesmos e a seus colegas. "A história é feita por pessoas e o jornalismo, claro, também é produto da ação humana. É justo, portanto, que as pessoas que dão vida à indústria e comércio das comunicações tenham a oportunidade de revelar, para a sociedade, a crônica de seus dias, no campo profissional", finaliza o gerente.

Literatura paraibana

Lançamento também da próxima terça-feira, o livro *Paraíba na Literatura V* dá seguimento a uma série de catálogos com textos de autores paraibanos sobre outros escritores locais. A obra foi organizada pela equipe da Editora A União e traz histórias de nomes consolidados, como o jornalista Ramalho Leite e o crítico João Batista de Brito, e de jovens autores da Paraíba, como Débora Gil Pantaleão e Tiago Germano. O livro conta com um texto de apresentação do governador João Azevêdo.



'Memórias A União - volume 1' e 'Paraíba na Literatura V' são novas edições da Editora A União

Foto: Evandro Pereira



*Através do QR Code, assista às entrevistas no canal de **A União** no YouTube*

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O que será o amanhã?

O sociólogo alemão Max Weber observou com muita clareza que o progressivo acúmulo de conhecimentos possibilitados pela ciência e a crescente racionalização da vida moderna não significaram um aumento do conhecimento individual a respeito das condições de vida. Mesmo assim temos a sensação de que o mundo pode ser explicado racionalmente por algum especialista.

A maioria das pessoas que faz uso de aparelhos tecnológicos como computadores, elevadores, aviões e carros, não conhece a fundo o mecanismo de funcionamento deles, mas tem convicção de que alguém é capaz de fazê-lo de maneira científica. O principal efeito do intelectualismo moderno é o desencantamento do mundo.

A ciência pode apresentar alguma significação que não seja pura técnica?

Weber reformula essa questão a partir da seguinte interrogação de Leon Tolstói: "A morte é ou não é um acontecimento que encerra sentido para um moderno?" A resposta do escritor russo, endossada por Weber, é que não há o menor sentido, já que a vida individual do civilizado é guiada pela ideia de "progresso".

A mudança, portanto, faz parte da dinâmica desse mundo, que esperaria sempre por algo novo e melhor. Como conciliar uma vida finita com uma sociedade em mudança, vivendo sob a ética das novidades infinitas? Como construir projetos de longa duração? Como obter segurança? Como conhecer a verdade?

Racional

O principal efeito do intelectualismo moderno é o desencantamento do mundo

Os indivíduos modernos foram retirados do fluxo orgânico da vida. Ao contrário de um personagem histórico como Abraão, e dos antigos camponeses que podiam experimentar a sensação de plenitude, devido à tradição e à importância dos ciclos naturais.

O indivíduo contemporâneo não seria capaz de se sentir pleno de vida, já que o fluxo do progresso significa novidades tecnológicas, acúmulos de novos conhecimentos, transformações das cidades, dos estilos de vida e dos valores. No entanto, nada o impede que se sinta "cansado da vida" já que experimenta o instantâneo, nunca a totalidade. Ele é tomado por uma sensação de incompletude, de ausência. Sua felicidade é fugidia.

Já imaginou como será o mundo daqui a 100 anos?

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

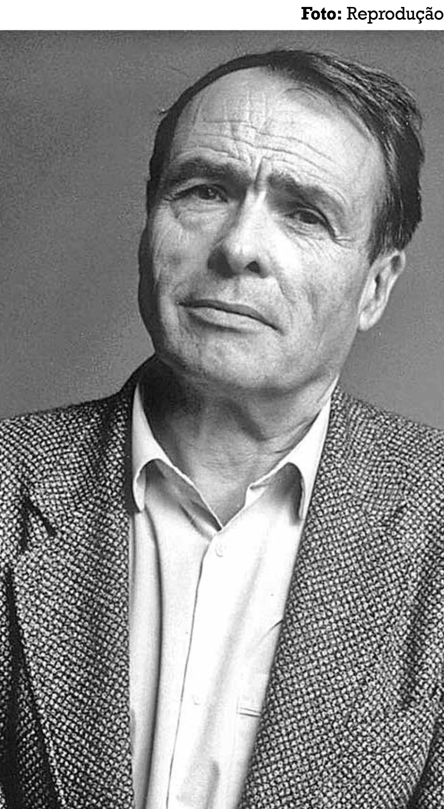
Violência simbólica

A violência simbólica representa uma ameaça à dignidade da pessoa, resultando em sua submissão, seja de forma psicológica, econômica ou social. Essa prática ocorre com a conivência tanto da vítima quanto do agressor, muitas vezes sem que percebam - com lucidez - o que estão vivenciando ou praticando. O conceito foi introduzido pelo filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 - 2002). A natureza violenta de uma força simbólica coercitiva é complexa em sua manifestação, tornando-se mais sutil para ser identificada ou mesmo resistida quando empregada pelos meios de comunicação, os quais estabelecem uma relação de submissão.

A violência simbólica se instala nas crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Para Pierre Bourdieu, a violência simbólica é o meio de exercício do poder. O pensador explica em seu livro *O Poder Simbólico*: "Os sistemas simbólicos como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que David Émile Durkheim (1858 - 1917) chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância, entre as inteligências. Durkheim - ou, depois dele, Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1881 - 1955), que fez assentar a "solidariedade social" no fato de participar num sistema simbólico - tem o mérito de designar explicitamente a função social (no sentido estruturo-funcionalismo) do simbolismo, autêntica função política que não se reduz à função de comunicação dos estruturalistas. Os símbolos são instrumentos, por excelência, da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral" (1989, p. 9-10).

Pierre Bourdieu conceitua a violência simbólica como um processo no qual certos valores culturais são impostos e perpetuados, cujos efeitos são primariamente psicológicos. Em sua visão, essa forma de crueldade difere da violência física. O pensador, em colaboração com o sociólogo francês Jean-Claude Passeron (1930), desenvolve no livro *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino* (1990) a ideia de que, embora às vezes pareçam universais, os sistemas simbólicos variam ao longo do tempo e das sociedades quando são compartilhados por um grupo social perverso. A violência simbólica, quando posta em prática, impõe a cultura dominante, tornando-se algo comum e natural nas relações humanas. Nesta fase, os indivíduos subjugados perdem a capacidade de se opor com base em sua própria dignidade, tornando-se alienados e frequentemente incapazes de reconhecer a própria condição de vítimas e escravos do poder coercitivo de forças mais poderosas.

Foto: Reprodução



Pierre Bourdieu escreveu 'O poder Simbólico', lançado em 1989

A violência simbólica está presente nas instituições e entre os empresários que controlam a economia contra a dignidade humana. Eles procuram influenciar os outros com ideologias de ódio, a fim de promover desigualdades sociais que favoreçam os interesses do poder econômico e limitem o pensamento crítico das pessoas. Os meios de comunicação são usados para propagar mensagens falsas que visam destruir as culturas de identidades e de pertencimentos em larga escala, levando à submissão dos grupos sociais mais vulneráveis e ao controle absoluto da sociedade. Por exemplo, estereótipos sobre negros que os associam à preguiça, ou a erotização de mulheres mulatas para a satisfação sexual. É evidente que esse tipo de violência começa pela linguagem.

A educação é um processo pelo qual o indivíduo pode alcançar a sua liberdade e reconhecer a presença da violência simbólica no seu dia a dia. Essa consciência é fundamental para promover discursos e atitudes justas e democráticas. Um exemplo disso na escola ocorre quando alunos provenientes de meios sociais marginalizados sofrem discriminação devido a terem preferências estéticas diferentes daquelas impostas por um grupo dominante que dita o que é correto em termos de comportamento e aparência. Essa discriminação perpetua o preconceito linguístico e comportamental, transformando a escola em um ambiente hostil e desagradável para esses estudantes, que frequentam o espaço com autoestima baixa, internalizando a crença de que sua cultura é inferior e indigna, o que os leva à evasão escolar.

Em seu livro *A Dominação Masculina* (1998), Pierre Bourdieu versa a questão da violência simbólica exercida pelos homens sobre as mulheres. De acordo com o autor, é comum que se espere que os homens detenham mais dinheiro do que as mulheres, refletindo a naturalização da dominação masculina na sociedade. Isso se traduz na prática de oferecer salários mais baixos para mulheres que ocupam as mesmas posições que homens, bem como na crença de que elas deveriam ganhar menos devido à maternidade. A ideia de controle masculino sobre o corpo feminino se manifesta de maneira trágica nos casos de feminicídio. Anteriormente, esse crime era frequentemente justificado como resultado de emoções intensas e doentias, reforçando a suposta superioridade masculina e a noção de posse sobre o corpo das mulheres, refletindo o sentimento de impunidade por parte dos agressores. Essa forma de violência se manifesta de maneira extrema nos casos de assassinato.

Sinta-se convidado à audição do 467º. *Domingo Sinfônico*, deste dia 28, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintonize na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei sobre a vida e algumas obras do compositor húngaro Franz Liszt (1811 - 1886). Ele foi o criador do poema sinfônico, uma peça erudita inspirada em textos literários com temas épicos, dramáticos ou trágicos.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Luz e calor

Libertação. Tenho a impressão de já ter caminhado por essa estrada, com o cachorro Bola na coleira. Me lembrei do "Procure se libertar", um disparo repetido, uma titilação, ou como dizem por aí, filosofia barata.

No filme *Uma Vida — A História de Nicholas Winton*, de James Hawes, a atriz Lena Olin, que faz o papel da mulher do Nicholas, interpretado por Anthony Hopkins, alerta o marido para se libertar. Não tem que ver o filme para entender a indicação, muito embora passamos a vida toda para nos libertar das coisas que nós mesmos criamos e não conseguimos nos desfazer.

O filme conta a vida do londrino Nicholas George Winton, ativista humanitário que ajudou a salvar 669 crianças do Holocausto, antes da ocupação nazista da Tchecoslováquia e do início da Segunda Guerra Mundial.

Vamos imaginar que a libertação chega quando a morte bate na porta, mas não, se libertar começa na soleira da casa. Winton tinha uma habilidade: era cheio de papeladas – muita coisa em sua casa, centenas de fotografias e anotações – coisas que a gente vai juntando. Tem pessoas que guardam provas contra outras - aí já é uma doença.

Hoje, a expertise chama isso de "acumulador", mas, necessariamente quem guarda fotografias e textos, sabe da importância dos livros, dos filmes e da necessidade dessas imagens, sem precisar emoldurá-las.

Liberte-se da estupidez, da vingança, não faz sentido. Seja cada dia um número, uma pessoa desprovida, passe essa sensação.

Liberte-se da morte, ela é a certeza, mas tenha certeza de que você gosta de si mesma. Liberte-se dessa mania de estar com muita gente, porque mesmo sozinho, não estamos só.

Crie um animal de estimação, cuide bem dele, mas não precisa ficar tratando o gato ou cachorro como se ele fosse seu amor. Não deixe seu animal virar você.

Liberta-se das hordas de tropas, gente que não trabalha e não deixa o outro trabalhar. Se não tiver companhia, vá ao cinema sozinho, vá a um café.

Em desatino, pense, não grite. Liberte-se da cara amarada, procure dançar, ligue o som e fale sozinho.

Sem disfarce, enfrente, mostre que você consegue mudar sem precisar que lhe digam, mas liberte-se, faça por você mesmo, não espere sentado.

Não precisa seguir o exemplo, o escutado dos pais e avós, se foram bons, siga aritmética - mas liberte-se da conversa mole, das fofocas e da mania de sofrer por antecipação, não use e nem abuse da amizade.

Mas não precisa se libertar do contentamento, da gargalhada, do abraço.

Libere do deslumbre, mesmo que você esteja de volta à infância e que a infância, o colo imenso, onde cabia a vida toda.

O gesto de Nicholas Winton de salvar as crianças foi sua libertação, mas não foi por isso que ele viveu mais de cem anos. Não, ele conseguiu se libertar de muita coisa.

Isso não é autoajuda, jamais, mas vou colocar meu nome na lista dos libertadores, se eu conseguir, conto a vocês.

Sim, liberte-se da cruz.

Kapetadas

1 -A confusão é a seguinte: o que é grave parece brincadeira e as bobagens andam muito sérias.

2 - Para o tosco, a vida é curta demais para ser culta.

Foto: Divulgação



Em 'Uma Vida', Lena Olin diz ao marido Hopkins: 'Liberte-se'

Colunista colaborador

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Lembrando para não esquecer do cinema (III)

Naquele abril de 1964, já sob a alça do mira do regime militar, seleto grupo de jovens idealistas, todos estudantes ginasianos, participavam do Grêmio de Estudos Socioculturais (GRESC). Mas, às escondidas, em razão de "olheiros" partidários do novo regime. A cidadania houve de amargar momentos terríveis. As restrições não só se limitavam à sociedade, mas, sobretudo à cultura, às artes e diversões, que passaram a ser perseguidas de forma implacável. A censura se instalara no país, cerceando liberdades e os fazeres criativos da população.

O novo regime caiu como uma bomba em cima do cinema. Durante anos, caminhou-se pelas regras recessivas impostas pela ditadura. Uma "censura prévia" foi dominante para tudo que se referia às artes. Tempos difíceis não só para um pai, dono de cinema, e seu filho jovem estudante, idealista, mas, para toda uma juventude do seu universo de indagações e cheia de novas vontades, na busca de afirmações. À época, publicávamos o jornalzinho semanal *Os Sinos de Santa Rita*, bancado pela paróquia de Santa Rita, sob muito cuidado.

Para alguns amigos meus de convívio cultural, como o primo "Reginaldo músico", como era conhecido, a situação era ainda pior. Estudante de Direito na UFPB, participava de manifestações na capital, tornando-se alvo mais fácil na sua luta, em Santa Rita, justo pela "contrarrevolução". Mais ainda, por assistir à encenação de uma peça teatral no auditório do Lyceu Paraibano, em João Pessoa, programada pelo novo Departamento Cultural da UFPB: *Os Fuzis da Senhora Carrar*, peça de Bertolt Brecht, de forte conteúdo político-ideológico, sendo discutida dia seguinte no Gresc, agremiação da qual eu participava, juntamente com vários jovens estudantes da minha idade.

Nesses encontros, inicialmente realizados no âmbito da casa paroquial, não mais sob orientação do pároco Monsenhor Rafael de Barros Moreira, mas de dois padres vindos da Bélgica, Maurício e Paulo Koellen, traçavam-se os perfis da situação repressiva ora vivida por todos. Depois, esses encontros aconteceriam na Associação Vicentina de Santa Rita, na Rua Ivo Borges, perto de casa e do Cine São João, de meu pai. No cinema, onde instalamos, no primeiro andar, por traz da então tela de projeção, a sede do Cineclube Hitchcock. Dele, participava inclusive o meu antigo professor de geografia José Cornélio da Silva, que viria a ser cassado também de suas funções na Great Western.

Manhã ensolarada de domingo, todos eufóricos e já acomodados na sala de projeção do Cine São João, para exibição de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Nem bem havia iniciado a sessão do Cineclube, quando entram de repente dois fiscais da Polícia Federal, de mandado em punho, e foram logo gritando:

– Parem a sessão! – Um dos tais, de aparência truculenta, indagou:

– Quem é o responsável por isso aqui?

Meu pai não estava presente, e a julgar pelas recentes prisões, torturas e arbitrariedades, jamais me denunciaria. Não era hora para gestos heroicos...

– Pois bem, o filme está confiscado. – Sentenciaram e foram logo subindo rumo à cabine de projeção, onde se encontrava o operador Zé Alonso, a quem entregaram uma intimação dizendo para comparecer dia seguinte à PF, em João Pessoa. Por fim, juntaram as latas com o filme e foram embora.

Fiquei, então, sob pasmo. Dia seguinte, sem que meu pai soubesse, para não o contrariar, fui sozinho à Polícia Federal explicar o "porquê" da exibição do filme de Glauber Rocha. – Mais "Coisas de Cinema" no livro *Menino de Cinema*, ou acesse o nosso blog: www.alexsantos.com.br



APC participa do debate sobre a Lei Aldir Blanc

Representando a Academia Paraibana de Cinema, seu presidente João de Lima participou, na terça passada de uma reunião com o secretário da Cultura Pedro Santos e vários representantes do audiovisual. Na pauta, uma discussão sobre a Lei Aldir Blanc e as políticas estruturantes para o segmento audiovisual paraibano.

Segundo o professor João de Lima, as sugestões que foram apresentadas sobre a lei e os demais temas, durante o encontro, serão tratados na reunião da APC, no próximo mês de maio, no Auditório do Cine Mirabeau, no Bessa (Aeroclube), em João Pessoa.

Em cartaz

ESTREIAS

AUMENTA QUE É ROCK'N'ROLL. Comédia/ drama. Jornalistas fundam emissora de rádio totalmente dedicada ao rock nacional.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a ter.: 15h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qui. a ter.: 16h, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: qui. a seg.: 17h, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: 16h30, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: 16h30, 20h50.

CONTRA O MUNDO. Aventura/ ação. Rapaz surdo com vibrante imaginação vinga a morte de sua família.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: qui. a seg.: 17h30, 22h10; ter.: 19h50, 22h10. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: qui. a ter.: 16h50, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a ter.: 16h50, 21h.

A NATUREZA DO AMOR. Comédia/ drama. Professora tem a vida de cabeça para baixo quando se apaixona por carpinteiro.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: qui. a seg.: 16h30, 21h45; ter.: 21h45.

RIVAIS. Drama/ romance. Treinadora de tênis e seu marido jogador encontram ex-namorado dela e ex-melhor amigo dele.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: qui. a seg.: 15h, 18h, 21h; ter.: 15h.

SPY X FAMILY – CÓDIGO: BRANCO. Aventura/ ação/ animação. Espião e assassina fingem ser uma família comum.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: ter.: 15h10, 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: qui. a seg.: dub.: 14h; leg.; 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a seg.: 19h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 14h20, 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h20, 18h40.

URSINHO POOH – SANGUE E MEL 2. Terror. Os personagens levam trilha de sangue à cidade.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 19h15, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: qui. a ter.: 19h15, 21h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qui. a ter.: 18h30, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: qui. a ter.: 14h50, 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a ter.: 14h50, 19h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qui. a seg.: 19h05. CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 17h05. CINE GUEDES 3: dub.: qui. a ter.: 21h20. MULTICINE PATOS 3: qui. a seg.: dub.: 19h; leg.: 21h15.

PRÉ-ESTREIA

O DUBLÊ. Aventura/ comédia/ ação. Dublê precisa encontrar o astro desaparecido do filme dirigido por sua ex-namorada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: ter.: 18h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): qua.: dub.: 13h30, 19h; leg.: 16h15, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: qua.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: ter.: 18h, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: ter.: 18h50. CINE GUEDES 2: dub.: ter.: 21h10. MULTICINE PATOS 1: dub.: ter.: 20h55; qua.: 14h50, 17h40, 20h30. MULTICINE PATOS 4: dub.: ter.: 19h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: ter.: 19h; qua.: 15h45, 18h20, 20h50. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: ter.: 20h30.

FÉRIAS TROCADAS. Comédia. Dois homens com a mesma aparência e nome levam suas famílias para férias, mas têm os destinos trocados.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qua.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qua.: 18h45. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: qua.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qua.: 21h. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: qua.: 19h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qua.: 14h40, 19h.

GARFIELD – FORA DE CASA. Comédia/ aventura/ animação. O gato Garfield reencontra o pai e acaba metido em um arriscado assalto. 1h41. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 3D: 15h30; 2D: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: qua.: 14h15, 16h45, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: qua.: 14h45, 17h15, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: qua.: 15h15, 17h45, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 3D: dub.: qua.: 15h45, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: qua.: 15h, 17h, 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qua.: 15h, 17h, 19h. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: 3D: dub.: qua.: 16h10. MULTICINE PATOS 4: 3D: dub.: qua.: 14h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: qua.: 2D: 13h50, 18h10; 3D: 16h, 20h20.

ESPECIAL

LIGA DOS CAMPEÕES DA EUROPA. Transmissão ao vivo de Bayern (ALE) x Real Madrid (ESP).

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: ter.: 16h.

CONTINUAÇÃO

ABIGAIL. Terror. Bandidos sequestram menina, mas não sabem que ela não é uma garota normal.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: qui. a ter.: 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: qui. a ter.: 20h50; qua.: 16h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qui. a ter.: 20h50; qua.: 16h25. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 17h, 21h; seg. e ter.: 21h.

EVIDÊNCIAS DO AMOR. Comédia/ romance. Homem viaja no tempo ao ouvir "Evidências".

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a seg.: 15h10.

GHOSTBUSTERS – APOCALIPSE DE GELO. Comédia/ aventura. Caça-Fantamas lutam para evitar era do gelo.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: qui. a ter.: 15h15, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 14h30. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: qui. a ter.: 16h20, 18h35; qua.: 14h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a ter.: 16h20, 18h35; qua.: 14h10. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 19h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 17h05, 19h30.

GODZILLA E KONG – O NOVO IMPÉRIO. Aventura/ ação. Dois monstros gigantescos se unem para combater uma ameaça à humanidade.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: qui. a ter.: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: dom.: 13h15, 15h45, 18h15; seg. e ter.: 15h45, 18h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: qui. a ter.: 15h, 17h30, 20h. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: qui. a ter.: 18h20, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qui. a ter.: 18h20, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h, 21h10; seg.: 21h10. MULTICINE PATOS 3: 3D: dub.: qui. a seg.: 16h10; ter.: 16h20, 21h15; qua.,: 21h15. MULTICINE PATOS 4: 3D: dub.: qui. a seg.: 20h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 17h25.

GUERRA CIVIL. Guerra/ drama/ aventura. Jornalistas de guerra registram uma guerra civil nos EUA.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qui. a ter.: dub.: 16h, 18h30; leg.: 21h; qua.: dub.: 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qui. a ter.: leg.: 14h15, 19h30; dub.: 16h45, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dom.: dub.: 13h45, 16h15; leg.: 18h45, 21h30; seg e ter.: dub.: 16h15; leg.: 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: qui. a ter.: 14h30, 17h15, 20h; qua.: 14h30, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qui. a ter.: 16h30, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 16h10, 18h20, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h10, 18h20, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 15h, 17h, 19h10; seg. e ter.: 17h, 19h10. MULTICINE PATOS 1: dub.: qui. a seg.: 18h10, 20h45; ter.: 15h45, 18h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: sab. e dom.: 15h20, 17h40, 20h; seg. e ter.: 19h30.

JORGE DA CAPADÓCIA. Drama/ religioso. Militar romano encara perseguição aos cristãos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a seg.: 19h50.

KUNG FU PANDA 4. Comédia/ aventura/ animação. Panda precisa encontrar o novo dragão guerreiro e enfrentar antigos vilões.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: qui. a ter.: 14h45, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qui. a ter.: 14h, 16h15. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: qui. a ter.: 14h40, 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qui. a ter.: 14h40, 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h. MULTICINE PATOS 4: 3D: dub.: qui. a seg.: 15h30, 17h45; ter.: 15h, 17h10; qua.: 16h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 15h.

A PRIMEIRA PROFECIA. Terror. Noviça começa a descobrir uma conspiração que deseja provocar o nascimento do anticristo.

Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 20h15.

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Crônica de viagem

Minha Comarca agradece ao refinado clarinete do maestro Gentil. Seus solos intervalares parecem conduzir, aos nossos corações, a silenciosa e cadenciada melodia dos deuses. Gentil, que se deu à música a vida inteira, compreendendo, portanto, os segredos dos aforismas acústicos, é um desses deuses que sabe o sabor das harmonias viscerais.

Minha Comarca agradece ao poeta e cantador, Dudé das Aroeiras, a força de sua voz e o veludo de seu violão. Delicada técnica na mão direita, traz o calor da terra para as cordas discorrerem o brilho original das composições. Há qualquer coisa dos sacrários ancestrais a pontuar o idioma de seu instrumento vocal, como se nas canções que canta e dedilha, ficasse cristalizado o aroma solar que vem das pedras e dos riachos.

Era um domingo. Dia 21 de abril de 2024. Éramos quinze aventureiros pousando nos pastos humildes e verdes de minha Comarca. Havia chovido... O Cariri floresce, de repente, com a sinfonia das águas. Íamos em busca da alegria, da convivência, do afeto e do sonho, unindo o ritmo de nossa sensibilidade ao suave e doce corpo da paisagem.

Dentro de mim, o quieto entusiasmo em rever aquele chão sagrado onde plantei os desejos de minha meninice. Dizia a um que daquele serrote, o Serrote da Torre, descia a negra Conga, com seus cavalos de pau, para comercializar, na feira dos sábados, a fantasia que alimentava a alma das crianças. A outro, mostrava a Pedra do Sino, patrimônio arqueológico que ainda hoje me encanta. O Cruzeiro, a igrejinha do Rosário, a casa em que nasci, o açude, o alto, o mercado público, a praça, o Grupo Escolar Major José Barbosa; becos, ruas, ladeiras, os descampados em derredor, tudo compilava na partitura de minha rude ciência ecológica e turística.

Minha Comarca agradece à casualidade de três circunstâncias quase apoteóticas, fermentadas ao apelo das íntimas emoções. Primeiro, Gilmar Leite, declamador do Pajeú das Flores, sonetista contumaz, recita o poema "O silêncio da noite", a partir de um mote de Severina Branca. Segundo, o imortal Tarcísio Pereira, dramaturgo e escritor, interpreta o poema, calcado no sermão do Padre Vieira contra a escravidão, extraído de uma de suas inúmeras peças, numa encenação que a todos comoveu. Por fim, o advogado Durval Lira, numa oração de iluminado improviso, faz a resenha lírica desse encontro histórico, etílico e poético.

Minha Comarca agradece aos versos telúricos e dilacerados do poeta Irani Medeiros, jogando sua voz aos ventos e exercitando o olhar de sertanejo pelos chamados agrestes de uma outra geografia. Humberto de Almeida se deixava levar pelo embalo da música, apreendendo, como poucos, a verdade fônica dos arranjos e compassos no embate dos instrumentos, no pulsar da voz contrastando com os relevos do silêncio.

Se Antônio David fotografava, com seu clic estético e documental, interstícios da paisagem, fímbrias de rostos transfigurados, imprimindo o selo da vida nas naturezas mortas; se Marcos Estrela mirava, também com seu talento artístico, particularidades da zona urbana e espalhava a imaginação pelos seios das serras, Omar Brito, ator e cineasta, tecia películas dentro do nada, para captar as manchas douradas das coisas invisíveis.

O grande jornalista Sérgio Botelho se fez escrivão e repórter dessa pequenina maratona, quer nos seus imperativos históricos, quer nos seus dispositivos abertos para o devaneio. Pierre Bertholet, sagaz andarilho, caçador de paisagens, topógrafo de principados simbólicos, ampliou, decerto, a riqueza de seu acervo cultural, assim como o poeta do mínimo, Gilson Rolim, trouxe o cheiro dos exuberantes marmeleiros para dentro de sua engenharia vocabular.

Minha Comarca agradece, a ele, o geógrafo e bibliófilo Francisco de Assis Vilar, o peso de sua presença rara e o exemplo de sabedoria e serenidade que nos oferece todo dia. Assis conhece a cultura e conhece a natureza; sabe fundi-las de acordo com as matrizes da disciplina cósmica. Minha Comarca também agradece ao professor doutor, José Roberto Nascimento, a tactilidade do seu conhecimento quântico e a convicção de que, minha Comarca, como todas as comarcas do mundo, não foge ao princípio democrático da incerteza. Minha Comarca agradece ao caçula da turma de aventureiros, jornalista Alexandre Macedo, editor e executivo da EPC, Empresa Paraibana de Comunicação, a agudeza gráfico-visual de seu olhar também dado ao gosto da beleza.

Foi assim aquele domingo. O cronista agradece, em nome da Comarca, a visita de seus pares a seus pagos antigos. Mesmo embebido na liquidez da música, na música da poesia, na poesia de líquidos mágicos, o pobre cronista não conseguia tirar o olho das pedras que tanto lhe marcaram o destino. Essas pedras, brutas e polidas, serenas e severas, graves e agudas, donde escorre o óleo natural da vida.

Colunista colaborador

MÚSICA

Artistas celebram dia do *jazz* na Casa da Pólvora

Bandas Parahyba Ska Jazz e Freetozz se apresentam a partir das 16h

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Foto: Rafael Passos/Divulgação

A banda Freetozz vai receber o sanfoneiro Helinho Medeiros para a apresentação desta tarde

Sanfona no *Jazz*? Temos sim, senhor. Essa será uma das surpresas que o evento comemorativo em alusão ao Dia Internacional do *Jazz* trará para o público do Parque Cultural Casa da Pólvora (Ladeira São Francisco, 152, Centro, João Pessoa) neste domingo, a partir das 16h, com entrada gratuita. O local receberá como atrações o grupo Parahyba Ska *Jazz* e a banda Freetozz – esta, trazendo como convidado o sanfoneiro Helinho Medeiros, que também acompanhará os músicos ao piano.

A data foi instituída em 2012 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e tem por objetivo preservar e celebrar este gênero musical. Ainda que seja taxado como produto da sociedade norte-americana, o *jazz* carrega em seu DNA raízes afrodescendentes. À época, o anúncio da Unesco foi feito pelo pianista Herbie Hancock, eleito pela ONU Embaixador da Boa Vontade.

O Parahyba Ska *Jazz* tem dez anos de estrada e carrega em seu repertório canções próprias e clássicos do gênero. Na formação atual, temos: Adrielly, no teclado; Alysson Jorge, na guitarra; Alysson Ramalho, no trompete; Everton Cavalcante, no contrabaixo; Francisco Vasconcelos, na bateria; Rodrigo Marques, no saxofone; e Sandro Rodrigo, no trombone. Em 2020, o grupo estreou seu primeiro trabalho autoral – o single *Smoke Minister* e projetam para 2024 disco com canções inéditas.

Já o Freetozz, em atividade desde 2017, carrega em sua essência traços regionais, como o maracatu, o baião e o frevo, além de influências de psicodelia. Em projeto recente, a banda prestou um tributo ao músico João Donato, falecido em 2023. Hoje, o grupo é composto por: André Luiz, ao trompete; Neto Cleanto, no baixo; Rodrigo Amaral, na bateria; Rodrigo Marques, no sax; e Uirá Garcia, na guitarra.

"Essa parceria surgiu desse convite que a banda me fez para participar de um show deles, há algumas semanas. Foi muito bacana naquela época e eles chamaram para tocar de novo", rememora Helinho Medeiros.

A mistura do forró com o *jazz* é familiar para o músico – que explicita: mesmo que não sejam elementos comuns na música regional, os instrumentos com os quais tem proximidade refletem "o que está na cabeça" do músico. "A formação que o Freetozz tem hoje é muito parecida com a banda que tocou no meu novo disco, que lanço em breve. E vai ser legal porque conseguiremos tocar algo do meu repertório também", conta.

O evento é uma realização da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), com produção da agência Toroh Música & Cultura. Rayan Lins, produtor do evento, esclarece que o Dia Internacional do *Jazz* é comemorado no dia 30 de abril. "Como a Casa da Pólvora já tem esse projeto aos domingos, calhou de agendarmos o show para este domingo", detalha Rayan.

"POR UM FIO"

Reflexões sobre o circo no Viva Usina

Sheila Raposo
sheilampraposo@gmail.com

Hoje tem espetáculo, sim, senhor. Mas a obra que sobe ao picadeiro simbólico da Sala Vladimir Carvalho, na Usina Cultural, é uma palestra-performance que evidencia o trajeto de concepção dramatúrgica do solo circense *Por um Fio*, da Trupe Arlequin de Circo e Teatro, às 16h de hoje, com entrada gratuita.

Em diálogo aberto com os espectadores, a obra questiona as fronteiras entre circo, teatro e performance — ou entre arte e vida. "Tudo começou com o espetáculo chamado *Por um Fio*, construído a partir de uma investigação realizada em residências artísticas e de formação, na França, no Chile e no Brasil, entre 2020 e 2021", conta o multiartista Diocélio Barbosa, ator solo dessa palestra-performance.

Segundo ele, a concepção da obra é inspirada no formato *site-specific*, que se refere a obras elaboradas para um local específico, por estarem intimamente ligadas a ele. No caso de *Por um Fio*, esse ambiente foi o quintal da sua mãe. "É um lugar onde passei parte significativa da minha infância, que guarda o cheiro de parte das minhas memórias", ressalta.

A obra estreou em julho de 2022, nos quintais onde nasceram seus pais, nas cidades de Mamanguape e Mari, respectivamente. Dioclécio acrescenta que o processo de investigação para a concepção desse espetáculo contou com a provocação colaborativa de artistas de várias partes do Brasil.

Foto: Divulgação

Solo da Trupe Arlequin tem diálogo com o público

ELEIÇÕES 2024

O voto na escolha proporcional para eleger vereadores

Objetivo do sistema é fortalecer os partidos como instituições políticas nas Câmaras e Assembleias

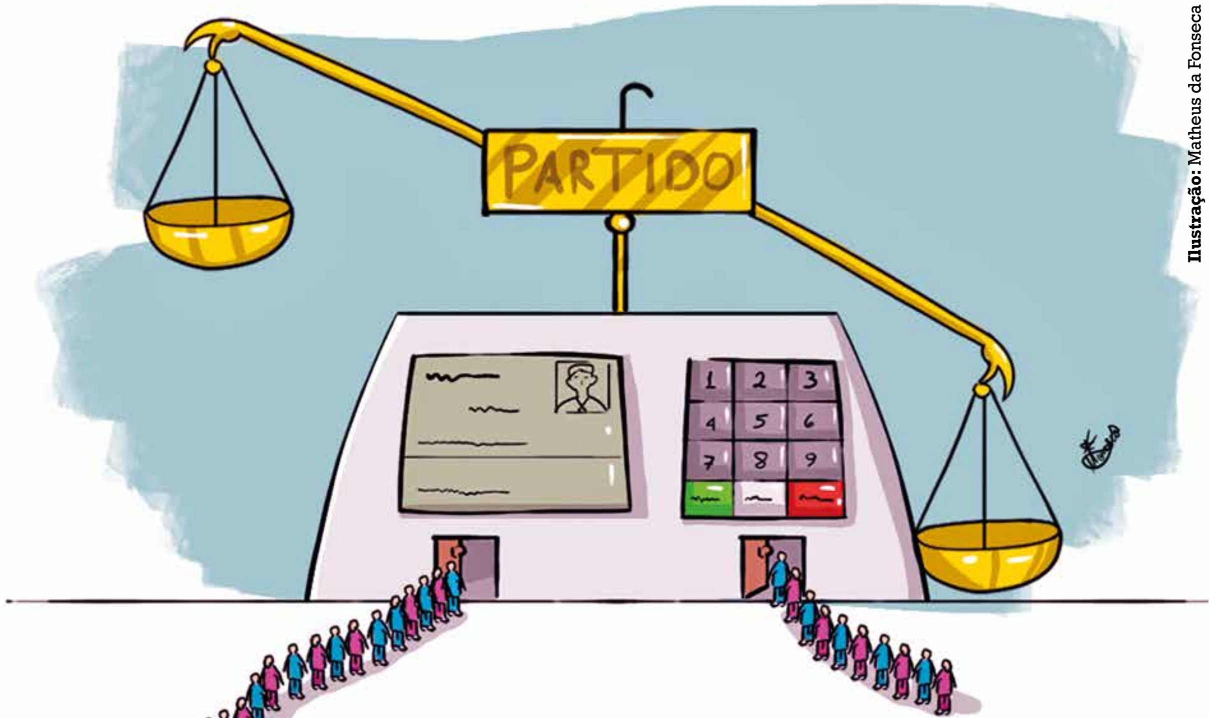


Ilustração: Matheus da Fonseca

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

Nas eleições deste ano, os eleitores vão às urnas eleger o prefeito, vice-prefeito e vereadores do município. Para prefeito e vice-prefeito, o eleitor vota em uma chapa e ganha quem obtiver o maior número de votos, em primeiro turno, para os municípios com mais 100 mil eleitores e nos casos de João Pessoa e de Campina Grande em dois turnos, caso os concorrentes não alcancem mais de 50% dos votos válidos mais um no primeiro turno.

Para a eleição de vereadores, o cálculo para a definição dos eleitos ocorre de forma diferente, é o chamado sistema proporcional de votação. Nesse sistema, não se considera apenas a votação nominal (individual) da candidata ou candidato, mas também o total de votos dados ao partido ou federação (as federações partidárias são consideradas como um só partido político). O objetivo do sistema proporcional é fortalecer os partidos como instituições políticas. Este modelo também é adotado no Brasil nas eleições para a Câmara dos Deputados e assembleias legislativas estaduais.

De acordo com o professor de Direito Constitucional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Agassiz de Almeida Filho, o sistema de votação proporcional ajuda a fortalecer a representação por permitir que um número considerável de eleitores possa ter o candidato em quem votou nas casas legislativas, não sendo eleito apenas os mais votados.

"O sistema proporcional é mais representativo do que o sistema majoritário, que elege prefeitos, senadores, governadores e Presidente da República. No majoritário, só se elegem os mais votados, e os eleitores que votaram em quem perdeu fica sem um representante eleito", explicou.

Segundo a legislação eleitoral, nas eleições proporcionais, assim como nas majoritárias, contam-se como válidos apenas os votos dados a candidatas e candidatos regularmente inscritos e às legendas partidárias. Ou seja, não são contabilizados os votos em branco, nulo ou anulados. O voto nulo é aquele no qual a eleitora ou o eleitor se recusa a escolher um dos candidatos de uma eleição. Para isso, por exemplo, basta digitar um número não existente na urna eletrônica e, em seguida, confirmar.

Já o voto anulado é aquele que foi dado a algum candidato de maneira regular, mas que, por algum motivo posterior, foi invalidado necessariamente por força de decisão judicial. São anulados, por exemplo, os votos dados a candidatos que tiveram o registro de candidatura indeferido ou cassado; ou, ainda, em eleições em que tenha havido fraude comprovada juridicamente, o que, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), não ocorre no Brasil desde a implantação do voto eletrônico, em 1996.

Forma

Sistema não considera apenas a votação nominal (individual) da candidata ou candidato, mas também o total de votos dados ao partido

Número de parlamentar depende da lei orgânica


Foto: Arquivo Pessoal

"O critério das cotas é um critério que pode ajudar o sistema eleitoral a ser mais democrático no momento atual

Agassiz Almeida

O número de vereadores eleitos é determinado pela lei orgânica do município, sendo observado o limite máximo estabelecido na Constituição Federal, por exemplo, em João Pessoa são 27 vereadores e em Campina Grande, 23 vereadores, em São José do Brejo do Cruz, menor município da Paraíba são nove parlamentares, número máximo permitido pela Constituição para municípios de até 15 mil habitantes.

O quociente eleitoral é determinado pela divisão da quantidade de votos válidos apurados pelo número de vagas a preencher. Para o cálculo, despreza-se a fração, se igual ou inferior a 0,5, ou arredonda-se para um, se superior.

O quociente partidário é o resultado do número de votos válidos obtidos pelo partido dividido pelo quociente eleitoral (desprezada a fração). O total corresponderá ao número de cadeiras a serem ocupadas pela legenda.

Com base nos cálculos, o partido ou a federação verifica os candidatos mais votados nominalmente para o preenchimento das vagas. Serão eleitos somente aqueles que tiverem votos em número igual ou superior a 10% do quociente eleitoral (QE). Serão esses que vão ocupar as vagas a que o respectivo partido ou federação tem direito. Se houver sobras de vagas, elas serão distribuídas pelo cálculo da média de cada partido ou federação.

No entanto, o professor Agassiz de Almeida Filho alerta que o sistema, por si só, não resolve o problema da representatividade nas casas legislativas. As mulheres e grupos minoritários ainda enfrentam barreiras partidárias, sociais e políticas que os impedem de participar de forma viável do processo eleitoral.

"O critério das cotas é um critério que pode ajudar o sistema eleitoral a ser mais democrático no momento atual. Mas a verdade é que o nosso sistema político precisa passar por uma ampla reforma para refletir de modo mais eficiente os grupos sociais, os interesses e os valores dos brasileiros", finaliza o professor Agassiz de Almeida.

Suplentes

Segundo a norma, serão considerados suplentes dos partidos políticos e das federações que obtiveram vaga os mais votados sob a mesma legenda ou federação e que não foram efetivamente eleitos. A lista de suplentes obedecerá à ordem decrescente de votação. Em caso de empate na votação, a ordem se dará de forma decrescente de idade. Na definição de suplentes, não há exigência de votação nominal mínima.

Eleitores podem regularizar títulos até 8 de maio

Os eleitores têm até o dia 8 de maio para regularizar a situação junto a Justiça Eleitoral para participar das Eleições 2024. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a partir de 9 de maio o cadastro de eleitorado estará fechado para a organização das eleições municipais deste ano.

Nos cartórios eleitorais, é possível requerer a emissão dos títulos para quem não possuir, fazer alterações no local de votação, mudar o domicílio eleitoral e atualizar os dados cadastrais e realizar o cadastramento da biometria.

Na Paraíba os cartórios eleitorais e postos de atendimento de João Pessoa e Campina Grande funcionam de segunda a quinta-feira das 12h às 19h e às sextas-feiras das 7h às 14h. Nos demais cartórios o funcionamento, é de segunda a sexta-feira das 7h às 14h.

Localização

O endereço e o contato dos cartórios eleitorais e dos postos de atendimento podem ser consultados no site do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), www.tre-pb.jus.br/.


Foto: Ascom/TSE

Na votação, todo o cálculo é feito rapidamente por programas especiais da Justiça Eleitoral

João Pereira

De tropeiro a arquivista: um profissional que não desistiu de aprender

Mais velho de 10 irmãos, começou a trabalhar cedo para ajudar no sustento da família e acabou vigilante, cargo oferecido ao pai, que o indicou; hoje zela pela organização das coleções do jornal, de fotos e do Diário Oficial

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Há 131 anos, **A União** é protagonista de histórias. E uma delas é a de João Pereira, hoje lotado no Arquivo. Ele chegou à empresa para trabalhar na vigilância, cargo oferecido ao pai pelo amigo Milton Nóbrega, que era diretor técnico. João trabalhava desde os 10 anos de idade, ajudando a sustentar oito irmãos. Era tropeiro e vivia no mundo com seis jumentos, construindo açudes. Muitas vezes dormia na cangaia dos animais. Mas ele não desistiu e, n'**A União**, que também reconhece como escola, onde aprendeu a melhorar a leitura e a escrita, foi alçando postos. Trabalhou no acabamento e foi ajudante na Cottrell – impressora do jornal – até chegar ao Arquivo. Coleciona os jornais, o Diário Oficial, encaminha a encadernação e recebe estudantes e profissionais que querem conhecer ou pesquisar. Conhece o trabalho como poucos, sabe onde localizar tudo e só lamenta não conseguir aprender a lidar com o computador. Para quem já conseguiu tantas vitórias, quem duvida que um dia ele dominará a máquina?

Fotos: Edson Matos/Arquivo A União



João Pereira revelou que trabalhava com seis jumentos "nesse mundo de meu Deus", construindo açudes, como o do Cajá

A entrevista

■ *Como foi que começou a sua história? Quando foi que você chegou aqui no jornal **A União**?*

Entrei no jornal **A União** em 1983, convidado por Milton Nóbrega, amigo de meu pai. Eu andava pelo mundo.

■ *Milton, artista gráfico?*

Meu pai andava com Milton, e eu pelo meio do mundo, fazendo barragem com um jumento. Eu era tropeiro. Meu pai foi chamado por Milton para trabalhar aqui de vigilante. Como meu pai não quis, já estava empregado, e eu não tinha documento assinado, ele me indicou. Milton disse: "Manda ele vir". Numa segunda-feira, me apresentei com os documentos que pediram.

■ *Quem era o superintendente? Você lembra?*

Deoclécio Moura. Fiquei na vigilância. Passei uns três anos.

■ *No distrito ou lá na João Amorim, onde era a redação?*

Fiquei três dias, quatro dias, aqui no distrito, depois fui para a João Amorim, por trás do Bompreço, em Jaguaribe. Fiquei trabalhando de noite. E, às vezes, revezava com outros colegas, que precisavam de uma folga durante o dia. E fui trabalhando em todos os prédios; o último foi na rua do jambeiro. E dali foram para a antiga Saelpa, e de lá para cá. Nesse tempo, eu não era mais vigilante, trabalhava com Marconi Antônio de Araújo, no almoxarifado.

■ *Quando chegou ao distrito, você foi para que setor?*

Fui para a gráfica perto de Socorro, no acabamento, por pouco tempo, e depois fui pra Cottrell, na época dos cadernos.

■ *Você passou por vários setores?*

Trabalhei na redação também, fazendo a limpeza das máquinas de datilografia.

■ *Como era esse trabalho?*

Tirava a sujeira, trocava a fita, melava a mão toda, mas fazia parte da história. Era meu trabalho, não podia deixar de fazer.

■ *Imagina o jornalista começar a bater e a fita não prestar...*

O jornalista melar a mão, sujar o texto que estava fazendo. Eu tinha mais cuidado com as máquinas do que com as mãos. Depois cuidava da mão. Quando o pessoal chegava, estava lá lubrificada e limpinha, apesar da catinga da gasolina ou do querosene. Depois fui para o setor de compras.

■ *Meu amigo, você só não foi diretor d'**A União** ainda?*

Não tinha estudo.

■ *Mas eu estou falando que você passou por muitos setores...*

Trabalhei com Chicão, no setor de compras, e com Giuseppe, na gráfica. Voltei para o almoxarifado, onde demorei muito tempo.

■ *Aprendeu a lidar com todos aqueles produtos?*

Papel, sei decorado quase tudo.

■ *Gramatura, couchê?*

O que você pedisse ali, eu sabia tudo.

■ *E tudo aprendendo no trabalho ou você chegou a fazer algum curso?*

Curso, não. Sou uma pessoa que gosto muito de observar as coisas. Aprendo facilmente, rapidinho.

■ *Está se vendo pela quantidade de setores pelos quais você passou...*

Muito setor, graças a Deus. Trabalhei até na máquina da impressora e nunca sofri um acidente. Na redação tinha um setor que fazia emenda na paginação. Às vezes, um errado você cortava com estilete e com uma colinha colava as letras no diagrama para ir para o fotolito.

■ *Mas você teve experiência até na emenda?*

Em tudo. Eu só não trabalhei na limpeza, mas no resto trabalhei em tudo. E, depois, se eu não me engano – trabalhei em muita coisa aqui dentro – vim para o Arquivo.

■ *Onde você está até hoje...*

Eu aprendi no jornal, na redação. Eu vi muita coisa, muita gente importante. Paulo Maluf... apertei a mão dele. E várias pessoas que eu tive aquele prazer de conhecer, como as Paquitas de Xuxa. E conheci muitas pessoas interessantes que eu pensava que não ia conseguir me aproximar dessas pessoas.

■ *Pessoas que vieram n'**A União**...*

Sim. Vim para o Arquivo, onde tive o prazer de trabalhar com o pessoal do setor. Se eu disser que não aprendi nada, estou mentindo. Mas eu vi muito, com eles aprendi muitas coisas, coisas relacionadas ao Arquivo: decreto, lei, publicação de balanço, Diário Oficial, jornal. Isso aí eu sei tudinho, eu aprendi tudo isso quando cheguei aqui.

■ *Você se lembra de quando chegou ao Arquivo?*

Faz uns 20 anos. Há 10 anos, Ana está ali e, quando ela chegou, eu já estava lá. Eu tenho 40 anos e três meses de **A União**. É muito história. E, quando eu cheguei aqui, nunca imaginei ficar frente a frente com um governador, e fiquei com João Azevêdo: no Arquivo, apertei a mão dele. Ele olhou pra mim e perguntou: "Você tem quantos anos aqui?". "Por enquanto, 40 anos, mas vou chegar a mais". Ele deu uma risada. Tirei uma foto com ele. Nunca pensei em trabalhar no jornal. Minha vida era só no meio do mundo, abrindo barragem, açude. Trabalhei na Usina São João, na Santa Helena, em olaria, fazendo tijolo, mas depois da cheia desmanchou tudinho. **A União** para mim é uma escola. Eu não sabia falar direito, me ensinaram. Aprendi muita coisa.

"Quando cheguei, nunca imaginei ficar frente a frente com um governador, e fiquei com João Azevêdo"

■ *Você é de onde?*

Cruz do Espírito Santo, aqui pertinho da cidade de Milton Nóbrega. A gente vivia na casa dele, meu pai saía com ele para jogar bola. Meu pai era, se eu não me engano, atacante.

■ *Quando chegou ao Arquivo, você não entendia nada?*

Não, nada. Não sabia para onde ir.

■ *E por que você foi parar lá?*

Porque me chamaram. Quando a empresa chama a gente, tem que ir, tem que cumprir. Quando você precisa do emprego, você tem que valorizar a sua empresa. Eu gosto de ter responsabilidade pelo trabalho que faço. É uma coisa que eu aprendi com meu pai: "Faça o que se manda. Não vá roubar, mas faça o certo. Saiba falar com as pessoas".

■ *E o que foi que você aprendeu logo que chegou ao Arquivo?*

Tem que usar luva e máscara. É importante, não pode chegar e manipular de qualquer jeito. Tem que ser com carinho. As páginas do Diário Oficial e do jornal antigo são muito delicadas. Qualquer coisa pode esfacelar, tem que ter cuidado. Quando chega qualquer pessoa lá, digo: "Irmão, isso aqui é importante. Tome máscara e luva e tenha cuidado quando abrir a página, porque é muito frágil, muito sensível". Mesmo assim, pode rasgar, e gente que não trabalha no setor não tem a habilidade. E a gente não pode falar grosso: "Não pode isso, não". A pessoa vai entender o nosso trabalho. E outra coisa: eu aprendi muito a memória de jornal.

■ *Aqueles livros grandes?*

Aqueles livros da coleção, o Arquivo de jornal. É a memória da sociedade paraibana, da história da Paraíba. Cada história que a gente tem lá é importante demais. Às vezes, vem uma pessoa de fora, da Universidade, Polícia Militar, bombeiro, prefeituras vêm aqui para fazer pesquisa, pegar um decreto de uma prefeitura municipal. E muitos querem bem rápido e não sabem a data. Pergunto: "Sabe o ano? Diga o número do decreto e o ano, que eu vou bater lá".

■ *Como é o procedimento?*

O decreto é assim: decreto 44.711. Como agora ele está na sequência, fica mais fácil, porque antigamente o decreto não era pela ordem, saía antes ou depois, dependendo da necessidade da administração. E fui desenvolvendo. Também aprendi mais sobre as fotos, que estão nas caixas, bem organizadas. E Ana Flor, a chefe do Arquivo, me ensinou muita coisa, aprendi demais com ela: como preparar as caixas, como colocar na ordem. Eu aprendi muita coisa com ela. Ensinou-me a organizar, como botar na estante, tudo na sequência.

■ *O Diário Oficial e o jornal têm coleções em livro?*

Têm, e nem todas foram digitalizadas porque, depois da pandemia da Covid-19, parou, porque não havia condições de ficar todo mundo junto. Aí cancelaram a digitalização, mas muitas coisas do Diário Oficial e do jornal estão digitalizadas: Correio das Artes, livros da Editora A União, tudo bem organizado.

■ *Qualquer coisa, sabendo um detalhe, você vai lá e encontra?*

Porque Ana tem no computador toda ela, todos os livros. Quando chega um exemplar novo para a gente, eu recebo e passo para ela, que faz a catalogação, um programa de todos os livros de **A União**. A gente sabe onde está. E tem o Correio das Artes, que é muito bom, o Arquivo fotográfico e muita revista boa. "O Pirralho" não tem todos; se não me engano, há seis, sete coleções. E o Correio das Artes, de 2005 em diante, tem todas as coleções.

■ *Quer dizer que, se uma pessoa que está fora de **A União** precisar fazer uma consulta, faz por telefone?*

Manda um e-mail ou vem aqui pessoalmente. Ana recebe e me repassa: "João, uma pessoa ligou e está querendo esse edital, aposentadoria, licença-prêmio, abono -permanência"...

■ *Uma notícia?*

Uma notícia, a gente manda pelo e-mail. Antigamente, a gente tirava xerox, o que era muito difícil: o jornal grande, aquele livrão. Hoje a gente vai à redação, chama um fotógrafo para tirar a foto e manda. Imagine uma pessoa de Campina Grande precisando de um Arquivo, ter que vir aqui, se há a facilidade de enviar por e-mail.

■ *Você também opera o computador?*

Não. Eu queria muito aprender, tentei, mas não consegui.

■ *Nunca é tarde. Tente outra vez...*

Mas eu não consigo, minha cabeça não dá para isso.

■ *Deixa de conversa. O cara que começou como um "barrageiro", vivia com o jumento, com os cambitos trabalhando num jumento, fazendo barragem, levada e está no Arquivo.*

Eu brincava com esse pessoal. Quando alguém perguntava "João, você trabalhava em quê?". "Fui tropeiro". "Mas tu tinha quantos jumentos?". "Eu tinha seis, comigo sete". Era uma gargalhada. Os caras riam demais.

■ *Era uma brincadeira sua...*

Era brincadeira, mas verdade. Eu dormia na cangaia, trabalhando no meio do mundo. Aquele balde do açude do Cajá fui eu que fiz.

■ *Mas, voltando aqui, o que é mais importante no trabalho do Arquivo?*

A preservação, com certeza. Isso é importante. Com certeza. Não tenha uma dúvida. Tenho o maior cuidado de guardar aquele negócio. Para mim é uma coisa muito importante.

■ *Vejo que, quando a gente vai lá procurar alguma informação, você faz questão de deixar a gente à vontade, é quem pega, quem mostra...*

Com certeza. Não deixo ninguém pegar, porque eu sei onde está. Se você for pegar, não sabe onde está.

■ *E, além do mais, posso deixar desorganizado...*

Exatamente. Pronto, aí está o problema. Eu pegando, sei onde vou colocar, do mesmo jeito que achei. Você não vai saber onde pegou. Eu sei tudo ali dentro. Se você me pedir um jornal de tal dia, de tal ano, vou ao canto certo.

■ *A coleção mais completa é a do jornal ou é a do Diário Oficial?*



"Eu aprendi muito. Melhorei a leitura e a escrita. Eu ia pedir, não sabia nem falar direito"

Todas as coleções de jornais são completas.

■ *Não tem uns anos que estão faltando?*

Não, isso aí depende de exame também. Tem Diário Oficial que está faltando página. Não sei o que houve na encadernação. Mas hoje, quando eu mando para encadernar, eu confiro, olho tudo e mando para uma pessoa encadernar. Quando volta, vou conferir tudinho para depois não dizerem: "João estava aqui no Arquivo e não viu isso aqui, deixou passar". Não, nada disso. Deixo passar não. Está tudo completo, direitinho.

■ *E aqueles problemas que há em alguns livros, em que a gente nota uma notícia que foi recortada, que passaram a tesoura, o estilete?*

Aquilo foi há muito tempo atrás. Agora não existe mais, não tem mais isso. Coisa dos anos 30, 40, 45. A gente não sabe. Antigamente, quando uma pessoa precisava, eu saía com ela para autenticar no cartório. A gente podia sair. Eu ia com a pessoa, com uma cópia. Ia ao cartório, autenticava e voltava.

■ *Como é o procedimento para arquivar?*

Todo dia pego um jornal e um diário, separo e guardo em um armário. Boto uma quantidade na redação. Para não abrir o pacote que eu guardei para encadernar, faço uma coleção no setor do Arquivo, porque aquele dali que a gente usar não vai prestar mais, porque está furado, e a gente não pode botar jornal furado numa coleção. Quando chega alguém querendo um jornal de janeiro, dou a coleção de janeiro desses que já estão furados, porque a pessoa manipula sem problema.

■ *Se precisar tirar uma foto ou escanear ele inteiro, aí é que você recorre à coleção?*

Exatamente. Se a pessoa quiser manipular, a gente entrega o jornal que já foi furado, que está no cavalete. Na redação, mesma coisa.

■ *Você pesquisa para si mesmo alguma coisa, algum fato?*

Sempre estou olhando, porque, quando sai alguma coisa da empresa, como o chamamento do pessoal do concurso... Vejo todo dia, pego e levo para o setor pessoal e deixo aqui na redação. Deixo também um Diário Oficial, porque sempre tem alguém que pode querer olhar também, conferir alguma coisa. E no jornal sempre tem algo importante. Quando chega, mostro à mulher: "Achei uma coisa que nunca esperava ver".

■ *Muita gente procura o acervo?*

Demais. Tem até que agendar, porque a mesa não é tão grande, o espaço, e muita gente atrapalha. Vem gente de colégios, de faculdade. Vem gente do jornalismo, da UFPB. Bastante gente.

■ *Como é o espaço dentro do Arquivo?*

Tudo é alvenaria. Só uma área não é de alvenaria, onde se arquiva as fotos.

■ *As fotografias já estão todas organizadas?*

Nem todas. Já tem uma funcionária no Arquivo organizando, tudo fotografia no papel.

■ *E as atuais, digitais?*

Mas o papel tem muita foto de papel, tem foto de gente importante. Tem muita foto, mas aquelas antigas... não tem muito, porque antigamente a qualidade... preto e branco.

■ *Mas tem muita foto?*

Muita foto. Não é brincadeira, não. Principalmente preto e branco, mais do que colorida. Até aqui continuo dando minha contribuição.

■ ***A União** foi escola...*

Olha, eu não sabia escrever muito, não tinha terminado meus estudos, porque meu pai bebia, e eu fui tomar conta da casa. Comecei a trabalhar com 10 anos de idade, cuidando de oito irmãos. Nesse mundo de meu Deus, fiz muita coisa. Sou marchante. No boi, faço tudo. Mas, quando eu voltei a trabalhar, disse a minha irmã que, se eu soubesse ler o bastante, eu teria um cargo muito bom n'**A União**. Itamar Cândido, quando foi superintendente, me chamou para assumir um cargo na empresa, de chefia. Não aceitei porque não tinha condições.

■ *Mas **A União** foi fundamental para você melhorar?*

Foi escola. Eu aprendi muito, aprendi mesmo. Melhorei a leitura e a escrita. Eu ia pedir, não sabia nem falar direito. Ana Flor me deu muito estudo, corrigindo, orientando naquela brincadeira dela.

■ *Ela é muito bem-humorada...*

Com certeza. A gente se deu muito bem naquele setor. Fui aprendendo. "João, você não fica chateado comigo, não?", ela perguntava. "Não. Para eu aprender, meu crescimento pessoal, não fico chateado de modo algum". E aqui também teve uma escola para a gente aprender, para a gente terminar o estudo da gente.

■ *Como foi essa história?*

Ganhei livros, caderno, lápis. Não cheguei a concluir, tive um problema de saúde e cancelei, mas devo muito **A União**, porque, na hora que precisei na minha vida, **A União** estava lá. A diretoria deu aquela força no período que eu passei hospitalizado e, outra coisa, Milton Nóbrega foi um pai.

■ *Como é feito o Arquivo fotográfico?*

Dentro de um envelope, em caixas. As fotos não podem colar uma na outra. Então, são vários tipos de caixa, uma maior, umas fininhas. Todas as fotos separadas, todas colecionadas direitinho, tudo na sequência.

■ *Na época da gráfica, você chegou a trabalhar com desenho?*

Não sei nem o que é isso. Não tive essa curiosidade, não tinha essa queda. Eu acho muito bonito, porque o desenho, o trabalho de Naldo, de Milton, é importante, muito bonito.

■ *Tem um setor de ilustração no Arquivo?*

Tem. É digital, está no computador, tudo guardadinho.

■ *É o Arquivo mais antigo do estado?*

Com certeza. O Arquivo de **A União** é dos mais organizados. Já fui a uma parte, tive curiosidade de visitar outros Arquivos e, até terminar meu tempo aqui, vou conhecer outros Arquivos.

■ *Muitas amizades?*

Com certeza. Aqui é amizade. Quando sair vou deixar muita saudade. Tenho o prazer de estar dentro de **A União**.

■ *Você é uma pessoa feliz no seu trabalho?*

Com certeza. Eu gosto da empresa e do que eu faço.

■ *Qual é a sua expectativa em relação ao Arquivo para, por exemplo, os próximos anos?*

A gente já falou até com William Costa, diretor técnico, para levantar uma pesquisa de preço e voltar ao processo de digitalização.

■ *Você tem algum assunto que você gostaria de tocar que eu não perguntei?*

Eu gostaria que a fotografia fosse toda é digitalizada. A minha expectativa é de que esses livros fiquem todos expostos para quem entrar no Arquivo. O diretor disse que já conversou com a presidente de fazer uma entrada com estante de livros para dar aquele impacto. É nosso prazer, uma alegria.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

CÂMARAS MUNICIPAIS

Massaranduba e Taperoá abrem 28 oportunidades

Há vagas para todos os níveis de escolaridade e salários atingem R$ 2 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com



Foto: Elza Fiúza/Agência Brasil

Certames de Massaranduba e Taperoá increvem até 19 e 31de maio, respectivamente

As Câmaras Municipais de Massaranduba e Taperoá estão com vagas abertas para profissionais de diversos níveis de escolaridade. Em Massaranduba, o concurso público oferece 11 oportunidades ao todo, distribuídas entre os cargos de assistente administrativo, auxiliar de serviços, copeira, operador de som, vigilantes diurno e noturno, arquivista e motorista. A jornada varia de 40 horas semanais a escalas de 12h por 36h, no caso dos vigilantes, e a remuneração mensal pode chegar até R$ 1,7 mil. Já em Taperoá, os salários oferecidos são de R$ 1,4 mil e R$ 2 mil, por uma rotina mensal de 30 horas. São ofertadas 17 vagas efetivas, além de cadastro reserva, para os cargos de auxiliar de serviços, motorista, vigia, agentes de comunicação e legislativo, auxiliar de contabilidade, técnico administrativo, assistente legislativo e técnico em contabilidade.

Vagas no Agreste

Para participar do concurso de Massaranduba, município localizado na região metropolitana de Campina Grande, é necessário realizar a inscrição até o dia 19 de maio pelo site da CPCON (cpcon.uepb.edu.br), que é a comissão responsável pelo processo seletivo. A taxa de inscrição varia de R$ 75 a R$ 95, de acordo com a escolaridade do cargo pretendido. Todos os candidatos passarão por uma prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para o dia 7 de julho; já para a função de motorista, haverá também uma prova prática agendada para o dia 11 de agosto.

De acordo com o edital, a prova objetiva terá 40 questões de múltipla escolha. Para os cargos de nível fundamental, a avaliação abordará questões de Língua Portuguesa, Matemática e Conhecimentos Gerais. Já para os de nível médio, além de Português, haverá perguntas de Informática e Conhecimentos Específicos, relacionadas à profissão. Os motoristas que forem convocados para a prova prática deverão apresentar a Carteira Nacional de Habilitação com habilitação nas categorias B, C ou D. A publicação do resultado da prova objetiva e do edital de convocação para a prova prática ocorrerá nos dias 12 e 15 de julho, respectivamente. O resultado definitivo do certame, por sua vez, será divulgado em 23 de agosto.

Postos no Cariri

Já os interessados em participar do concurso de Taperoá, que fica no Cariri paraibano, têm até 31 de maio para efetuarem a inscrição no site da Funvapi (funvapi.com.br), mediante o pagamento da taxa no valor de R$ 60 a R$ 85 — a depender da escolaridade do cargo. Os candidatos serão avaliados em áreas como Língua Portuguesa, Matemática, Informática e Regimento Interno, por meio de uma prova objetiva composta por 40 questões de múltipla escolha, que deverá ocorrer no dia 1º de setembro. Conforme estabelecido no edital, o conteúdo cobrado na prova será direcionado de acordo com o cargo em disputa.

Nos dias 2 de setembro e 8 de outubro serão divulgados, respectivamente, o gabarito e o resultado parcial das provas objetivas, após o devido julgamento dos recursos relacionados à avaliação. Já o resultado definitivo do concurso da Câmara de Taperoá deverá ser publicado no dia 15 de outubro. Para outras informações, os candidatos devem acessar os editais nos *sites* das bancas.

Cuidar da memória humana e institucional

Em um mundo cada vez mais digital, a quantidade de dados gerados diariamente é inimaginável. Nesse cenário hiperconectado, a profissão de arquivista ganha ainda mais destaque, sendo fundamental para a organização e preservação dessas informações. Para além do guarda-pó e dos papéis antigos, a rotina desse profissional não se limita à organização de documentos em departamentos públicos, mas ocupa um importante espaço em escritórios de advocacia, hospitais, equipamentos culturais, centros de documentação, RH de empresas e até indústrias.

Além da gestão de documentos físicos e eletrônicos, o arquivista também é responsável pela organização das informações contidas neles, contribuindo para a preservação e restauração da história documental. "Ele atua onde o gerenciamento de sistemas arquivísticos se faça necessário", resume o coordenador de comunicação da Associação de Arquivistas da Paraíba (AAPB), Vitor Hugo Teixeira.

Hoje, com a Lei de Acesso à Informação e uma preocupação cada vez maior em relação à transparência dos dados compartilhados, a área de Arquivologia se tornou estratégica para qualquer instituição. Os desafios se multiplicam à medida que surgem novas ferramentas tecnológicas, como a automatização de processos e o uso de inteligência artificial. Dessa forma, o trabalho inclui dinâmicas como digitalização e gestão de documentos eletrônicos e análise de dados.

Desafios da profissão

Mas há outros desafios no horizonte desse profissional. "O principal deles é sensibilizar o poder público e a sociedade para a importância dos arquivos, não apenas como suporte jurídico-administrativo às organizações, mas quanto ao exercício da cidadania das pessoas por meio da garantia de seus direitos. Assim, os profissionais terão a sua importância devidamente evidenciada", sublinha Vitor Hugo.

Ana Cristina Flor, arquivista e mestre em Ciência da Informação, rechaça a ideia de que somente o Ensino Médio bastaria para exercício da profissão e destaca a importância da graduação em Arquivologia.

"A formação acadêmica é fundamental porque oferece todo o embasamento teórico necessário. Na academia, costumamos dizer que cada arquivo é único, e por isso é crucial termos um conhecimento teórico para cuidar dessa documentação com critério. Afinal, nem todo documento, seja digital ou físico, precisa ser guardado".

É também na faculdade que o arquivista aprende as técnicas necessárias para conservar e restaurar documentos, além dos métodos para otimizar o arquivamento dessas informações. A arquivista Vanessa dos Santos complementa o pensamento: "Não adianta ter um arquivo recheado de informações, se não tiver um profissional que o organize para garantir o acesso fácil quando elas são solicitadas".

Na Câmara Municipal de Massaranduba, há uma vaga disponível para o cargo de arquivista. A jornada é de 40 horas semanais e a remuneração básica é de R$ 1,7 mil, mas pode ser acrescida de gratificações. Apesar das reivindicações da categoria, para concorrer à vaga, é exigido apenas o Ensino Médio.



Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil

Trabalho do arquivista envolve preservação e restauração da história documental

Carreiras

Bruno Cunha
brunocunha@carreiracombrunocunha.com.br | Colaborador

Quatro fatores que impedem desenvolvimento na carreira

Em um cenário profissional cada vez mais dinâmico e competitivo, o desenvolvimento na carreira é uma busca constante para muitos indivíduos. No entanto, ao longo desse caminho, diversos obstáculos podem surgir, dificultando o progresso e a realização de metas profissionais.

Entre esses desafios, quatro fatores destacam-se como barreiras significativas: a falta de foco, o medo de assumir riscos, a desmotivação e atitudes que priorizam a conveniência. Na coluna desta semana, exploraremos cada um desses obstáculos, oferecendo *insights* sobre como reconhecê-los e superá-los para impulsionar o crescimento profissional e alcançar o sucesso na carreira. Confira quais são eles e descubra como eliminá-los!

1. Falta de foco

A falta de foco na carreira é um desafio comum enfrentado por muitas pessoas, especialmente em um mundo onde as opções e oportunidades são abundantes. Este problema pode resultar em falta de direção, desperdício de energia e recursos em várias frentes sem um propósito claro e dificuldade em alcançar metas profissionais significativas. Para eliminar este problema, é crucial começar com uma autoavaliação honesta para entender seus valores, interesses e habilidades. Isso ajudará a identificar áreas de paixão e alinhar suas metas de carreira com esses elementos fundamentais. Além disso, é importante estabelecer metas claras e específicas para sua carreira, tanto a curto quanto a longo prazo, alinhando às prioridades de qualificação, experiência e comportamentos.

Defina objetivos mensuráveis e alcançáveis, dividindo-os em etapas menores e acionáveis. Isso fornecerá um caminho claro a seguir e ajudará a manter o foco ao longo do tempo. Regularmente avalie seu progresso e faça ajustes conforme necessário para garantir que você esteja no caminho certo para alcançar seus objetivos. Por fim, cultivar disciplina e consistência é essencial para eliminar a falta de foco na carreira. Desenvolva rotinas e hábitos que apoiem suas metas profissionais, como dedicar tempo regular para aprendizado e desenvolvimento, *networking* e trabalho dedicado aos projetos que o levam na direção desejada. Mantenha-se flexível para adaptar-se às mudanças e desafios que possam surgir, mas mantenha sempre sua visão de longo prazo em mente e mantenha o foco em suas metas de carreira.

2. Medo de assumir riscos

O medo de assumir riscos na carreira é uma barreira comum que pode limitar o crescimento profissional e impedir que os indivíduos alcancem seu potencial máximo. Este receio muitas vezes surge da aversão ao desconhecido e ao fracasso, levando à hesitação em buscar novas oportunidades ou empreender iniciativas que possam levar a resultados incertos. Para superar esse problema, é essencial mudar a perspectiva em relação ao fracasso, compreendendo-o como uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Aceitar que o fracasso faz parte do processo de desenvolvimento e que as lições extraídas dessas experiências podem ser valiosas para o progresso na carreira é o primeiro passo para enfrentar o medo de assumir riscos.

Busque construir uma rede de apoio composta por colegas, mentores e amigos que possam oferecer encorajamento e suporte durante momentos de incerteza e dificuldade. Por fim, para eliminar o medo de assumir riscos na carreira, é crucial adotar uma abordagem proativa em relação ao desenvolvimento profissional. Ao se comprometer com o crescimento contínuo e estar aberto a novas experiências, você estará mais preparado para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que surgirem ao longo de sua jornada profissional.

3. Desmotivação

A desmotivação na carreira pode surgir por várias razões, desde a falta de reconhecimento até a ausência de desafios e propósito no trabalho, impactando negativamente o desempenho e a satisfação profissional. Identificar as causas dessa desmotivação é fundamental, envolvendo reflexão pessoal e diálogo aberto para encontrar soluções adequadas.

Uma estratégia eficaz para superar a desmotivação é estabelecer metas claras e significativas, alinhadas com seus valores pessoais e profissionais. Dividir esses objetivos em etapas menores e alcançáveis proporciona um senso de progresso tangível, fundamental para manter o entusiasmo ao longo do tempo. Além disso, cultivar um ambiente de trabalho positivo e de apoio, buscando *feedback* construtivo e colaborando em projetos interessantes, contribui para a motivação e valorização profissional.

4. Atitudes que priorizam a conveniência

O comodismo é um desafio comum entre profissionais que permanecem por muito tempo na mesma ocupação, muitas vezes devido a agendas sobrecarregadas e rotinas agitadas. Essa falta de busca por novas oportunidades de desenvolvimento pode levar à insatisfação na carreira, exacerbada pela falta de tempo, reconhecimento ou condições financeiras.

Para combater essas atitudes prejudiciais, é essencial adotar novos hábitos, reconhecendo e valorizando suas habilidades para se destacar no mercado de trabalho. Além disso, é fundamental estabelecer um planejamento sólido, com objetivos claros e um diagnóstico de carreira, permitindo identificar os passos necessários para o crescimento profissional e o alcance do sucesso. Agende seu diagnóstico de carreira hoje mesmo e dê o primeiro passo rumo a uma jornada profissional mais satisfatória e gratificante.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 20 de março de 2024 10,75%	R$ 1.412	-0,89% R$ 5,116	-1,15% R$ 5,475	-0,85% R$ 6,396	IPCA do IBGE (em %) Março/2024 0,16; Fevereiro/2024 0,83; Janeiro/2024 0,42; Dezembro/2023 0,56; Novembro/2023 0,28	126.526 pts +1,51%

TENDÊNCIA

Compartilhar roupas e acessórios está em alta

Lojas oferecem os produtos por tempo determinado e preço mais em conta

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com



Fotos: Carlos Rodrigo

Para Isabela, compartilhar é muito mais sustentável e uma forma mais consciente de consumo

O mercado de aluguel de roupas e acessórios vem crescendo em João Pessoa. Seja por economia, sustentabilidade, ou até mesmo para ter uma variedade maior de opções, muitas pessoas já se abriram à possibilidade de alugar peças que não pretendem usar por muito tempo.

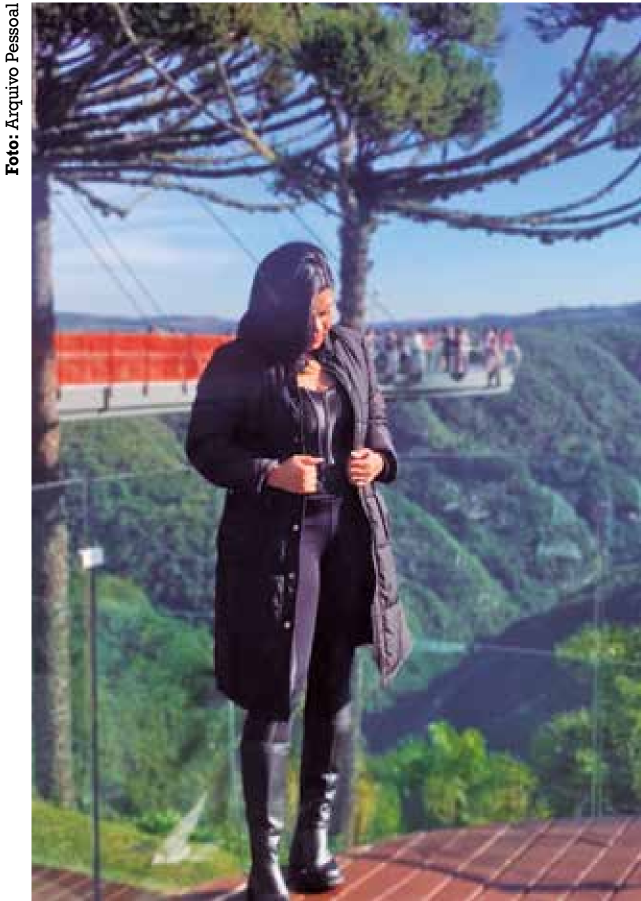
A empresária Adriana Nóbrega foi uma das primeiras a perceber a tendência. Dona do brechó Jardim das Margaridas desde 2015, em 2019, ela decidiu criar uma subdivisão na loja, o Cultive, que funciona como um guarda-roupa compartilhado, voltado para roupas de frio. "Foi o primeiro guarda-roupa compartilhado da Paraíba", afirmou.

"São roupas que a gente não costuma usar na cidade em virtude do calor, do clima. São peças que a gente não precisa ter no nosso guarda-roupa e, para ter um consumo mais sustentável, mais equilibrado, sem investir dinheiro em peças que a gente vai usar só pontualmente em uma viagem, eu criei esse guarda-roupa que, quando você vai viajar, você pega roupas emprestadas: casacos, sobretudos, cachecol, luvas, gorrinhos, mantas", explicou.

O preço do aluguel pode ser de R$ 20, R$ 50 ou R$ 70, dependendo da peça, e a cliente pode passar até 30 dias com a roupa alugada. "Depois volta, lava e devolve. Você reserva o dinheiro para investir na experiência da viagem que você vai fazer", comentou Adriana.

Ela contou que, ao criar o Cultive, alugava tanto roupas de frio quanto roupas de festa, mas, com o tempo, percebeu que as peças de frio eram mais procuradas e resolveu manter esse foco. "Quando você vai comprar uma peça de frio, os casacos são muito caros, aqueles sobretudos também são muito caros. Muitas vezes não vale o investimento de você usar pontualmente em uma viagem e, provavelmente, na próxima viagem você vai querer peças diferentes, em outros estilos, para tirar fotos. Porque a mulherada gosta mesmo é de bater foto nos lugares, nos pontos turísticos e não gostam de repetir as roupas".

Aluguel garante economia e maior variedade


Foto: Arquivo Pessoal

"Moramos num lugar de muito calor, não compensa ficar comprando roupas de frio", pondera Liliane

A empreendedora Liliane Oliveira é cliente fiel da loja. Ela contou que viajará nesta semana e já pegou as peças de frio que irá levar. "Viajo em média duas vezes por ano e sou apaixonada por frio, então para mim é uma solução incrível", disse.

Além da economia, Liliane vê na variedade de peças uma grande vantagem. "Moramos em um lugar de muito calor, não compensa ficar comprando roupas de frio aqui para depois ficarem entulhadas no guarda-roupa. Sem contar que a cada viagem que faço, posso ir com *looks* lindos e diferentes", avaliou. Ela contou que deixou os casacos de frio que possuía no brechó e agora só usa os modelos alugados.

Bolsas

A empresária Isabela Delfino Roque descobriu um nicho de mercado a partir de uma experiência pessoal. Ela contou que tinha dificuldade de encontrar bolsas de festa em João Pessoa e, por isso, resolveu, junto com mais duas amigas, abrir a loja Loc Clutches, que desde 2020 aluga bolsas de festa luxuosas a preços acessíveis.

"Nós temos *clutches* de R$ 45 a R$ 60. Coisa que se você fosse comprar seria R$ 2 mil", disse. Para Isabela, o aluguel nesse caso é muito mais sustentável e uma forma mais consciente de consumo. Além disso, permite às clientes uma maior variedade de opções.

"Eu posso comprar uma para ir a uma festa, mas depois tem outra festa, meu vestido é de outra cor, não combina com aquela. Então alugando, eu sempre vou ter uma diferente em cada festa", argumentou. "E tem sido super bem-aceito, é um sucesso", completou.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Empreender: desafio ou oportunidade?

Esta é uma pergunta que muitos aspirantes a empreendedores se fazem ao considerar o salto para o mundo dos negócios. A resposta, embora complexa, carrega uma verdade simples: empreender pode não ser fácil, mas é definitivamente possível e potencialmente transformador. A jornada do empreendedorismo está repleta de desafios e incertezas, mas também é uma via de realização pessoal e profissional incomparável.

No início, a ideia de montar seu próprio negócio pode parecer desafiadora. Obstáculos como capital inicial, conhecimento do mercado e concorrência podem parecer barreiras intransponíveis. No entanto, é crucial abordar esses desafios com uma mentalidade de crescimento. Ao invés de pensar "Vou fazer para ver se dá certo", adote a postura de "Vou fazer até dar certo". Essa pequena mudança de perspectiva pode transformar sua energia e direcionar seu foco para soluções, em vez de obstáculos.

Uma das primeiras etapas é entender profundamente o mercado em que deseja atuar. Isso envolve pesquisa e, mais importante, conversar com potenciais clientes para realmente entender suas necessidades e desejos. Além disso, é vital cultivar uma rede de apoio. Isso inclui desde mentores e outros empreendedores até amigos e familiares que acreditam em sua visão. Esta rede pode oferecer não apenas conselhos e direcionamento, mas também encorajamento nos momentos difíceis. O caminho do empreendedorismo é muitas vezes solitário, mas, com o suporte adequado, os desafios se tornam mais gerenciáveis.

Financiar seu empreendimento é outro desafio que pode parecer assustador inicialmente. No entanto, com as múltiplas opções disponíveis hoje, de *crowdfunding* a investidores-anjo e linhas de crédito empresariais, encontrar recursos financeiros se tornou mais acessível. A tecnologia também é uma ferramenta inestimável para o empreendedor moderno. Desde ferramentas de gestão de projetos até plataformas de *marketing* digital e soluções de *e-commerce*, a tecnologia pode simplificar operações e ampliar o alcance do seu negócio. Dominar essas ferramentas pode dar a você uma vantagem competitiva significativa, permitindo que você opere com mais eficiência e se conecte com clientes de maneiras inovadoras.

Mas, além de todas as estratégias e ferramentas, o elemento mais crítico do empreendedorismo é a resiliência. A jornada está repleta de falhas e recomeços. Cada fracasso é uma oportunidade de aprender e crescer. Os empreendedores mais bem-sucedidos não são necessariamente aqueles que nunca falharam, mas aqueles que aprenderam com seus erros e persistiram. Como diz o ditado, "O verdadeiro teste não está em evitar a queda, mas em se levantar após cada queda."

Portanto, se você está pensando em embarcar na aventura do empreendedorismo, lembre-se de que, embora o caminho possa não ser fácil, ele é enriquecedor. Equipado com uma mentalidade positiva, uma estratégia bem elaborada e uma rede de apoio, você pode enfrentar os desafios e transformar sua visão em realidade.

Finalmente, inspire-se nas histórias de quem já trilhou esse caminho. Cada empreendedor de sucesso começou de algum lugar e enfrentou suas próprias dúvidas e dificuldades. Aprenda com eles e não tenha medo de buscar conselhos e mentorias. Em vez de ver o empreendedorismo como um obstáculo, veja-o como uma jornada de descobertas contínuas e crescimento. E lembre-se: a perseverança é o seu maior ativo. "Vou fazer até dar certo" não é apenas um mantra; é o caminho para transformar suas ambições em realidade.

CONSUMIDORES

Paraíba lidera quitação de dívidas

Percentual alcançado foi o maior entre os estados do NE. No Brasil, índice ficou atrás apenas do Rio Grande do Sul

Levantamento divulgado pela Serasa Experian mostra que 69,7% das dívidas de consumidores da Paraíba no ano passado foram sanadas em até 60 dias do vencimento. O percentual alcançado no estado foi o maior entre os estados do Nordeste. A média da região ficou em 66,6%. Em nível nacional, a Paraíba só ficou atrás do Rio Grande do Sul, que cravou 70% no indicador de recuperação de crédito. Sergipe completa o *ranking*, com 68,9%.

De acordo com a Serasa Experian, em 2023, do total de dívidas negativadas, os consumidores inadimplentes regularizaram ou renegociaram 64,1% em até 60 dias do final do ano. Esse foi o maior percentual já registrado pelo índice desde 2018, início da série histórica. Em 2022, a média brasileira foi de 57,9%.

"A diminuição das taxas de juros e da inflação contribuiu para uma maior regularização das dívidas em atraso por parte dos consumidores, resultando em uma maior estabilidade nos índices de inadimplência. O programa Desenrola, do Governo Federal, também incentivou os cidadãos brasileiros a regularizarem suas pendências financeiras", avalia o economista da Serasa Experian, Luiz Rabi.

Prioridades

O estudo também aponta que consumidores priorizaram bancos e cartões de crédito na hora de quitar dívidas. O percentual de recuperação de crédito junto a instituições financeiras foi de 74,6% em 2023. Em seguida, vieram as contas de água, luz e gás (63,9%) e do varejo (53,4%).

Ainda segundo o indicador, as contas negativadas em 2023 com valores superiores a R$ 10 mil lideraram a regularização (76,1%). Esses débitos tiveram mais destaque porque dizem respeito ao financiamento de imóveis e veículos, por exemplo. Nesses casos, a falta de pagamento pode resultar na perda do bem – o que faz os consumidores priorizarem o compromisso.

Taxa de regularização de dívidas das empresas do estado foi de 69,2%

As empresas da Paraíba também se destacaram positivamente no indicador de recuperação de crédito. Conforme o levantamento, a taxa de regularização de dívidas em até 60 dias do vencimento ficou em 69,2%. O desempenho coloca o estado em segundo lugar nos *rankings* regional e nacional, atrás apenas do Piauí (75,6%).

Considerando todo o Brasil, as empresas terminaram 2023 regularizando ou renegociando 55,2% das contas atrasadas em até 60 dias. Assim como ocorreu com os consumidores, essa foi a média mais alta desde o início da série histórica do levantamento.

"O fato de os consumidores terem quitado ou renegociado parte de suas dívidas negativadas fez com que as empresas experimentassem um aumento no capital disponível e ganhassem fôlego para quitar seus próprios compromissos", analisa o economista Luiz Rabi.

Os débitos com valor acima de R$ 10 mil foram os mais quitados (81,1%), seguidos por aquelas entre R$ 2 mil e R$ 10 mil (48,6%). Conforme a Serasa Experian, os débitos com mais de um ano foram os priorizados no período (64,9%). Em seguida, ficaram as contas com um ano (58,9%), 30 dias (54,6%), 180 dias (52,3%), 60 dias (51,9%) e 90 dias (48,4%).

Em 2023, a categoria que recebeu o maior percentual de pagamentos foi a de "Bancos e Cartões" (63,4%) e, na sequência, o setor de "Securitizadoras" (54,4%) — empresas que compram dívidas que os consumidores têm com outra companhia.

PRIMEIRO TRIMESTRE

Pequenas e Médias Empresas on-line faturam R$ 945 milhões

Da Redação

Nos três primeiros meses do ano, as Pequenas e Médias Empresas (PME) on-line movimentaram R$ 945 milhões, valor 34% superior ante o mesmo período de 2023, quando alcançaram um total de R$ 703 milhões. É o que aponta levantamento realizado pela Nuvemshop, plataforma para criação de lojas on-line que é líder na América Latina.

"As datas comerciais do primeiro trimestre, como o Carnaval, a Semana do Consumidor e a Páscoa, foram grandes oportunidades para movimentar o varejo em um período que não é o mais forte em todos os segmentos", comenta Marcela Orlandi, gerente sênior de Sucesso do Cliente da Nuvemshop.

Segundo ela, compreender o momento certo, a fim de realizar promoções e oferecer condições especiais ao consumidor, é um diferencial. "Aliar uma boa estratégia de negócio com divulgações em redes sociais e formas de fidelizar os clientes foi a receita de sucesso dos empreendedores", explica.


Foto: FreePik

PMEs on-line movimentaram valor 34% superior em comparação ao mesmo período de 2023, quando alcançaram R$ 703 milhões

No país, o total de produtos vendidos foi de 15 milhões, 16% a mais que o registrado em 2023. Os segmentos que mais se destacaram foram: Moda (R$ 303,5 milhões), Saúde & Beleza (R$ 83 milhões) e Acessórios (R$ 62 milhões).

O *ranking* dos três estados que mais venderam no período é composto por São Paulo (R$ 444 milhões), Minas Gerais (R$ 89 milhões) e Santa Catarina (R$ 78 milhões). Já em relação aos meios de pagamento, o Pix quase representa a metade de todas as compras efetuadas, atingindo 44% do total. Ele ficou atrás apenas do cartão de crédito, que representa 46% dos pedidos pagos.

Na análise foram consideradas as vendas realizadas de 1º de janeiro a 31 de março de 2023 e 2024 da base de lojistas brasileiros da Nuvemshop.

900 EMPREGOS DIRETOS

Fábrica da Embraer anuncia investimentos de R$ 2 bilhões

Destaque

Embraer já fabricou e vendeu mais de oito mil aviões, que transportam cerca de 145 milhões de passageiros por ano em todo o mundo

Agência Brasil

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva visitou o hangar da fábrica da Embraer, em São José dos Campos, no interior de São Paulo, onde acompanhou a entrega de um jato comercial modelo 195-E2, produzido pela companhia, para a Azul Linhas Aéreas. A agenda também incluiu uma visita às instalações do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), principal centro de formação aeroespacial do país, na mesma cidade.

"Estamos investindo cerca de R$ 2 bilhões neste ano, e gerando mais de 900 empregos diretos em nossas fábricas no Brasil", anunciou o presidente da empresa, Francisco Gomes Neto.

A Embraer é a terceira maior fabricante de jatos comerciais do mundo, líder no segmento de aeronaves com até 130 lugares e jatos executivos. Tem cerca de 19 mil empregados, com presença em todos os continentes. Neto ainda destacou que a empresa contratou 1,5 mil novos funcionários em pouco mais de um ano, retomando a força de trabalho que tinha antes da pandemia de Covid-19.

O presidente Lula destacou a trajetória bem-sucedida da Embraer. "Eu estou numa empresa que sempre foi motivo de orgulho para esse país", afirmou. "É preciso sonhar grande. Se o Ozíres [Silva, fundador da Embraer] não tivesse pensando grande, a gente não tinha a Embraer. Sem o brigadeiro Montenegro [fundador do ITA], a gente não tinha o ITA. As coisas grandes são resultado de muita coragem, não é com covardia. Quero que vocês saibam que esse momento para mim é muito histórico", acrescentou.

Criada pelo Estado brasileiro em 1969, a Embraer já fabricou e vendeu mais de oito mil aviões, que transportam cerca de 145 milhões de passageiros por ano em todo o mundo. Apesar de privatizada desde 1994, o governo detém poder final em decisões estratégicas da companhia. Além de fabricar aviões comerciais e de uso privado, a empresa fabrica aeronaves militares, como cargueiro KC-390 e o Super Tucano, além de aviões agrícolas.

Aviação regional

Durante o evento, o CEO da companhia Azul Linhas Aéreas, John Rodgerson, anunciou a compra de 13 novos jatos da Embraer este ano, que vão se somar à frota de 60 aviões comerciais nacionais, especialmente para emprego na aviação regional, onde a companhia é líder. Ao todo, os investimentos somam R$ 3 bilhões.

"Quando a Azul foi fundada, em 2008, foram 50 milhões de passageiros transportados por todas as empresas no Brasil. Só este ano, a Azul vai transportar 35 milhões", comparou o empresário. A companhia aérea é a principal cliente da Embraer na aviação brasileira, concentrando quase a totalidade das compras no setor.

Segundo a Azul, o E2 da Embraer tem capacidade para 136 passageiros, e é a maior e mais moderna aeronave fabricada no Brasil. "O equipamento é o modelo de corredor único mais eficiente atualmente no mercado, oferecendo uma economia de até 25% de emissões de CO2. A Azul já opera atualmente 20 aeronaves do mesmo modelo.

O ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, defendeu a necessidade de expandir o mercado nacional de fabricação de aviões para outras companhias aéreas.

CERTIFICAÇÃO

PB pode ter melhor cachaça do país

Ao menos sete rótulos produzidos aqui estão entre os 50 finalistas do 6º ranking cúpula da bebida, edição 2024



Fotos: Divulgação/Secties

Instalações modernas das cachaçarias paraibanas são sempre visitadas por turistas e especialistas na fabricação do produto

Sete rótulos de cachaças produzidas na Paraíba estão entre as 50 finalistas do VI Ranking Cúpula da Cachaça - edição 2024. Destas 50, três serão selecionadas como as melhores do Brasil na final do Ranking. O número é significativo, principalmente se comparado ao resultado dos anos anteriores (2020 - 2022), quando o estado teve apenas um rótulo selecionado na segunda etapa da premiação.

Os números representam os frutos de um trabalho "de bastidores" exercido por instituições integrantes da tríplice hélice para o desenvolvimento: com investimentos do Governo do Estado, a ciência, tecnologia e inovação vinda da academia e o desenvolvimento do setor empresarial.

O Governo da Paraíba fortaleceu o arranjo produtivo da cachaça especialmente com a formação do Núcleo do Programa de Qualificação para Exportação (Peiex) que iniciou as operações em 2022 e chega ao encerramento neste mês de abril. Trata-se de uma parceria com a Apex Brasil para a qualificação de empresas a se prepararem para competir no mercado exterior. É implementado em todo o país por meio de parcerias com universidades, parques tecnológicos, fundações de amparo à pesquisa e federações da indústria brasileira e investimentos governamentais.

A coordenadora-geral do núcleo Peiex, a professora Márcia Paixão, atribui o resultado ao apoio do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), no fomento de pesquisas voltadas para o setor.

"Um dos principais objetivos do Programa de Qualificação para Exportação, como o próprio nome define, é a comercialização do produto com foco em mercados externos. Para atender especificidades dos países potenciais compradores, orienta o empresário e colaboradores que ele envolve quanto a regras e exigências de órgãos de controle, principalmente quanto a embalagens e rótulos, e preferências do mercado consumidor", disse.

Murilo Vilela, diretor do Engenho Nobre, um dos rótulos que foram finalistas no *ranking*, comentou que o programa despertou a curiosidade das empresas para as exportações. "Antes ninguém pensava em exportar, porque sempre imaginava que haveria muita dificuldade. Mas com o Peiex, acaba abrindo os horizontes para um processo novo".

De acordo com a Fapesq, o programa incluiu 14 setores produtivos: cachaça; alimentos e bebidas; mineração e construção; móveis; têxtil e confecção; utensílios domésticos; máquinas e equipamentos; produtos oftalmológicos; químicos; aeronáutica; TI & *games*; carcinicultura; preparação de couro; e artesanato. Teve o investimento de R$ 1 milhão – R$ 700 mil da Apex e R$ 300 mil do Governo do Estado, através da Secties/Fapesq.

Oito produtores de cachaça foram treinados pelo núcleo Peiex, melhorando os modelos de gestão, a tecnologia de produção, o conhecimento do mercado interno e externo e, naturalmente, a qualidade final do destilado. Esse empenho está sinalizado no mercado pelo desempenho dos rótulos paraibanos em competições como o Ranking da Cachaça.

No IV Ranking, 2020-21, apenas a Volúpia Diamante, de Alagoa Grande, configurou entre as melhores, em 17º. Em 2022, a Nobre Cristal ficou em 6º, dentre as cachaças brancas. Nesta edição, os sete produtos da Paraíba foram selecionados entre as 50 finalistas com recorde de votação, segundo os organizadores do *ranking*.

Ação do Estado fortalece empresas

Desde a sua abertura, em julho de 2021, o número de empresas captadas e qualificadas pelo Núcleo Peiex Paraíba superou a meta de 125 em apenas sete e três empresas, respectivamente. Ao todo, foram assinados 132 termos de adesão e 128 planos de exportação foram entregues.

A ação do governo estadual irá fortalecer ainda mais as empresas para participarem do próximo ciclo do Peiex, que ocorre a cada dois anos.

O núcleo contribui com a qualificação das empresas de diversas maneiras, a exemplo de cursos, cumprindo um plano de trabalho com duração de quatro a seis meses pela equipe técnica do Núcleo, além de capacitações coletivas organizadas pelo Núcleo e ministradas por profissionais e empresários da área. "Essas capacitações, em específico, trataram desde como fazer a gestão financeira da exportação, passando pela importância de registrar a marca do produto no exterior, até como se preparar para uma rodada de negócios internacional", explicou a coordenadora do Peiex, a professora Márcia Paixão.

Ela ressaltou, ainda, que o Peiex contribuiu para aproximar ainda mais o setor de cachaça paraibano do Instituto Nacional do Semiárido e do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, fazendo com que o laboratório multiusuário da instituição seja colocado à disposição para serviços de pesquisa e controle de qualidade do produto.

Ao longo da execução do Programa foram atendidas 32 (trinta e duas) empresas de cachaça, envolvendo a Paraíba, outros estados nordestinos e uma da Região Norte (Acre).

Segundo explicou a professora Márcia, o Insa é componente do Comitê Consultivo do Peiex-PB e, na oportunidade do evento 2º Areia Mostra Cachaça, realizado no campus da UFPB na cidade de Areia (PB) em abril/2023, houve o incentivo a uma visita técnica e para entrega de amostras de cachaças paraibanas para o início dos testes laboratoriais.

Sobre o *ranking*

O Ranking Cúpula da Cachaça é bianual e tem o objetivo de divulgar a categoria cachaça como destilado brasileiro de excelência e fomentar a produção de qualidade.

A primeira fase aconteceu através de votação popular, ao todo foram 52.966 votantes válidos. Na segunda fase, a lista dos 50 finalistas comprova que no Ranking só se ganha em campo. Enquanto alguns nomes tradicionais do setor acabaram ficando de fora, cachaças com pouco tempo de mercado conseguiram convencer público e crítica e conquistar a sua vaga na fase final.

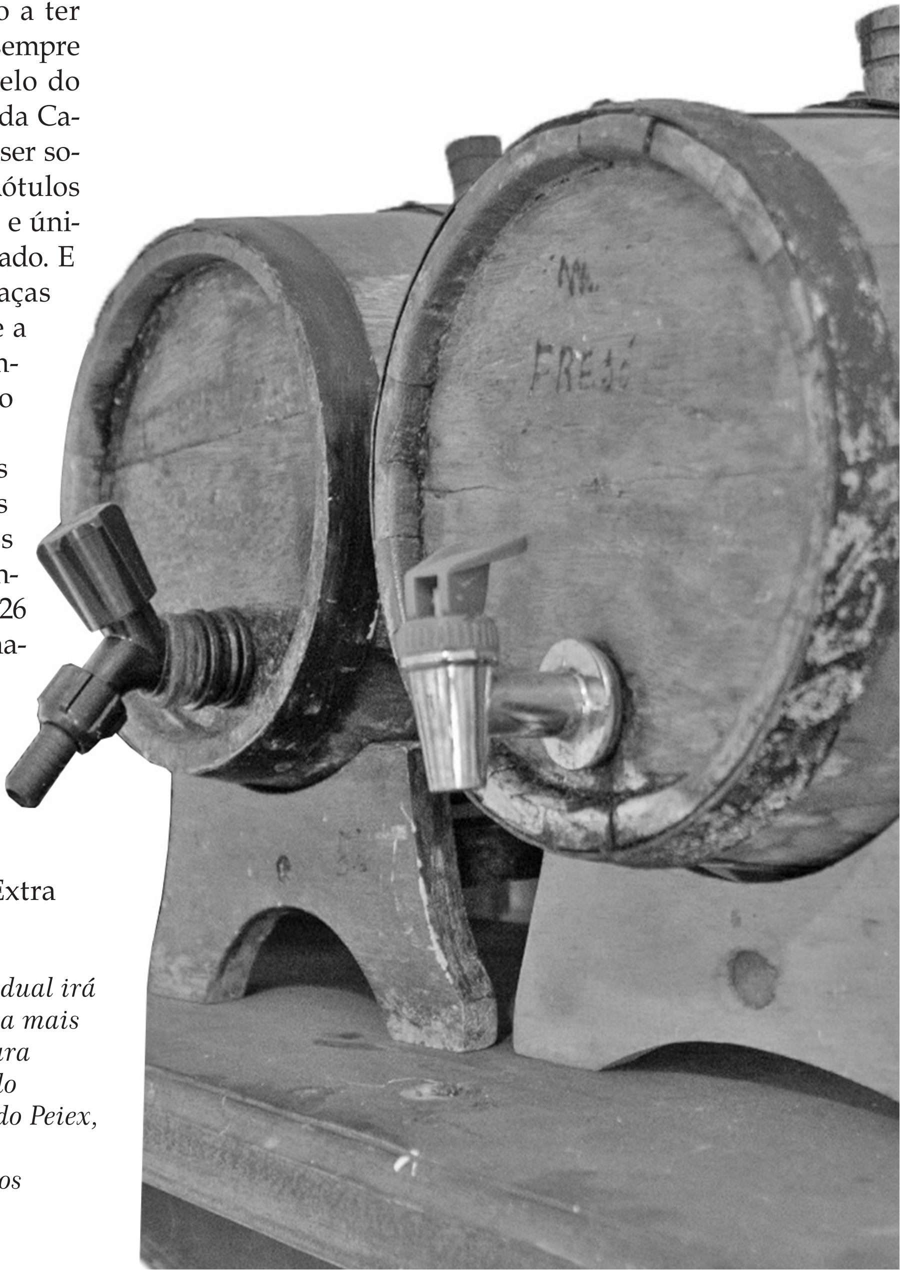
As 50 cachaças da Seleção dos Especialistas conquistaram o direito a ter suas garrafas para sempre adornadas com o selo do 6º Ranking Cúpula da Cachaça – que já pode ser solicitado na Grafix Rótulos e Adesivos, parceiro e único fabricante licenciado. E serão essas as cachaças ranqueadas durante a terceira fase da competição: a Degustação às Cegas.

Na fase final, as cachaças finalistas terão Degustação às Cegas pelos integrantes da Cúpula, entre 26 e 28 de abril na Cachaçaria e Chalé Macaúva, em Analândia (SP), divididas em categorias: Inox/Branca, Armazenadas/Envelhecidas e Premium/Extra Premium.

Confira

Lista de cachaças selecionadas entre as 50 melhores:

1. **Arretada Cordel** (Cruz do Espírito Santo)
2. **Baraúna Premium Carvalho** (Alhandra)
3. **Gregório Prata** (Alagoa Grande)
4. **Nobre Cristal** (Cruz do Espírito Santo)
5. **Triunfo Umburana** (Areia)
6. **Volúpia Diamante** (Alagoa Grande)
7. **Volúpia Tradicional** (Alagoa Grande)



O governo estadual irá fortalecer ainda mais as empresas para participarem do próximo ciclo do Peiex, que ocorre a cada dois anos



Garrafas com modelos diferentes também chamam a atenção dos apreciadores

Fotos: Divulgação/Reserva Olho D'água das Onças



Mandacarus e cactos são espécies muito comuns na Caatinga

DIA DA CAATINGA

Bioma ocupa 92% do território da PB

Presente em 117 dos 223 municípios do estado, Caatinga tem cenários exuberantes e é rica em biodiversidade

Anderson Lima
Especial para A União

Hoje é o Dia Nacional da Caatinga, bioma que está presente em 117 dos 223 municípios paraibanos e ocupa 92,7% do território do estado, segundo dados do MapBiomas Brasil. Seu nome, de origem tupi-guarani, significa "mata branca". A nomenclatura foi definida porque a região tem aspecto de vegetação seca e esbranquiçada, com uma biodiversidade que consegue se adequar a elevadas temperaturas e à falta d'água. O bioma compreende uma área de 844.453 km² em todo o Brasil, o equivalente a 11% do território nacional.

A vegetação da Caatinga é subdividida em hipoxerófila, que é composta por plantas de porte arbustivo, e hiperxerófila, com predominância de arbóreos. A presença de espinhos e caducifólia também são características marcantes da flora desse bioma. As espécies nativas mais recorrentes são: Facheiro, Mandacaru, Xique-xique, Cacto, Catingueira, Jurema, Angico, Baraúna, Barriguda, Umbuzeiro, Amburana e Aroeira.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Caatinga tem pelo menos 481 espécies de plantas e animais com risco de extinção, o que torna o bioma o terceiro mais ameaçado à sobrevivência da fauna e flora no país, perdendo apenas para o Cerrado e para a Mata Atlântica, respectivamente. Na flora da Caatinga, são exemplos de espécies consideradas vulneráveis ou em perigo de extinção a Aroeira, a Amburana, a Baraúna e a Quixabeira.

Atualmente, os principais desafios na preservação da Caatinga são os déficits hídricos — devido aos extensos períodos de seca, elevadas temperaturas, predominância de solos rasos e pedregosos — e a exploração extensiva e desordenada do bioma.

O geógrafo e professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Saulo Vital, destaca que a Caatinga tem uma característica de grande resiliência frente aos extremos climáticos.

"Naturalmente, esse ambiente passa a maior parte do ano sob condições de grande escassez hídrica. Ao menor sinal de chuva, a paisagem se modifica completamente, sobretudo a vegetação, que responde a essas novas condições. A vegetação adaptada a essas condições de rigorosidade é denominada de xerófila", detalha.

O especialista explica que, apesar das condições de rigorosidade climática que deixam a vegetação com aspecto cinzento durante boa parte do ano, a Caatinga é um bioma muito rico em biodiversidade.

"As mudanças climáticas têm afetado todo e qualquer bioma da face da terra, assim como a Caatinga. Mas é necessário também levar em consideração os fatores de degradação de ordem local, pois muitos desses impactos advêm de intervenções humanas. A educação ambiental tem um papel crucial na preservação, uma vez que a conscientização dos cidadãos é a peça-chave nesse processo", pontua.



Beleza da fauna e flora encanta visitantes no interior do estado

Proteção

A Divisão de Florestas (Diflor) da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) executa projetos de recuperação de áreas degradadas e trabalha na regularização, monitoramento e fiscalização de licenciamentos ambientais. O objetivo das ações é propiciar condições de exploração e manejo adequados, diminuindo os danos e incentivando a sustentabilidade e proteção da região.

A Caatinga vivencia a exploração desregular e contínua dos seus recursos naturais. Essas ações antrópicas, ou seja, provocadas pelo homem, são criminosas. A Lei nº 9.857, de 2012, conhecida popularmente como a Lei de Quintans, dispõe sobre a autorização e proteção da vegetação do bioma. Além disso, o Decreto nº 24.414, de 2003, trata da proteção e exploração sustentável da cobertura florestal.

> **Mudanças no clima afetam todos os biomas, mas alguns impactos são de ordem local**
>
> Saulo Vital

Bacias hidrográficas

A Diflor lembra que a hidrografia da Caatinga paraibana está dividida em 11 bacias hidrográficas, sendo elas: Rio Paraíba, Rio Abiaí, Rio Gramame, Rio Miriri, Rio Mamanguape, Rio Camaratuba, Rio Guaju, Rio Piranhas, Rio Curimataú, Rio Jacu e Rio Trairi. As cinco últimas são bacias de domínio federal.

As bacias são formadas por dois tipos de rios: os litorâneos e os sertanejos. Os litorâneos são de curta extensão, perenes e deságuam no oceano atlântico. Já os sertanejos são de grande extensão, temporários e correm em direção ao Rio Grande do Norte, mas deságuam no oceano Atlântico.

Reserva Olho D'água das Onças é exemplo de conservação

Situada entre o Curimataú e o Seridó da Paraíba, a 225,8 km de João Pessoa, o município de Picuí possui a Reserva Ecológica Olho D'água das Onças. A organização não governamental tem como principal missão proteger e conservar a Caatinga e sua biodiversidade. Os trabalhos envolvem ações de educação ambiental, além do cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

O projeto Olho D'água das Onças conta com uma área de reserva de 20,73 hectares, dos quais aproximadamente 18,26 hectares são de vegetação nativa da Caatinga. Essa região é destinada à preservação e ações de conservação mediante programa de manejo. Já os outros 2,48 hectares consistem na área de apoio da reserva, onde está localizado o Museu da Caatinga José Crisólogo da Costa.

No local, ainda há o fomento do turismo ecológico e educativo por meio da associação local Trilhas na Caatinga, em parceria com entidades turísticas de outras cidades, e a economia criativa com capacitação e valorização de produtos artesanais e da cultura regional, além da produção de mudas e proteção aos animais.

Uma das principais iniciativas é a colaboração com as universidades, que desempenham um papel crucial na formação de alunos e professores das cidades circunvizinhas. Projetos como o de Educação Ambiental — fruto da parceria com o *campus* de Picuí do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) — são pontes para o conhecimento e a conscientização. A criação de trilhas na reserva, com exposições de espécies nativas da Caatinga, e as exposições didático-pedagógicas no Museu da Caatinga ajudam no aprendizado, como também aproxima as comunidades locais da sua rica biodiversidade.

Ademais, as ações de educação ambiental se estendem além dos limites da Reserva. A organização realiza o levantamento da fauna e flora em cidades do Seridó e Curimataú. Os dados contribuem para a elaboração de roteiros e materiais didáticos e a conscientização sobre a importância da preservação ambiental e cultural dessas regiões. Essas iniciativas visam proteger o meio ambiente, impulsionando o desenvolvimento sustentável, ainda criando oportunidades, respeitando os recursos naturais e as tradições locais.

A Reserva Olho D'água conta com mais de 250 espécies nativas da Caatinga, que atualmente fazem parte do herbário, uma coleção de espécies desidratadas. Elas são devidamente armazenadas e catalogadas para contribuição em estudos futuros.

Mais de 200 mudas de espécies vegetais lenhosas nativas serão plantadas em comemoração a este dia 28 de abril, por meio do projeto de Restauração Ecológica, que é coordenado pela pesquisadora Vilma Trovão, do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da UEPB.

Serviço

O acesso à Reserva Ecológica Olho D'água das Onças é gratuito, mas quem deseja fazer a trilha guiada precisa pagar taxa de R$ 5 e agendar o passeio pelo Instagram @reservaolhodaguadasoncas ou WhatsApp (83) 98103-4423.



Bioma resiste à interferência do homem e ao desequilíbrio climático

Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB



Jogadores do Botafogo esperam contar com o apoio de sua grande torcida na segunda partida pelo Brasileiro da Série C

SÉRIE C

Belo enfrenta Caxias

Botafogo joga para se manter na zona de classificação contra o time gaúcho a partir das 19h, hoje, no Almeidão

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo entra em campo, hoje, pela segunda rodada do Campeonato Brasileiro Série C. No Estádio Almeidão recebe o Caxias-RS, às 19h. O confronto é o reencontro de Evaristo Piza com o torcedor do Xerife após seu retorno para o terceiro trabalho à frente do clube.

Sem um grande histórico de confrontos entre os times, o Belo vai em busca da sua primeira vitória contra os gaúchos, nas duas partidas em que duelaram, o time do Rio Grande do Sul saiu vencedor. Os encontros ocorreram no mata-mata da Copa do Brasil de 2011. No primeiro duelo, no Estádio Almeidão, o Caxias ganhou por 1 a 0, e, no jogo de volta, garantiu outro triunfo, agora, por 3 a 1.

Nesta noite, o Alvinegro da Estrela Vermelha busca também sua segunda vitória na terceira divisão nacional. Após vencer o Floresta, fora de casa, por 2 a 1, agora, o clube conta com apoio de seu torcedor para crescer ainda mais na temporada. Para o duelo contra o Caxias, Evaristo Piza poderá contar com o volante Gama, o atleta, das novas contratações, foi o único que não esteve disponível na primeira rodada.

Além disso, para a 2ª rodada da Série C, o Alvinegro da Estrela Vermelha deve contar com o retorno do goleiro Dalton. O camisa 1, que ficou fora do jogo da estreia devido a uma virose, participou normalmente das atividades da semana. Pedro Ivo, que se recupera de uma cirurgia de apendicite, é o principal desfalque do time de Piza.

> **Tabu**
>
> **Em dois jogos contra o time gaúcho, válidos pela Copa do Brasil 2011, o Belo foi derrotado por 1 a 0 e 3 a 1**

Após conseguir vencer pela primeira vez em estreias fora de casa na sequência de 11 participações na Série C, o Botafogo aposta no entrosamento de seu técnico e do atacante recém-chegado Joãozinho para conquistar os três pontos. O jogador iniciou sua jornada com a camisa do Botafogo na partida do último domingo (21) marcando o gol do triunfo em Fortaleza, mesmo iniciando a partida no banco de reservas e entrando apenas no intervalo.

Sob o comando de Evaristo Piza, Joãozinho entrou em campo 16 vezes nesta temporada. Antes de chegar ao Xerife do Nordeste, pela Luverdense-MT foram 15 jogos, em que marcou 10 gols e concedeu uma assistência. No Belo, o atleta deixou seu cartão de visitas logo na estreia, fazendo o gol que quebrou o tabu do time da Paraíba de não triunfar fora de casa, em partidas inaugurais da terceira divisão. Até a vitória contra o Floresta, nas 11 temporadas, a equipe havia feito quatro partidas longe de seus domínios, somando dois empates e duas derrotas.

O adversário

O Caxias chega para o jogo diante do Belo buscando se reabilitar no campeonato, o time perdeu por 4 a 0 para o Athletic-MG, dentro de casa. Em jogo dominado pelos visitantes, o time gaúcho pouco criou chances de gols e viu sua defesa ser inoperante contra os avanços dos mineiros.

A melhor chance do time Grená foi uma bola no travessão. Apesar do resultado negativo, o clube vem de uma boa campanha no Estadual, sendo eliminado nas semifinais para o Grêmio, o campeão.

Arbitragem

Paulo Henrique de Melo Salmazio é o árbitro que comanda o duelo entre Botafogo-PB e Caxias. Ele será auxiliado por Diego dos Santos Ruberdo e Elita Maria da Silva, todos os três são do Mato Grosso do Sul. Tiago Ramos de Oliveira, da Paraíba, é o quarto árbitro.

Ingressos

O torcedor pode adquirir ingressos nas bilheterias do Estádio Almeidão. No setor sol, os valores estão R$ 20 a meia-entrada e R$ 40 a inteira. Já no setor sombra, têm ingressos custando R$ 35 a meia-entrada e R$ 70 a inteira. No setor cadeiras, há entradas de R$ 70 a meia e R$ 140 a inteira.

CONTRA O IGUATU

Sousa inicia a caminhada, hoje, na Série D

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Sousa faz, hoje, sua estreia no Campeonato Brasileiro Série D. No Marizão, enfrenta o Iguatu-CE, às 16h. Esta será a quarta participação consecutiva do clube paraibano no torneio. O duelo contra os cearenses será a primeira partida do Dinossauro após conquistar o tricampeonato estadual.

As equipes se enfrentam pela terceira vez na história, conforme o site ogol.com.br. Os jogos anteriores aconteceram em 2023, também na Série D. Os encontros mostraram muita equilíbrio entre os clubes, aproveitando mando de campo, o mandante venceu por 2 a 1.

O Sousa estreia na quarta divisão nacional focado na busca pelo acesso à Série C. Para qualificar o elenco, chegaram o lateral-direito Douglas Dias, ex- Itabaiana-SE, o atleta de 30 anos é formado na base do Santos-SP; e o meio-campista Emerson Bastos, de 29 anos, que disputou o Estadual pelo CSP. Além disso, por enquanto, não teve nenhuma baixa importante no elenco campeão.

Antes da estreia, o técnico Paulo Schardong falou aos microfones da Rádio Tabajara sobre o que espera das primeiras rodadas da Série D: "Como grande parte das equipes vêm de um processo de reformulação, acredito que elas só vão estar prontas depois da quarta rodada. Como a gente não fez reformulação, mas apenas contratações pontuais, eu creio que vamos iniciar bem as cinco primeiras rodadas", afirmou.

Sobre o jogo de estreia diante do Iguatu, Schardong destacou seu respeito pelo adversário, mas entende que, dentro de casa, o Sousa tem que impor seu ritmo: "Acredito que quem tiver mais entrosamento e mais ritmo deve levar vantagem. Acredito também que meus jogadores estão aptos a fazer um bom jogo e, consequentemente, uma grande estreia", disse.

Melhor campanha

A equipe do Sertão disputará a Série D pelo quarto ano consecutivo, sua melhor campanha foi em 2023, quando chegou às quartas de final. Na competição, o Sousa foi o líder de seu grupo, somando 26 pontos. Nos 14 jogos da primeira fase, obteve oito vitórias, dois empates e apenas quatro derrotas. O bom desempenho seguiu nas fases posteriores, no mata-mata bateu Falcon FC/SE e Atlético/CE e parou nas quartas de final, quando perdeu para a Ferroviária/SP.

O objetivo, agora, é repetir o futebol apresentado durante o Estadual no Brasileiro e chegar ainda mais longe que no ano anterior. "É difícil se manter no topo, mas eu já passei para o elenco e todos os jogadores assimilaram bem. Estamos trabalhando do forte, com muita dedicação e intensidade. Temos que ter muita humildade e continuar sabendo quem nós somos e o que podemos fazer", ressaltou Paulo Schardong.

Foto: Emerson Marvin/Sousa



Paulo Schardong acredita numa estreia com vitória em casa

ELENCO DO SUB-17

Serra Branca busca novos talentos

Mais de mil jovens participaram de "peneirões" em várias cidades; 27 foram aprovados e já estão alojados

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Com participação confirmada no Campeonato Paraibano Sub-17 2024, que inicia no próximo dia 4, o Serra Branca tem ido atrás de atletas para compor o elenco. Durante as últimas duas semanas, o clube realizou seletivas em cinco cidades no interior do estado, visando encontrar jovens promissores nascidos entre os anos de 2007 e 2009. Os aprovados na primeira etapa técnica já estão alojados no Centro de Treinamento do Carcará, em Campina Grande, onde têm sido continuamente avaliados antes de serem integrados, efetivamente, ao time.

Ao todo, 1.056 meninos se inscreveram para as "peneiras" realizadas em Campina Grande, Serra Branca, Congo, Monteiro e Esperança. Entre os 27 aprovados está Pedro Tcharlles Barbosa, de 15 anos, que joga de lateral-esquerdo. Antes do Serra Branca, Pedro integrou a equipe de base nas categorias Sub-14 e Sub-15 do Ceará, onde foi campeão da Copa Seromo e do Circuito Vozão.

Apesar da pouca idade, ele já tem um alvo bem definido e vai em busca de alcançá-lo. "Meu objetivo é o mesmo de qualquer jovem e criança, me tornar um jogador de futebol profissional; acredito que, no Serra Branca, as chances desse sonho se concretizar são maiores, já que o clube possui uma das melhores infraestruturas da Paraíba e do Nordeste", disse.

Um dos desafios extracampo a serem enfrentados pelo jovem é a distância dos familiares, que moram no município de Boqueirão, no Cariri paraibano, mas a mãe, Myrele Barbosa, que o inscreveu na seletiva do Serra Branca, garante que ele saberá contornar a situação. Ela se formou em Pedagogia e especializou-se em Neuropsicopedagia para dar o suporte necessário ao filho.

"A saudade é grande, eu costumo dizer que ser mãe de atleta é mais difícil que o normal, mas eu sempre o preparei para esse momento, de forma alguma afeta negativamente, pois já vínhamos preparando ele psicologicamente para esse momento. Digo todos os dias pra ele que se teve essa oportunidade não a desperdice, pois muitos outros garotos gostariam de estar no lugar dele e não conseguem. Falamos sempre também que o futebol foi feito para desistir, pois a caminhada é dura e longa, mas os que não desistem no processo certamente chegarão à vitória", destacou Mirely.





Fotos: Arquivo Pessoal

Pedro Tcharlles, de 15 anos, foi aprovado e está integrado ao Serra Branca, depois de se destacar nas categorias de base do Ceará e até ser campeão

Trabalho de base vem obtendo bons resultados

O primeiro projeto de categoria de base do Serra Branca foi o sub-20, em 2023, que logrou êxito ao conquistar o título paraibano em sua primeira participação, além de representar a Paraíba, junto com a Queimadense na Copinha 2024. Para montagem do time, à época, foram realizadas seletivas no mesmo estilo das feitas nas últimas semanas. A ideia dos dirigentes é que os atletas possam continuar no clube e, ao manter o bom desempenho, chegar ao time titular profissional.

"Estou extremamente orgulhoso e feliz aqui, concluindo nossa captação. Nós começamos na semana passada a fazer esse recrutamento lá no Cariri, iniciamos por Serra Branca. Que a gente consiga ter o mesmo êxito que tivemos no ano passado com o jovem Pedro, que conseguiu, em pouco tempo, alcançar o êxito, o objetivo de estar em um dos maiores clubes do Brasil", comemorou o presidente Alexandre Pereira.

Pedro Vitor, de 17 anos, chegou ao time do Serra Branca após participar de uma peneira no Cariri paraibano. O jovem conquistou o título estadual pelo Sub-20 do Serra Branca, em 2023, e, em função do seu desempenho, passou a treinar entre os profissionais do time, a convite do técnico Ranielle Ribeiro. O meia-atacante chamou a atenção dos recrutadores do Grêmio enquanto disputava a Copinha neste ano, e foi emprestado, no início do ano, ao Tricolor Gaúcho para jogar na equipe Sub-20 até 2025, podendo ser comprado após o período.

"Tivemos muito sucesso e muita felicidade, principalmente na cidade de Campina Grande que tivemos mais de 500 atletas inscritos. Estamos já ajudando a construir o sonho de cada jovem desses, todos eles serão acolhidos com todo carinho, com toda a estrutura de alimentação, suplementação, estrutura médica e tudo para que a gente consiga fazer deles futuros atletas, futuros jovens promissores e que, juntos, a gente consiga construir o sonho de estar disputando nos grandes gramados brasileiros", completou Alexandre.

Para Dagberto Júnior, supervisor de futebol do Carcará, a seletiva de novos jogadores é motivo de comemoração. "Uma alegria para nós, ver jovens buscando um espaço no futebol, tentando realizar os sonhos e o Serra Branca está contribuindo de alguma forma, não só na questão esportiva, como também na formação do jovem, do aluno, é isso que a gente quer melhorar e evoluir cada dia mais para o futebol da Paraíba", pontuou.

O técnico da equipe sub-17 do Serra Branca, Elpidio Silva, um dos responsáveis por acompanhar os atletas recém-chegados, destacou a relevância das seleções de atletas realizadas pelo clube. "As peneiras são muito importantes devido a muitos garotos não terem a oportunidade de estar no Treze, Campinense, Queimadense, às vezes, e o Serra Branca tem feito isso, principalmente no Cariri, tem dado muitas oportunidades, e hoje temos uma pérola no Grêmio devido a uma peneira", destacou Silva.

O Campeonato Paraibano Sub-17 deste ano terá 35 clubes, divididos em sete grupos. No grupo Agreste/Sertão, junto ao Serra Branca, estão Queimadense, Serrano-PB, Esporte de Patos e Sabugy, que vão em busca do título do campeonato estadual, do qual o CSP é o atual bicampeão. O primeiro adversário do Carcará será o Serrano, em jogo previsto para o dia 11 de maio, no CT Erasmo Alves Ribeiro, em Campina Grande.

> **A saudade é grande, eu costumo dizer que ser mãe de atleta é mais difícil que o normal, mas eu sempre o preparei para esse momento**
>
> Myrele Barbosa

Pedro Victor, de 17 anos, foi destaque na Copa São Paulo deste ano e foi emprestado ao Grêmio até o próximo ano



Fotos: Arquivo pessoal

Garotos do Serra Branca seguem sonhando em ser um jogador profissional e estão sempre atentos às preleções para a prática do bom futebol

Foto: Divulgação/FIFA



O título da Copa Libertadores conquistado em 2022 garantiu a presença do Flamengo no Mundial de Clubes de 2025, que será disputado por 32 clubes no próximo ano, nos Estados Unidos

FLA NO MUNDIAL DE CLUBES 2025

Apoio de 45 milhões de torcedores

Fifa destaca o elenco estrelado do Rubro-Negro, a história, os craques e a paixão da maior torcida no Brasil

O Flamengo será um dos representantes da Conmebol na primeiríssima edição do Mundial de Clubes da Fifa 25. Com seu elenco estrelado e uma das maiores torcidas do planeta (mais de 45 milhões de pessoas), o Rubro-Negro do Rio de Janeiro conquistou a Copa Libertadores em 2022 e, agora, se prepara para o torneio global sob o comando do técnico Tite – que já disputou duas edições da Copa do Mundo da Fifa (2018 e 2022) como treinador do Brasil.

Aqui, a Fifa descreve o perfil de um dos clubes mais tradicionais do Brasil, explica como foi sua trajetória para se classificar para essa competição e quais são as figuras mais lendárias que já vestiram sua camisa em diferentes décadas.

O Flamengo foi campeão da Copa Libertadores da Conmebol pela terceira vez em sua história em 2022, com vitória por 1 a 0 na final contra o Athletico Paranaense, e se classificou para o Mundial de Clubes Fifa 25 (o processo classificatório para o torneio leva em conta o desempenho dos clubes na sua respectiva competição continental – neste caso, a Libertadores – entre os anos de 2021 e 2024).

A final ocorreu em jogo único e campo neutro. O único gol da partida foi feito por Gabriel Barbosa, o "Gabigol", que se acostumou a ser decisivo na Libertadores: em 2019, ano em que o Flamengo também foi campeão, ele já havia feito dois gols na virada por 2 a 1 sobre o River Plate na final daquele ano.

O título de 2019 não contou para a classificação para o Mundial, mas foi uma das primeiras grandes demonstrações de força de um time muito perigoso.

O Clube de Regatas do Flamengo nasceu em 1895, na cidade do Rio de Janeiro, como um clube de remo fundado por um grupo de jovens do bairro do Flamengo. A ideia inicial era competir no remo contra equipes de outros bairros da capital, mas outras modalidades logo foram acrescentadas. O futebol chegou ao Mengão em 1911.

Os primeiros anos de futebol flamenguista tiveram conquistas regionais como o Campeonato Carioca. Demorou algumas décadas até que o Flamengo se impusesse no cenário nacional, em grande estilo, e a era de ouro nos anos 1980 fez valer a pena toda a espera.

> **2022**
>
> **O Flamengo foi campeão da Copa Libertadores ao vencer o Athletico-PR por 1 a 0, gol de Gabriel Barbosa, o terceiro título da competição. Os outros foram 1981 e 2019**

Com gigantescos jogadores como Zico, Júnior e Leandro, que se tornaram lendas do futebol brasileiro como um todo, o clube conquistou inúmeros troféus. Isso inclui o Campeonato Brasileiro de 1980, 1982 e 1983 e a Copa Libertadores de 1981 – aliás, neste mesmo ano, o Rubro-Negro venceu o Liverpool por 1 a 0 e foi campeão da Copa Intercontinental, considerada como título mundial.

As décadas de 2000 e 2010 tiveram altos e baixos e, por alguns anos, o Flamengo apostou em elencos menos badalados para equilibrar as finanças, mas ainda foi campeão nacional em 2009 e sempre se manteve na primeira divisão. Até hoje, é um dos dois únicos grandes do país que nunca foram rebaixados no Campeonato Brasileiro (o outro é o São Paulo).

O duro processo de renovação valeu a pena dentro e fora de campo, com títulos, ídolos e melhor estrutura. No fim da última década, o Flamengo voltou a ser poderoso no Brasil e na América do Sul com dois títulos brasileiros (2019 e 2020) e dois da Libertadores (2019 e 2022). Além de novos ídolos como Gabriel Barbosa, Bruno Henrique e Filipe Luís.

O auge foi 2019, o ano dos sonhos para todo flamenguista: o clube fez campanha histórica, quase impecável, e venceu os troféus nacional e continental. Só não foi perfeito porque, em dezembro, o Liverpool se vingou por 1981 e venceu por 1 a 0 na final da Copa do Mundo de Clubes da Fifa. Um grande jogo à altura desses gigantes, definido na prorrogação.

Foto: Wikipédia

Leônidas da Silva foi uma das estrelas do Flamengo na década de 30 e 40

Ídolos

Tratado como antecessor de Pelé (e sucessor de Leônidas da Silva) no posto de estrela do futebol brasileiro, Zizinho é uma das lendas mais antigas do Flamengo por suas habilidades, os títulos estaduais que conquistou e sua influência revolucionária. A genialidade do "Mestre Ziza" transcendeu o tempo e está para sempre na história da Copa do Mundo da Fifa™, da qual foi eleito Melhor Jogador em 1950.

Zico

Zico é ídolo incontestável do Flamengo não apenas por sua genialidade em campo, mas também por sua dedicação e amor pelo clube. O "Galinho de Quintino", como é conhecido, brilhou como poucos e mostrou técnica refinada, visão de jogo extraordinária e uma capacidade única de decidir partidas. Sua liderança em campo e sua identificação com a torcida fizeram dele uma figura lendária e reverenciada não só pelos flamenguistas.

As glórias de Zico pelo Flamengo são um capítulo à parte na história do clube. Ele levou o clube a diversos títulos estaduais, nacionais e internacionais. Os destaques foram as conquistas do Campeonato Brasileiro de 1980, 1982 e 1983, a Copa Libertadores de 1981 e a Copa Intercontinental de 1981. O craque fez gols decisivos e foi um maestro em campo, distribuindo assistências e elevando o nível de seus companheiros de equipe.

Júnior

"Maestro" Júnior e Júnior "Capacete". Não importa como você o chame, o fato é que Júnior poderia ter "Flamengo" como sobrenome porque ele e o clube nasceram um para o outro. O lateral-esquerdo e meio-campista foi uma liderança tática em campo, com muita versatilidade, e tornou-se um exemplo de profissionalismo.

Contemporâneo de Zico por alguns anos e dos lendários Leandro e Adilio, ele também foi campeão da Libertadores de 1981 e do Brasileirão em 1980 e 1982. Ainda por cima, Júnior voltou ao Flamengo em 1989 – aos 35 anos e a pedido de seu filho, que nunca o havia visto jogar pelo clube – e venceu mais uma vez o principal torneio nacional.

Foto: Reprodução/Facebook

O paraibano Júnior fez história no Flamengo como um dos melhores laterais-esquerdos do país

Foto: Divulgação/FIFA



Zico em ação no jogo contra o Liverpool que garantiu o primeiro título mundial do Flamengo

BRASILEIRÃO

Flamengo pega o Botafogo sob pressão

Perda da invencibilidade e má campanha na Libertadores incomodam o Rubro-Negro no clássico de hoje, no Maracanã

Foto: Vitor Silva/Botafogo



Este ano, as duas equipes já se defrontaram pelo Carioca com vitória rubro-negra por 1 a 0, no lance, disputa de bola entre o meia Gerson e o atacante Tiquinho

Flamengo e Botafogo abrem os jogos deste domingo pelo Brasileirão - são mais cinco jogos - a partir das 11h, no Maracanã, pela quarta rodada. O Rubro-Negro vem de uma derrota, perda de invencibilidade de 23 jogos na última quarta-feira, quando o Bolívar fez 2 a 1 pela Libertadores -, enquanto o Botafogo vem dando mostras de evolução e venceu o Universitário, do Peru, pela mesma competição por 3 a 1. No Série A, na rodada anterior, o Flamengo empatou sem gols diante do Palmeiras e o Fogão goleou o Juventude por 5 a 1. O time, comandado por Tite está sob pressão após a derrota na Bolívia e a má campanha na Libertadores.

Esse será o segundo encontro dos dois times na temporada, já que em fevereiro o Fla venceu o arquirrival por 1 a 0, pelo Estadual.

O Flamengo, no início da rodada, ontem, aparecia na segunda posição com sete pontos, um a mais que o Alvinegro. O Premiere, no *pay-per-view*, vai transmitir o jogo entre Flamengo e Botafogo, pela 4ª rodada do Campeonato Brasileiro.

Flamengo e Botafogo já disputaram 347 clássicos ao longo da história. Até aqui, o Fla é quem manda no confronto, com 129 vitórias. O Glorioso derrotou o rival em 105 oportunidades. Outras 113 partidas acabaram empatadas. Mas, o Rubro-Negro também vem de uma boa sequência contra o arquirrival com quatro vitórias, contra uma do Botafogo

O Flamengo tem apenas um desfalque certo: Everton Cebolinha, que se recupera de um problema físico. Arrascaeta, Pedro, Léo Pereira e os outros jogadores que foram poupados na Bolívia voltam a ficar à disposição de Tite.

Embalado, o Botafogo chega motivado ao seu quarto jogo no Brasileirão 2024. A equipe vive bom momento com o técnico Artur Jorge, mas vai ter de lidar com baixas no clássico. Marçal, Rafael e Matheus Nascimento, lesionados, estão fora. Tiquinho, que sentiu na partida da Libertadores é outra baixa.

Além de Flamengo x Botafogo, outro jogo chama a atenção do grande público, é o clássico Corinthians x Fluminense, às 16h, na Neo Química Arena. O time paulista atravessa uma péssima fase e iniciou a rodada na zona de rebaixamento com um ponto em três jogos e ainda sem marcar gol, diferente do adversário que está melhor colocado, mas longe de mostrar o seu grande futebol que o levou à conquista da Copa Libertadores do ano passado. E por falar na competição continental, os comandados de Fernando Diniz vêm de um empate sem gols diante do Cerro Porteño, no Paraguai, resultado que ainda deixou o time na liderança de seu grupo. O Timão, que disputa a Copa Sul-Americana, vem de derrota para o Argentino Juniors, fora de casa por 1 a 0 e não está na zona de classificação à segunda fase.

Outro jogo que promete bastante será disputado às 18h30, no Castelão, entre o Fortaleza, atual sensação da Copa Sul-Americana, principalmente depois da vitória sobre o Boca Juniors por 4 a 2 na última quinta-feira, se mantendo com 100% de aproveitamento, após três jogos e na liderança, e o Bragantino que também faz boa campanha na mesma competição e aparece em segundo lugar de seu grupo, liderado pelo Racing. Na tabela do Brasileiro, o time paulista está na parte de cima e o cearense entre os 10 melhores. Completam a rodada os jogos Cruzeiro x Vitória, às 16h; Juventude x Athletico-PR, às 18h30; e Internacional x Atlético-GO, às 20h. Amanhã, no Morumbi, acontece o último da quarta rodada entre São Paulo e Palmeiras, a partir das 20h.

> Flamengo e Botafogo já se enfrentaram em 347 clássicos com 129 vitórias do Rubro-Negro contra 105 do Bota e 113 empates

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO
11h
Flamengo x Botafogo - Premiere
16h
Cruzeiro x Vitória - Globo e Premiere
Corinthians x Fluminense Globo e Premiere
18h30
Fortaleza x Bragantino - Premiere
Juventude x Athletico-PR - Premiere
20h
Internacional x Atlético-GO - SporTV e Premiere

29/4
20h
São Paulo x Palmeiras

SÉRIE B
15h45
Coritiba x Brusque
18h
Goiás x Ponte Preta
29/4
19h30
Mirassol x Ceará

SÉRIE C
16h30
CSA x Ferroviária
Londrina x Ypiranga-RS
19h
Botafogo-PB x Caxias
19h30
Volta Redonda x Floresta
29/4
20h
Ferroviário x Aparecidense
São José-RS x Confiança

Foto: Lucas Merçon/Fluminense Fc



Na última quinta-feira, jogando pela Libertadores, o Fluminense empatou sem gols diante do Cerro Porteño, no Paraguai

EQUIPAMENTO CULTURAL

Viagem no tempo através da melodia

Criada há dois anos, Fonoteca do Instituto Histórico de Campina Grande apresenta acervo com mais de três mil itens

Matheus Farias
Joelson Araújo
Especial para A União



Fotos: Julio Cezar Peres

Espaço conta com uma coleção de discos de vinil, CDs, fitas cassetes e livros doados pelas famílias de Hilton Motta (1924-1992) e Assis Costa (1959-2021)

Belíssima. Otimíssima. Superlindíssima. Neologismos e adjetivos carregados de intensidade eram a marca de Hilton Carneiro Motta (1924-1992), quando ele classificava com uma dessas três palavras – escrevendo no verso das capas dos discos – as faixas para a grade de programação radiofônica. Precisava de muita ousadia e determinação para abrir a pioneira rádio FM de Campina Grande, cidade que sempre teve um "anseio de ser Nova Iorque", nas palavras de Gilberto Gil, em todas as áreas sociais, inclusive na radiodifusão.

Para abrir tal empreendimento, Motta contava com uma vasta experiência em emissoras de rádio e em difusoras revelando nomes artísticos consagrados por toda a eternidade como Marinês (1935-2007), a "Rainha do Xaxado", que nasceu em Pernambuco e se criou na "Rainha da Borborema". Essas rainhas se encravaram no coração de Motta, que respirou intensamente o forró e incorporou a alma pujante de Campina no seu espírito, marcado pela resiliência.

Foi justamente por amar a "Capital do Trabalho" que ele fez de sua rádio FM, um símbolo de gosto musical, já que músicas caribenhas, francesas, eruditas e tantas outras estavam constantemente na grade de programação da emissora, que sofria interferência do seu fundador. Motta comentava, com anotações escritas a próprio punho, o que achava de uma determinada canção e, no final dos comentários, ele aprovava ou não a exibição da mesma.

Essas são marcas de um tempo e – como já dizia o escritor português Fernando Pessoa (1888-1935) – tudo o que é bom dura o tempo necessário para ser inesquecível. Essa "era Hilton Motta" não é inesquecível apenas por estar na memória de muita gente que teve a honra de conhecê-lo ou de trabalhar com ele. Essa época está viva e imortalizada na Fonoteca do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), que guarda boa parte do acervo tanto da Campina FM de Motta, como a coleção do jornalista Assis Costa (1959-2021), cuja família doou para o IHCG discos de vinil, CDs, fitas cassetes e livros que pertenceram ao comunicador. O equipamento cultural ainda expõe diversos modelos de radiolas, possibilitando o visitante ouvir, à moda antiga, um disco das suas prateleiras.



Localizado no primeiro andar da sede da IHCG, local conta a história da música em diversos estilos, sobretudo, o forró

O espaço foi formado há dois anos no mesmo prédio da Biblioteca Municipal Virgínius da Gama e Melo, sob curadoria do ativista cultural Xico Nóbrega, pesquisador da vida e obra de Luiz Gonzaga (1912-1989), o "Rei do baião". A história de Nóbrega está tão ligada a Gonzagão que foi no dia do aniversário do cantor, em 13 de dezembro, que ele recebeu a missão de cuidar dos acervos de Motta e Assis Costa.

"A Fonoteca do IHCG faz parte de uma rede de museus fonográficos nacionais, desde as fundações dos Museus da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro e de São Paulo, em 1970, seguidos de outros do gênero pelo Brasil, com o objetivo de preservar documentos sonoros, audiovisuais, sobretudo, oriundos da música popular: discos, partituras, e até do meio radiofônico: textos de novelas, *scripts* de programas marcantes e fotografias", resumiu Nóbrega.

São 3.200 itens que contam a história da música em vários estilos, sobretudo, o forró. Xico Nóbrega conta que todo cantor e cantora de forró que estava iniciando sua carreira deixava um disco na Campina FM. Esse suporte fonográfico, como diz o ativista, era minuciosamente examinado por Hilton Motta, principalmente se continha palavras de duplo sentido, as quais o comunicador não costumava aprovar na época. "(Ele) aplicava censura moral aos artistas que cantavam o duplo sentido, como a Biliu de Campina, Genival Lacerda, João Gonçalves", elencou o curador da Fonoteca.

"A Rádio Campina Grande FM é a primeira emissora em frequência modulada da Paraíba, e a segunda do Nordeste. Desde 1978 se destacou na radiofonia campinense e paraibana com uma programação musical variada e de qualidade, que tinha por trás o excelente gosto musical do seu fundador, apaixonado por música popular brasileira e estrangeira: francesa, americana, caribenha, música erudita, ópera, folclórica, que tinha influência direta na formação da discoteca da própria emissora", apontou Xico Nóbrega. "O acervo de Assis Costa, por sua vez, nos agregou riquíssima discografia de música nordestina dos seguidores de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, cantores, cantoras e sanfoneiros. Com isso, dispomos de coleções completas e incompletas de LPs, além dos patriarcas citados, de Marinês, Trio Nordestino, Zito Borborema, Zé Calixto, Gordurinha, Abdias, Ary Lobo, Jacinto Silva, Dominguinhos, Geraldo Correia, Genival Lacerda, Ludugero, Messias Holanda, Elino Julião, João Gonçalves, Alcimar Monteiro, Sirano e Sirino, Flávio José, e dezenas de outros forrozeiros".



Curador Xico Nóbrega com uma das radiolas da Fonoteca

Nem só de forró vive a Fonoteca do IHCG. Sendo um espaço que funciona como guardião da memória da cidade, não poderia deixar de ter, em seu acervo, materiais de grupos musicais da cidade. Um deles é a banda de *rock* Albatroz, que surgiu nos anos 1980, justamente no período de consolidação do "Maior São João do Mundo". Campina Grande é uma verdadeira mãe que acolhe seus filhos, sejam eles nativos ou adotados, forrozeiros ou roqueiros. O grupo teve muita popularidade na cidade tanto pela diversidade de *covers* como pela variedade do repertório, inspirando, assim, o surgimento de outras bandas de *rock* em Campina Grande.

Ainda há no acervo doado pela família de Assis Costa, segundo o curador, dezenas de entrevistas em fita cassete com artistas, como Dominguinhos, Marinês, Zé Calixto, dentre outros, além de personalidades políticas que foram ouvidas pelo radialista.

Visitar, portanto, a Fonoteca é fazer uma verdadeira viagem no tempo e conhecer nossas raízes, gostos e referências da música e da vida já que arte é vida e sem música a vida seria um erro, como já dizia o filósofo prussiano Friedrich Nietzsche (1844-1900). O acervo do espaço ainda está sendo catalogado, higienizado e acomodado para que pesquisadores e amantes da música possam ter acesso aos materiais, mas visitantes já podem ir para o local e ouvir os "causos" de Xico Nóbrega e suas empreitadas como curador e guardião da Fonoteca, um lugar *belíssimo*, *otimíssimo* e *superlindíssimo*.

Resguardar

Fonoteca tem como principal objetivo preservar documentos sonoros, audiovisuais e, sobretudo, oriundos da música popular

IHCG – Uma "casa de memória"

O IHCG é o primeiro Instituto Histórico Municipal criado na Paraíba, em 1948, por iniciativa do então prefeito de Campina Grande, Elpídio de Almeida, tendo como seus primeiros membros-fundadores ativos intelectuais da cidade, entre eles Epaminondas Câmara, Hortêncio Ribeiro, João Tavares e Willian Tejo.

Por falta de apoio da sociedade e de governos, o Instituto foi extinto 10 anos após sua fundação, voltando a funcionar em 2012, por iniciativa de Ida Steinmüller, que reuniu historiadores, memorialistas e filósofos da cidade para reinaugurar a "casa de memória".

O espaço visa promover cultura e educação, além de preservar a memória da sociedade campinense. Hoje, reúne um dos maiores acervos documentais sobre Campina Grande, além de uma biblioteca de obras raras e outros equipamentos museológicos. O IHCG tem feito importantes ações para alcançar tais objetivos, como a produção do quadro *Memória*, exibido na Rede Ita de Televisão, confecção do *Jornal do IHCG*, além de eventos como A Semana Elpidiana.

Sua sede está localizada no Edifício Anézio Leão (antiga Câmara de Vereadores), na Rua Maciel Pinheiro, 89, no Centro de Campina Grande. A Fonoteca se encontra no primeiro andar. Para mais informações, basta entrar em contato pelo telefone: (83) 99807-8860.

Linduarte Noronha

Quando não podia fazer cinema, jornalista se “vingava” na reportagem

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Se as fronteiras entre o documentário são tênues, elas estão ainda mais borradas na vida de Linduarte Noronha. Seu filme mais importante, *Aruanda*, classificado com manifesto, marco e obra fundadora do Cinema Novo, nasce de uma reportagem. É por isso que, antes de se identificar como cineasta, crítico e professor de cinema, ele fazia questão de destacar seu trabalho como jornalista.

Foi um paraibano que nasceu em Pernambuco. A contradição dessa afirmativa se justifica pelo fato de ter sido nestas terras que Linduarte construiu sua história. Ainda com três anos de idade deixou a cidade de Ferreiros (PE), onde nasceu em 24 de agosto de 1930, para morar em João Pessoa (PB) até o fim da vida. Foi na Paraíba que teve seu primeiro contato com a Comunicação, quando ainda era estudante do Lyceu Paraibano, em 1947. Depois de um teste de locução, foi admitido na Rádio Tabajara, onde apresentou programas como *Os Mestres do Conto, Concerto Noturno, Ondas Literárias,* vindo a assumir, em 1952, a direção das produções de radioteatro. Paralelamente, estudava na Faculdade de Direito da Paraíba, obtendo o diploma de bacharel em 1958.

Do rádio para o jornal foi um pulo. Linduarte Noronha se encontrou na produção de reportagens, especialmente de fotorreportagens, atividade que ele mesmo atribuiu como a base para seu trabalho como cineasta. “A minha atuação antes do cinema era jornalística. Texto e foto. Passei muitos anos trabalhando nisso”, revelou em uma entrevista concedida à jornalista Ana Carvalho para a revista *Devires*.

Já no início da carreira, em 1955, venceu o 1º Prêmio Internacional de Fotorreportagem no Festival Mundial de Praga com o trabalho “Os Donos da Lama”, publicado em **A União**. Para produzi-lo, Linduarte conviveu durante 15 dias com as populações das margens do Rio Paraíba, retratando “a vida do homem da lama, do pescador de caranguejo, elemento típico da paisagem humana das populações ribeirinhas”, como destacava a nota publicada pelo veículo por ocasião da premiação.

É dessa época também um retrato do profissional, traçado pelo Jornal *O Norte:* “Linduarte Noronha estuda Direito e ensina Geografia em dois colégios da capital, além de exercer outras atividades onde não está incluída a cinematográfica, que ele põe em lugar reservado. De estatura mediana, forte e expansivo, gosta, acima de tudo, de cachimbo, razão por que aceitou a presidência do Mboi Tatá Pipe Club, que congrega o pessoal da imprensa provinciana que cultiva o uso do cachimbo”.

Apesar de vencer o concurso internacional, Linduarte não chegou a receber o prêmio – uma viagem à Tchecoslováquia e uma máquina de escrever – porque foi proibido pelo Itamaraty, que alegou se tratar de um país socialista. O episódio não desanimou o jornalista, que continuou produzindo tanto para **A União**, como para revistas nacionais, onde se tornou correspondente: “Feira de Pássaros”, reportagem que denunciava o engaiolamento dos animais, publicada na revista *Cigarra,* e “No Itinerário do Menino de Engenho”, para a revista *Manchete,* são algumas dessas produções. Nesta última, passou uma semana na cidade de Pilar (PB) conversando e fotografando alguns tipos “criados” por José Lins do Rego. “Tinha muita gente viva ainda, alguns personagens, aquelas pretas de engenho, muito velhinhas”, contou o jornalista.

Apesar do reconhecimento nacional, “a velha e querida **A União**”, como costumava se referir, nunca foi esquecida. E foi no centenário jornal onde publicou as reportagens que deram origem, depois, a sua emblemática obra, *Aruanda.* A primeira delas, “Reflexos de uma catequese: ritual africano em domínio branco”, retratou a origem do festejo dedicado a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no qual remanescentes quilombolas reproduziam sua ancestralidade africana.

A segunda reportagem, “As oleiras de Olho D’água da Serra do Talhado”, publicada em duas partes, em agosto de 1956, nasceu de um convite recebido naquela primeira visita para conhecer o modo de vida da comunidade. “Olhei para a serra e isso me ficou na cabeça. (...) Foi quando, meses depois, eu disse a um colega, Dulcídio Moreira: ‘Vamos para lá, para a Serra do Talhado, fazer uma reportagem?’. Fomos para Santa Luzia e lá fizemos amizade com um tenente reformado, Tenente Vieira, que foi o guia nosso na serra. Ficamos lá o dia todo, fotografei muito, inclusive os que futuramente foram integrantes do filme. Fiz amizade com João Carneiro, que era uma espécie de chefe, e Manuel Pombal, tocador de pífano”, descreve o jornalista.

Linduarte Noronha não media esforços (no sentido literal da palavra) para conseguir levar adiante as ideias de suas reportagens. No caso da reportagem sobre os manguezais, vencedora do prêmio internacional, ele percorreu 12 quilômetros até a foz do rio, comendo farinha e tomando cachaça para anestesiar o corpo e tentar esquecer as picadas dos maruins. Já na reportagem sobre a Serra do Talhado, foram 24 quilômetros percorridos entre a última fazenda, ao sopé da serra, até o local onde habitava a comunidade quilombola. “Durante mais de duas horas, caminhamos na lomba de animais sob sol abrasador, cercados de vegetação xerófila, típica, e quebradas de serras que se sucedem numa monotonia sem fim e cansativa”, escreveu Noronha. Ele procurava fazer uma verdadeira imersão na realidade que pretendia reportar, lançando mão de um jornalismo baseado no método etnográfico, que, inclusive, incorporava o próprio processo de apuração à reportagem.



Ilustração: Tônio

“Paraibano que nasceu em Pernambuco”, Linduarte Noronha exerceu uma singular militância humanista ao longo da sua vida, com foco na sua paixão pela palavra, pela fotografia, pelo rádio e pelo cinema

Mas a fotografia era uma forma de Linduarte se aproximar da Sétima Arte, pela qual sempre teve fascínio. Cecília Noronha, jornalista e sobrinha do cineasta, relatou que encontrou um dos trabalhos colegiais do tio no qual ele já usava a fotografia para fazer o relatório de uma viagem escolar. “Ele colocou as fotos que tirou e escreveu embaixo delas. Então essa questão do texto e imagem já vem desde a adolescência. A geração dele, na verdade, se encantou pelo cinema. E como não podia fazer cinema ainda, fazia fotografia. Ele falava, inclusive, das caixinhas de papelão que fazia para projetar os filmes”, explica Cecília, que também vem pesquisando as relações dialógicas em *Aruanda*.

A pesquisadora avalia que a obra de Linduarte, seja como jornalista ou cineasta, possui um forte traço regionalista, procurando fortalecer a noção do homem do Nordeste no seu habitat. Cecília acredita que essa característica é fruto da educação que seu tio, como os de sua geração, tiveram: “Essa relação com o espaço, da geografia humana, está presente em todo o trabalho dele. Ele estabelece um diálogo com figuras da época como Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, José Lins do Rego e até ressignificando outras figuras, como Nina Rodrigues. Todo o percurso profissional dele tem um relacionamento com o homem e o microcosmo geográfico”.

A repercussão de *Aruanda* creditou Linduarte para assumir, em 1963, a dianteira de um setor de cinema que estava sendo implantado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Com o golpe civil-militar de 1964, o então reitor Mário Moacyr Porto foi exonerado, e Linduarte acusado de comunismo pela compra de uma câmera de fabricação russa, que havia sido adquirida – tudo legalmente – em uma feira de equipamentos audiovisuais, no Rio de Janeiro. O fato foi registrado no documentário *Kohbac, a maldição da câmara vermelha* (2009), de Lúcio Vilar. O historiador Claudio Lopes explica que desse fato se espalharam boatos (as *fake news* não são de hoje) de que Linduarte seria amigo pessoal do primeiro secretário do partido comunista da finada União Soviética e costumava fumar charuto com Fidel Castro, em Cuba.

“Demitido, ficou no período de 1964-1979, na chamada Rua da Amargura – ‘Eu não podia nem vender amendoim na cidade’. Entre outras agruras, foi impedido de se submeter a concurso de direito e, convidado pela Universidade Federal de Brasília para ser professor titular (1968), não pôde assumir o cargo em decorrência de ‘documento’ oriundo da UFPB”, afirma Lopes. Nas entrevistas concedidas, Linduarte fazia questão de ressaltar que a perseguição e a censura vinham tanto de militares quanto de civis, que formavam verdadeiras CPIs do cinema para impedi-los de trabalharem.

Linduarte seguiu escrevendo a coluna de crítica cinematográfica em **A União**. “Escrevi diariamente sobre cinema durante 15 ou 20 anos, eu acho. Mas, como não podia fazer cinema, eu me vingava, entre aspas, na reportagem”, revelou Linduarte, não sem expressar seu descontentamento pelo processo interrompido. “Destruíram o núcleo cinematográfico de uma universidade, e isso não é brincadeira. Foi a morte de um nascimento. A gente podia ter criado um centro importante de documentário; hoje já tem uma turma boa, mas era para ter começado há 40 anos atrás”, desabafou.

Lúcio Vilar, professor da UFPB e fundador do Fest Aruanda, destaca que Linduarte, ao lado de outros importantes nomes, contribuiu para consolidar e profissionalizar a condição de crítico de cinema nos jornais paraibanos da época. “Sua escrita era cirurgicamente ácida. Ele alternava o caráter, muitas vezes corrosivo, com uma monumental ironia fina quando não simpatizava com uma obra, seja pela fragilidade de seu argumento, roteiro, desempenho de atores ou a direção do filme. Não poupava nem mesmo figuras já coroadas no panteão dos grandes diretores nacionais ou de renome mundial. Era livre e desimpedido para acertar ou errar nas análises e prognósticos; não tinha, portanto, camisa de força, de caráter estético ou ideológico, e sempre fez questão de dizer que nunca sofreu qualquer tipo de censura no Jornal **A União**”, frisou Vilar.

Imagens: Arquivo A União


A UNIÃO
ACUSADOS OS EE.UU. DE PREPARAR INTERVENÇÃO MILITAR CONTRA SIRIA
ALKIMIN DESMENTE
As oleiras de Olho D'água da Serra do Talhado


A UNIÃO
A CHINA COMUNISTA ACUSA OS EE.UU.
As oleiras de Olho D'água da Serra do Talhado
Suspensas as exportações
REAGE O PAQUISTÃO

Publicada em duas partes, em 1956, matéria das oleiras da Serra do Talhado foi a gênese de ‘Aruanda’

Apesar desse vasto legado, essa face do crítico de cinema – assim como de repórter – são pouco conhecidas do público, especialmente das novas gerações. “Ele tornou-se o ‘senhor *Aruanda*’ após o filme, em 1960, e sua trajetória como crítico caiu numa espécie de limbo temporal, que em breve deverá ganhar luz outra vez, pela relevância de sua produção que se confunde ou se mescla com o gênero da crônica, daí sua riqueza e potência a ser revisitada”, comenta Vilar. Outra faceta pouco explorada de Linduarte são sua produção de contos, que apesar de tímida, circularam no suplemento *Correio das Artes* e em *O Norte*.

Somente em 1979, com a criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), é que Linduarte retornou à UFPB. O órgão, que surgiu em cooperação com a Associação Varan-Paris, formada por realizadores e outros profissionais do cinema, buscou estimular a cultura cinematográfica no estado através da capacitação de quadros técnicos. Linduarte se integrou ao então Departamento de Artes e Comunicação (DAC), e passou a lecionar, dentre outras disciplinas, a de Jornalismo Cinematográfico no recém-criado curso de Jornalismo (1977), unindo duas de suas grandes paixões. Na retomada às atividades profissionais, Noronha acumulou nova passagem pela Rádio Tabajara, onde chegou a ser diretor, foi procurador do estado e diretor do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) por 16 anos.

Já aposentado, dedicou-se a prazeres simples da vida, como aproveitar os fins de semana na praia com a família, a leitura e a escrita (muita escrita) nas antigas máquinas de escrever. “Até quando foi possível, ele sintonizava seu radinho de ondas curtas na BBC de Londres. Ele adorava ouvir as badaladas do relógio que são marca dessa estação estrangeira”, narrou Cecília.

Linduarte Noronha faleceu em 30 de janeiro de 2012, em decorrência de dificuldades respiratórias provocadas por uma pneumonia. Para além das contribuições estéticas ao cinema que se tornaram mais conhecidas em *Aruanda* e na direção do primeiro longa paraibano, *O Salário da Morte* (1971), seu legado foi também, como escreveu Lúcio Vilar por ocasião de sua morte, de “um humanista que usou a palavra, a fotografia, o rádio e o cinema para exercer uma singular militância que nenhum vínculo mantinha com partidos ou ideologias”.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

“Dia D” de mobilização pela PEC do Diploma

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) realizou, na quarta-feira passada (24), um “Dia D” de mobilização pela PEC do Diploma. A ação foi executada de modo virtual, pelas redes sociais, com a participação de jornalistas de todo o Brasil.

A iniciativa fez parte da estratégia do 3º Ocupa Brasília pela restituição do diploma da categoria, realizada em Brasília durante três dias. Entre 23 e 25 de abril, dirigentes sindicais dos jornalistas de todas as regiões do país estiveram na capital federal, para dialogar com os líderes partidários sobre a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 206/2012.

Por que isso é importante?

A campanha da Fenaj busca o retorno da exigência do diploma de curso superior em Jornalismo para o exercício da profissão. Tal obrigatoriedade foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2009. De lá para cá, sabemos, tudo piorou. Desde que o Supremo derrubou a exigência do diploma de curso superior em Jornalismo para o exercício da profissão, houve diversos retrocessos relacionados à carreira, como maior precarização do trabalho, redução de vagas e desvalorização da categoria.

A mobilização da Fenaj conta com o apoio de diversas entidades, como Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej), Associação Brasileira dos Jornalistas de Turismo – Nacional (Abrajet) e Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Conforme a federação, recentemente, os Conselhos Regionais dos Profissionais de Relações Públicas (Conrerps) também manifestaram apoio à luta dos jornalistas.



Imagem: Fenaj/Divulgação

Cartaz da mobilização virtual promovida pela Federação Nacional dos Jornalistas

■ O diploma para o exercício do Jornalismo tornou-se exigência em 1969. Tal medida possibilitou o crescimento e o aperfeiçoamento dos cursos de graduação e de especializações para os profissionais desse segmento de comunicação, fortalecendo o mercado de trabalho nesta área.

(Com informações da Fenaj).

Chamada de trabalhos

Até o dia 15 de maio, está aberta a chamada de trabalhos da *Âncora – Revista Latino-americana de Jornalismo do Programa em Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB*. A primeira edição de 2024 tem *pauta livre*. As submissões deverão ser enviadas para a revista por meio do site (periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/index), conforme as diretrizes para os autores. A publicação da revista, que tem como editores Norma Meireles, Glória Rabay e Marcelo Rodrigo, está prevista para julho deste ano.

Comunicação Pública

Já a revista *Organicom*, vinculada à Universidade de São Paulo, está aceitando submissões de artigos para uma edição especial sobre *Comunicação Pública* e *Cidadania*.

A publicação científica tem como escopo produções das áreas de Relações Públicas e Comunicação Organizacional. Essa edição especial (com coordenação dos editores convidados Jorge Duarte e Michele Goulart Massuchin), busca avançar nas pesquisas sobre o tema, abordando interesses e conflitos, uso de tecnologias e adaptação de práticas comunicacionais a contextos culturais e políticos variados. Os textos devem ser enviados até o dia 30 pelo site da Organicom (www.revistas.usp.br/organicom/announcement).

Tocando em Frente

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XIV

Noriel Vilela – Capítulo à parte na existência do grupo Nilo Amaro e seus Cantores de Ébano foi o baixo profundo (Ag)noriel Vilela Arantes, o Nonô dos tempos de menino pobre, nascido em 1936, no bairro carioca Lins de Vasconcelos. Para ajudar a necessitada família, sacrificava a vida de bola de meia e de soltar pipa que lhe suavizava a infância sofrida para enfrentar a vida pesada como torneiro mecânico, o seu primeiro emprego. Os seus dotes vocais diferenciados foram notados desde quando, em folgas noturnas, costumava cantar o repertório da época em serestas e festinhas populares.

Sua extensão vocal chamou a atenção quando da arregimentação de vozes que comporiam o grupo Nilo Amaro e seus Cantores de Ébano: tinha voz de baixo profundo e pele morena, atributos exigidos para fazer parte do grupo.

Em parte o sucesso do conjunto – sem demérito dos demais componentes – deveu-se às suas interferências sonoras, sobretudo nos primeiros sucessos, ‘Leva eu, Sodade!’ (Tito Neto/Alventino Cavalcanti) e ‘Uirapuru’ (Murillo Latini/Jacobina).



Imagem: Reprodução

Capa do único álbum (LP) da fase solo de Noriel Vilela (1936-1975): ‘Eis o Ôme’, lançado originalmente pela Copacabana Records, em 1968

Desfeito o grupo vocálico, para ele tudo voltou à estaca zero. Os dias continuariam difíceis se não fosse a interferência do então diretor da Copacabana Records, Israel Corrêa, que já havia levado para a gravadora outros nomes que se tornaram ídolos populares, como Anísio Silva, Elza Soares, Orlando Dias, Wilson Simonal, Altemar Dutra, Jorge Ben, Trio Esperança e o próprio grupo Cantores de Ébano.

Contratado como intérprete/solo, o sucesso foi imediato com o lançamento de um compacto simples, em um de cujos lados apareceu o samba ‘Só o Ôme’, que o levou a gravar o único álbum (LP) dessa sua nova fase: *Eis o “Ôme”*, de 1968, composto, em parte, de temas ligados ao sincretismo religioso, no caso, de componentes da umbanda. Entre outros e diversos destaques de sua discografia, veio a versão de um sucesso *country*, de Merle Travis, de 1946, *Sixteen Tons*, cujas gravações já haviam sido revividas por Tennessee Ernie Ford, em 1955, e por The Platters, em 1957, neste caso, com o solo inconfundível de Herb Reed. Entre nós, a versão/adaptação de Roberto Corrêa Neves/Noriel saiu, em 1971, em compacto simples, recebendo o nome de *16 toneladas*, e alcançou um índice recorde de vendas.

Noriel Vilela se foi muito cedo, com apenas 38 anos, em 1975, vitimado, segundo as fontes mais confiáveis, por uma anemia profunda, provocada por um processo de leucemia.

CENÁRIO ATUAL

Autoconhecimento ajuda na mudança de carreira

Pesquisa aponta que transição de carreira é uma tendência entre os profissionais

Agência Estado


Foto: Pixabay

No levantamento, 64% querem mudar de empresa em busca de novas chances e melhores salários

No dinâmico cenário atual mundial, cada vez mais profissionais estão buscando uma mudança de carreira como forma de encontrar realização pessoal e profissional. Alguns fatores podem influenciar nessa insatisfação profissional, tais como uma escolha imatura da profissão, falta de perspectiva de evolução na carreira ou até mesmo fatores externos. Um levantamento da consultoria de recrutamento Robert Half, publicado pelo portal *CNN Brasil* mostra que 64% dos entrevistados querem mudar de empresa, em busca de novas oportunidades e melhores salários. Já os outros 36% buscam alguma mudança na área de atuação ou profissão, com objetivos de melhores condições de trabalho e qualidade de vida.

Para se ter uma ideia, essa busca pela transição de carreira já estava se tornando tendência. Um levantamento no início de 2023 feito pelo Linkedin, com a participação de 23 mil trabalhadores em todo o mundo, contando com 1.300 profissionais brasileiros, mostrou que 60% desses trabalhadores brasileiros cogitaram mudar de emprego no mesmo ano e que 20% já haviam iniciado as buscas por um novo trabalho. A pesquisa ainda destacou que a maior parte dos profissionais entrevistados procuravam a autossatisfação e bem-estar com o trabalho ao buscar pela mudança de carreira.

Investir em autoconhecimento pode ser um diferencial nesta etapa de reflexão sobre a mudança de carreira, pois é uma decisão que exige cautela, já que afeta a vida diária e financeira do profissional, explica a consultora de Recursos Humanos Juliana Oliveira. "É importante que o profissional não tenha pressa nesse processo. A mudança de carreira é uma decisão que impacta diretamente a vida e o bem-estar do indivíduo, por isso é necessário refletir com cautela e buscar orientação sempre que necessário", destaca.

Juliana ressalta que o que explica a maior motivação das pessoas para encarar uma transição de carreira são as maiores chances de sucesso e aquisição de conhecimento em outras áreas, o que por consequência enriquece o currículo.

"Há novas modalidades de empregos atualmente e muitos profissionais têm buscado se aprimorar para estes novos cargos. Entre aqueles que pensam em carreira e desejam fazer uma mudança significativa em suas vidas profissionais, testes de comportamentos também andam sendo utilizados para analisar se o perfil tem a ver com a carreira", complementa.

Ainda segundo uma publicação da especialista em gestão de carreiras Mônica Cavalcantti, "muitos profissionais após anos de trabalho percebem que não estão satisfeitos com o que fazem. Sentem-se vazios e vivem uma sensação de que o tempo está escorrendo por entre os dedos, sem que eles tenham deixado sua contribuição no mundo". No entanto, o processo de autoconhecimento não é simples e muitas vezes demanda tempo e dedicação.

A consultora de Recursos Humanos aconselha a tomar cuidado para que não seja feito um movimento por impulso, pois muitos profissionais tomam decisões apressadas que são baseadas em alguma dificuldade pessoal ou apenas a busca por um salário maior, o que pode acabar sendo frustrante.

"Algumas alternativas iniciais para quem deseja mudar de área, mas ainda não sabe exatamente qual caminho seguir é realizar um teste vocacional, conversar com profissionais de áreas distintas e até mesmo realizar cursos fora da área de formação atual. Essas tarefas podem ajudar o profissional a identificar qual área do conhecimento mais lhe agrada e ter uma lista de opções até encontrar o campo que ele realmente deseja trabalhar", conclui.

Charada

Imagem: Pixabay

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Anda ao lado (1) = com + caixa grande (2) = arca. Solução: distrito judicial (3) = comarca. **Charada de hoje**: A dupla (1) tinha a mesma faixa etária (3), por isso desfrutava do mesmo equilíbrio (4) salarial.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

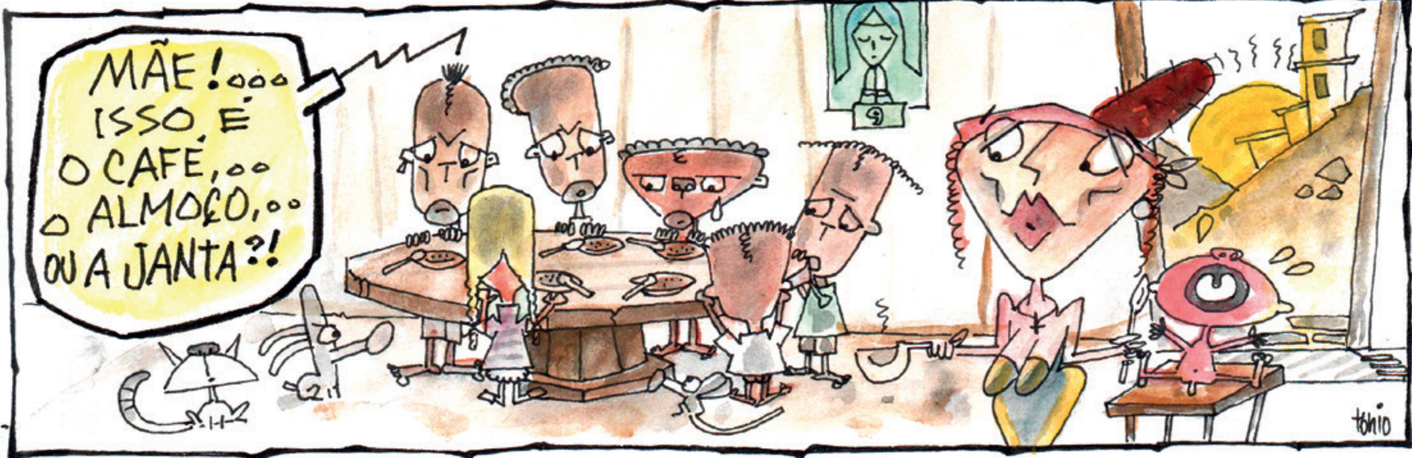



Imagem: Disney/Divulgação

Eita!!!!

Dia de "Star Wars"

No próximo sábado (4 de maio) será celebrado mais um Dia de *Star Wars*. A razão da escolha da data? O evento nasceu de um trocadilho com "May the Force be with you" ("Que a Força esteja com você", em tradução livre), saudação presente em vários momentos dos filmes da franquia de ficção científica. Sonoramente em inglês, os fãs diziam: "May the Fourth be with you" ("Que o 4 de maio esteja com você"), soando semelhante com a famosa frase da obra criada por George Lucas.

Vilão e "mocinho"

Darth Vader foi o primeiro personagem do universo *Star Wars* (antes batizado literalmente de *Guerra nas Estrelas* no Brasil) criado pelo cineasta George Lucas. Apesar da presença marcante em *Uma Nova Esperança* (1977), o vilão aparece, ao todo, por 12 minutos no longa-metragem que deu origem à franquia. Antes de ser Skywalker, o protagonista Luke (vivido por Mark Hamill) era Starkiller. *Adventures of the Starkiller, Episode I: The Star Wars* era o título da segunda versão do roteiro de *Uma Nova Esperança*. Luke foi rebatizado e chegou à sua personalidade definitiva durante a pré-produção do filme.

Origens

Star Wars é uma homenagem a filmes de samurai (como *A Fortaleza Escondida*, filme de 1958 de Akira Kurosawa) e o bang-bang do Velho Oeste, gêneros que George Lucas consumia e tinha como referência, além das histórias em quadrinhos como Flash Gordon. Ao lado de Steven Spielberg, seu amigo, eles tiveram o *insight* de criar um filme de guerra espacial misturando esses dois estilos.

Franquia premiada e bilionária

Lucas não acreditava que *Star Wars* seria o sucesso que foi, muito menos a Fox, produtora que investiu (a qual acabou concedendo todos os direitos do filme ao cineasta). No dia da *première*, o diretor não estava presente por medo do fracasso. Ele se isolou em seu sítio até receber uma ligação que confirmava o sucesso do longa. *Star Wars* é uma das franquias mais lucrativas da história do cinema. É estimado que os seis filmes da saga arrecadaram cerca de US$ 4,41 bilhões. Sem contar a venda de todos os brinquedos, jogos eletrônicos, histórias em quadrinhos, romances, trilhas sonoras, desenhos animados e produtos derivados. Além disso, esses seis filmes receberam 25 nomeações ao Oscar e venceram 11, seis deles apenas por *Uma Nova Esperança*.

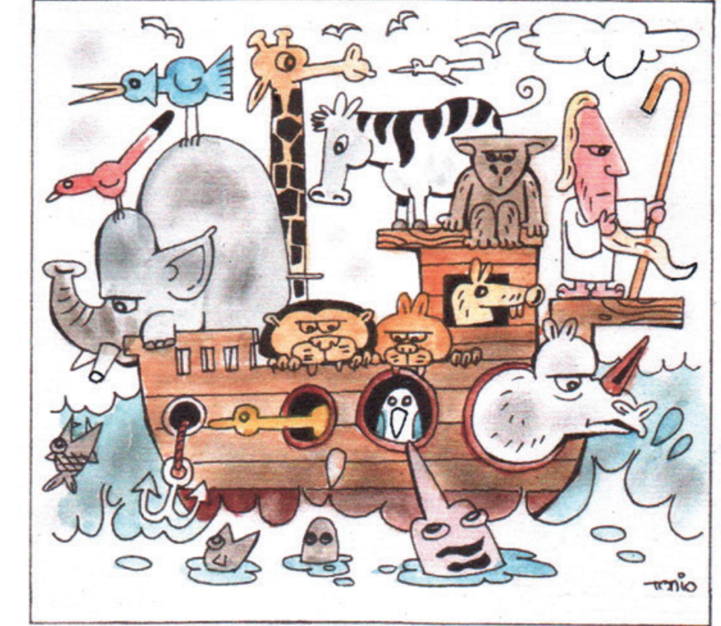
Onde assistir?

Atualmente, a franquia segue com nove filmes e dois *spin-offs*, além de séries e animações. Todos estão disponíveis na plataforma de *streaming* da Disney (que comprou a Lucasfilm por US$ 4 bilhões, em 2012).

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)





Solução

1 – barba de Noé; 2 – cajado; 3 – listra da zebra; 4 – presas do elefante; 5 – bico do pinguim; 6 – nuvem; 7 – pássaro; 8 – água; e 9 – rabo do pássaro.